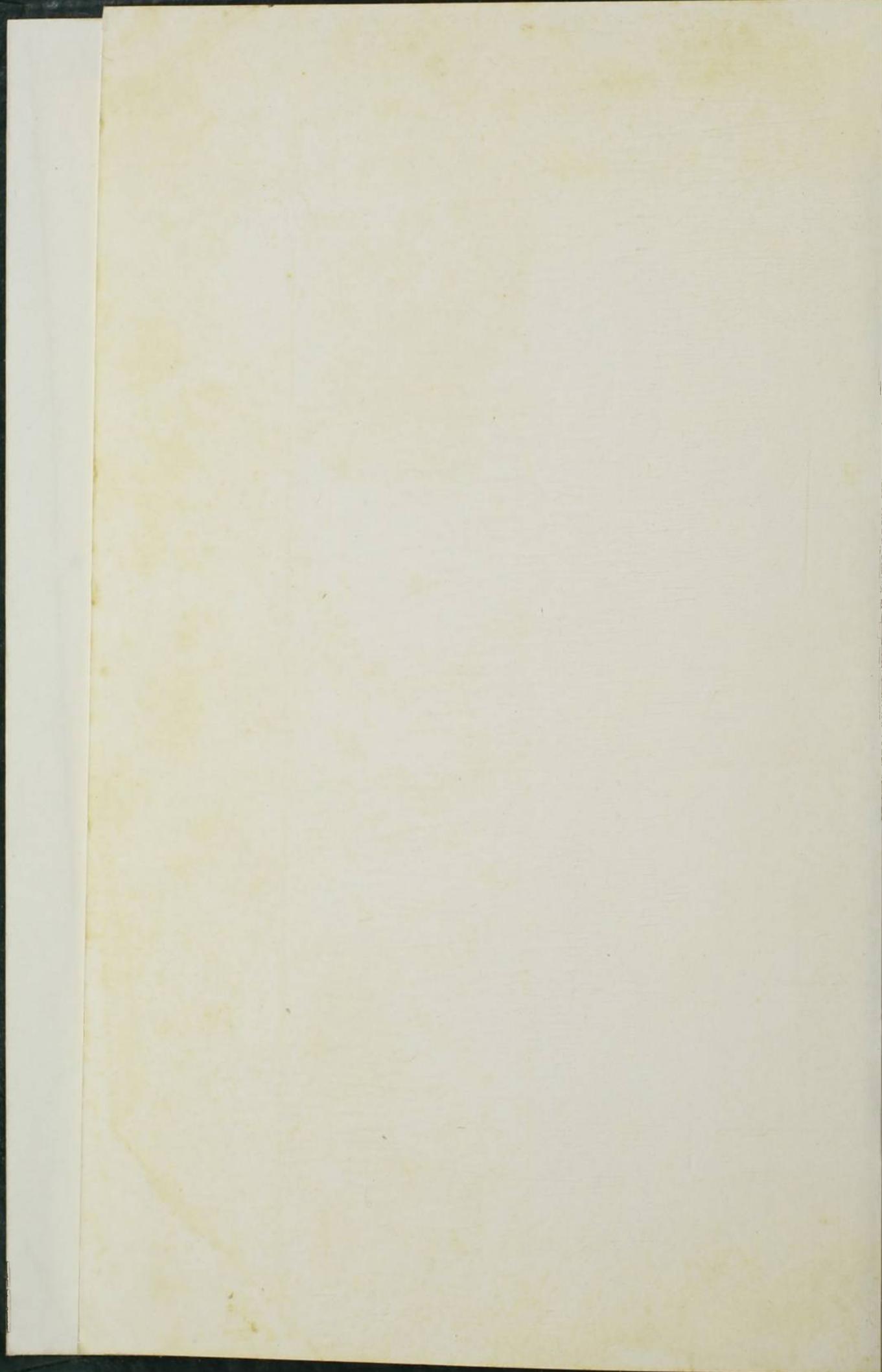


Antonio Lobo

A Carteira de um  
NEURASTHENICO







Antonio Lobo

---

A CARTEIRA

DE UM

NEURASTHENICO

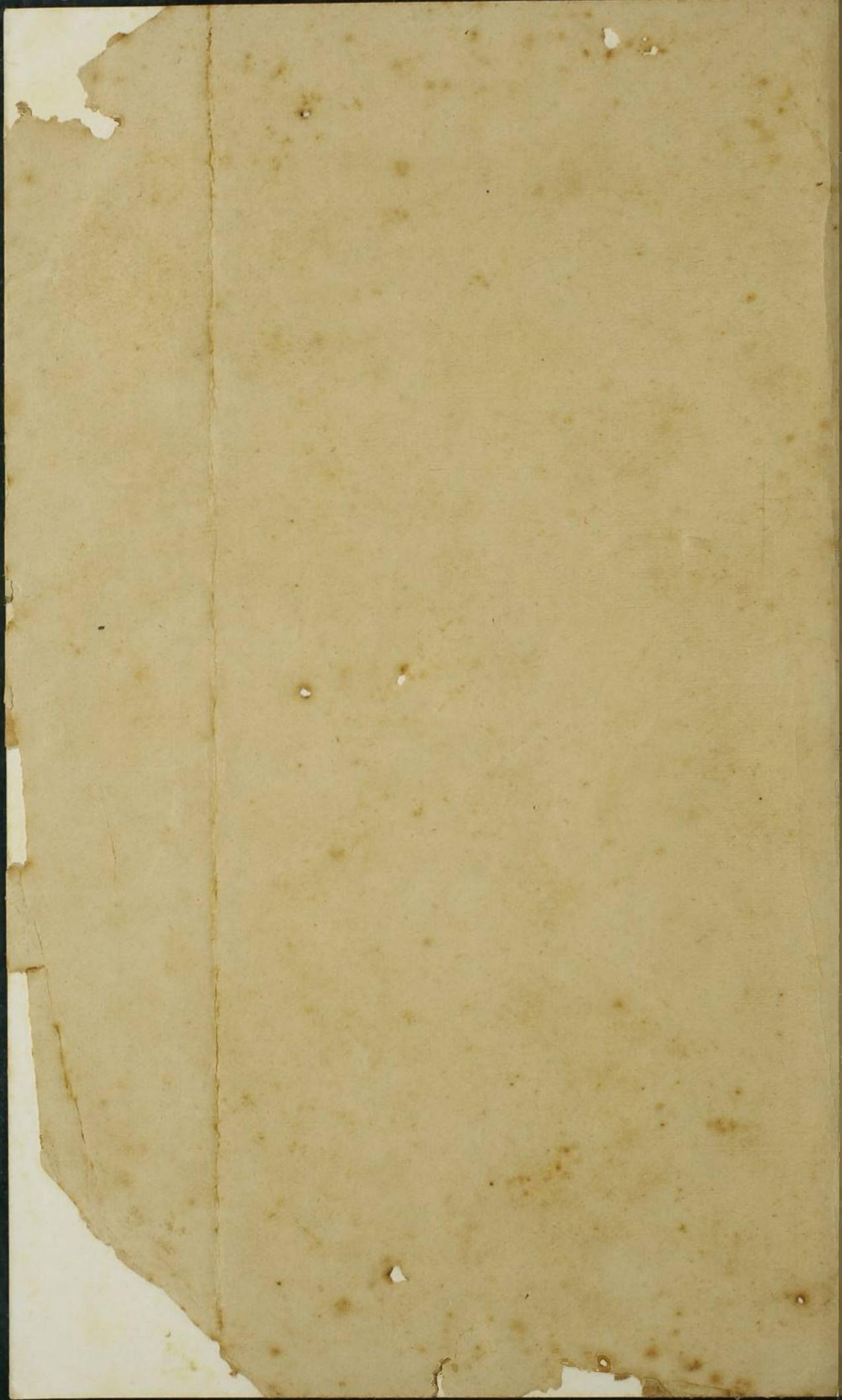
ROMANCE

---

EDIÇÕES D'A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO

1903



A Carteira de um Neurasthenico

## DO MESMO AUTOR

### PUBLICADOS :

**A bibliotheca do Maranhão em 1900.**

**Debalde**—de Sienkiewicz (traducção e prefacio).

### A ENTRAREM PARA O PRELO :

**Romances e Romancistas** (impressões de leitura.)

**Retalhos da vida** (contos.)

### EM PREPARAÇÃO :

**A cruzada da mystificação** (romance).

De collaboração com o Dr. Rogerio Coelho —**A syphilis e o alcoolismo** (propaganda prophylatica )

Antonio Lobo

A CARTEIRA

DE UM

NEURASTHENICO

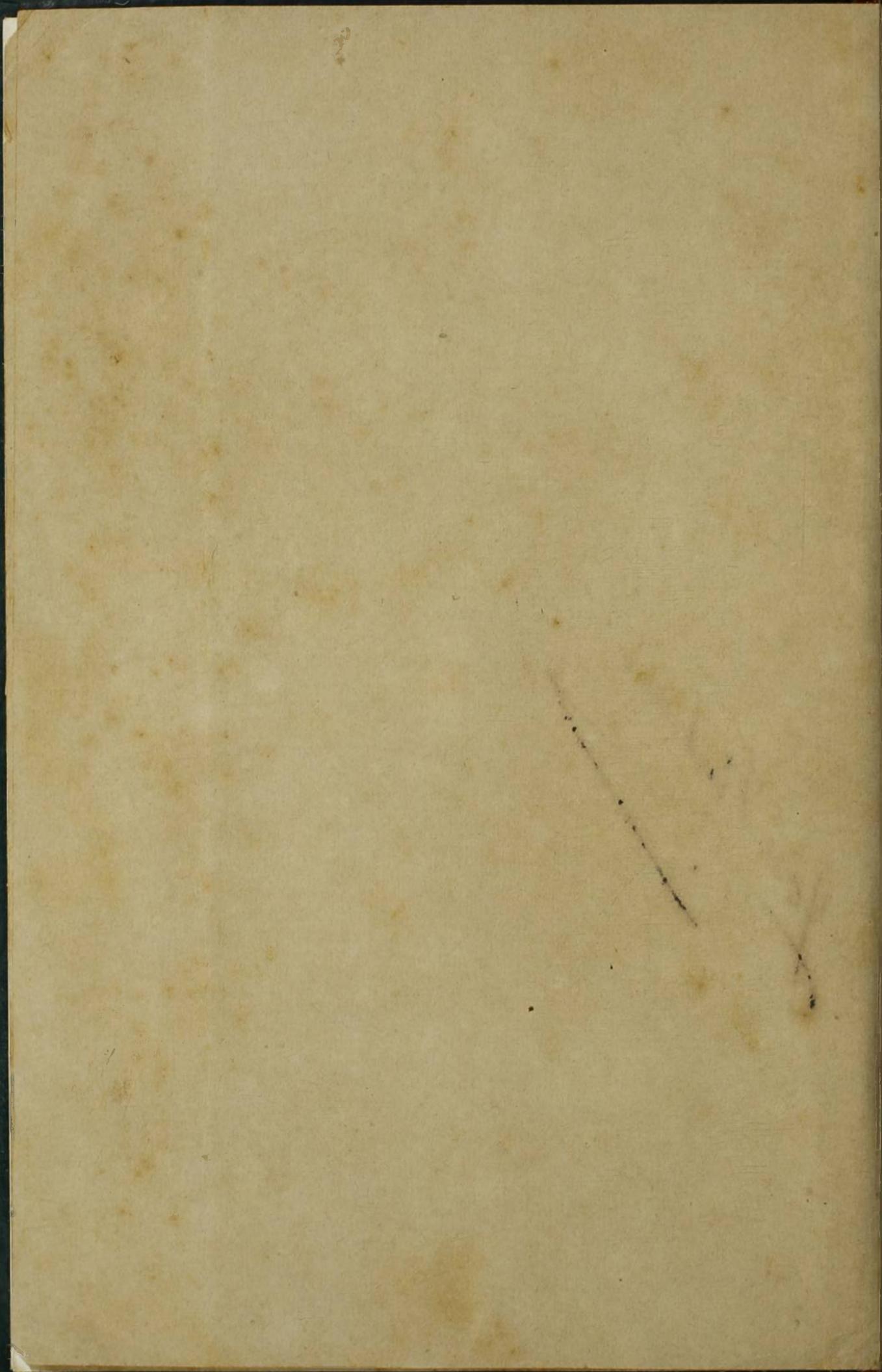
ROMANCE

*José Timbaes*

EDIÇÕES D'A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO

1903



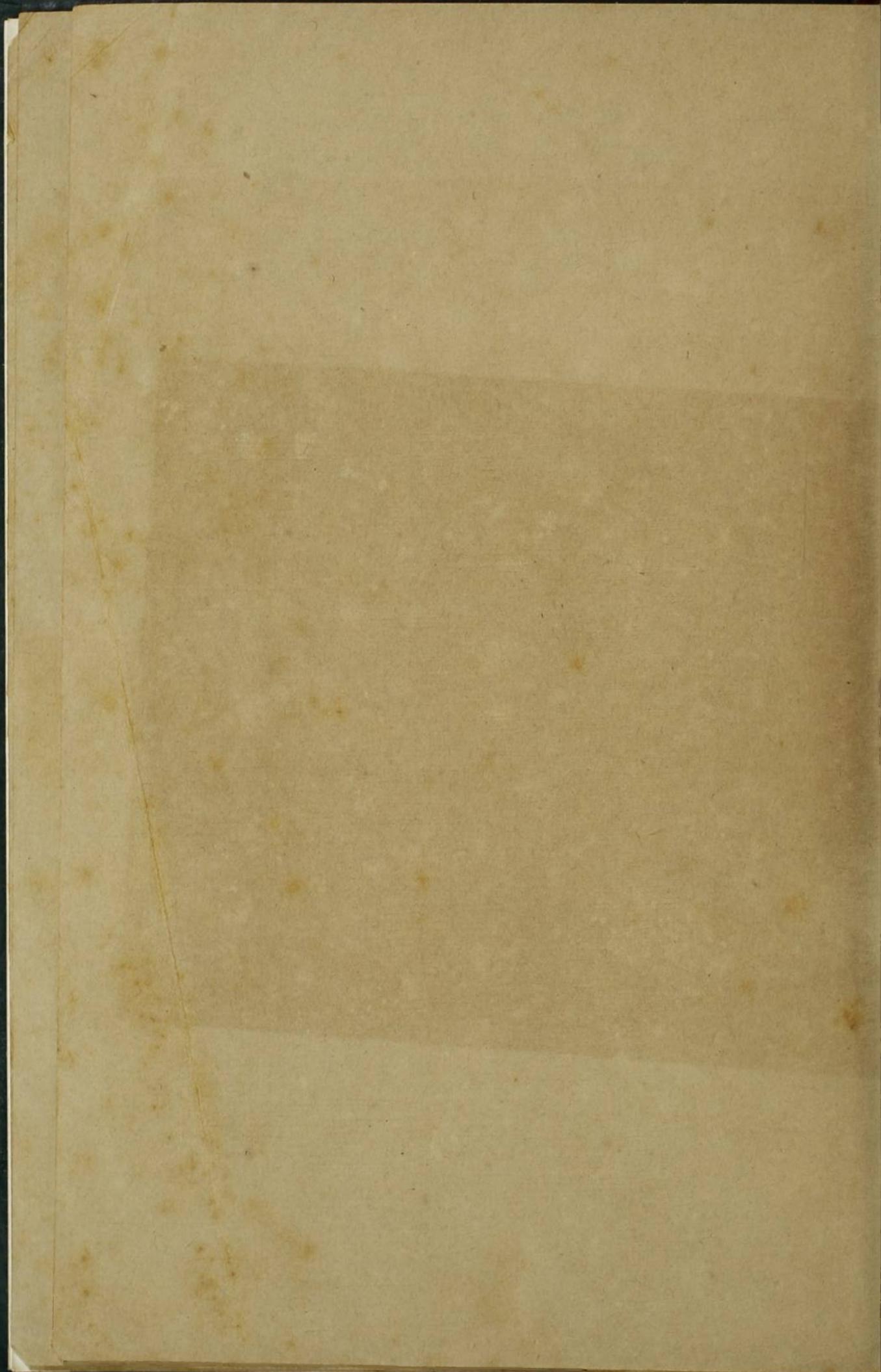
222  
A

**Alfredo Teixeira**

EM TESTEMUNHO DO MAIS FUNDO E CORDEAL AFFECTO,

É DEDICADO ESTE LIVRO.

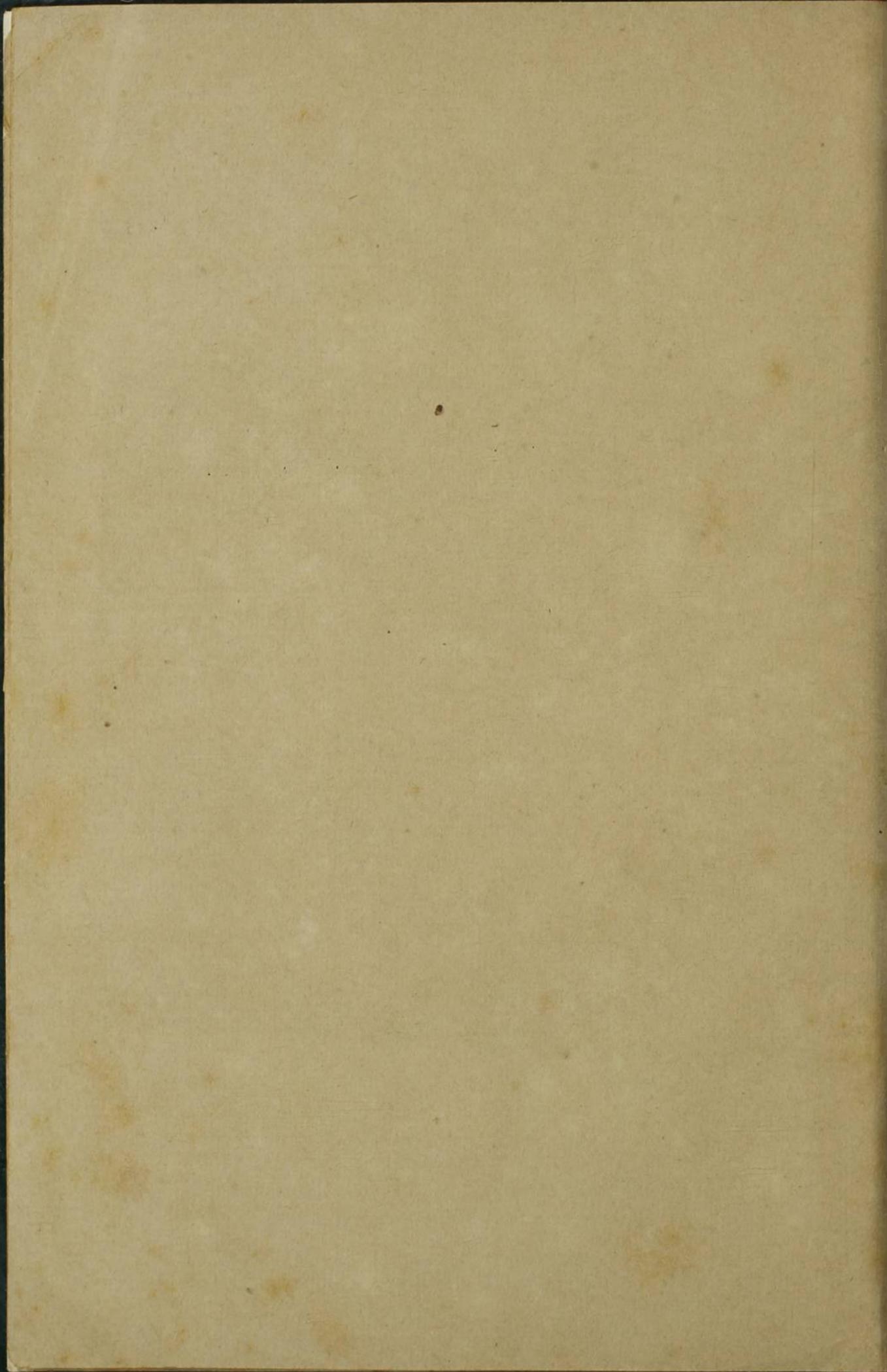
A. L.



## Corrija-se :

- Pag. 33, l. 24—*fadida*, por *fadiga*.  
« 38, l. 20 *horroso* por *horroroso*.  
« 70, l. 20—*supprima-se*: *imediatamente*.  
« 94, l. 6—*e assimilar* por *a assimilar*.  
» 103, l. 13 - *sangiuneo* por *sanguineo*.  
« 129, l. 13—*sentio-se* por *sentio*.  
« 150, l. 2—*modertas* por *modestas*.  
x 158, l. 26—*excellencia* por *da excellencia*.  
« 214, l. 6—*de lá retirar* por *lá de retirar*.  
« 227, l. 25—*empenava* por *empenhava*.  
«    l. 26—*vinhar* por *vinha*.  
« 231, l. 11—*em consciencia* por *a consciencia*.  
« 242, l. 7—*proprio* por *proximo*.  
« 258, l. 3—*sie* por *sei*.  
« 275, (com. de cap )—*XXIV* por *XXIX*.  
« 277, l. 13—*e de todas* por *de todas*.  
« 281, l. 21 - *pretenpesse* por *pretendesse*.  
« 284, l. 7—*a nariz* por *o nariz*.  
« 285, l. 16—*pobre* por *a pobre*.  
« 3 3, l. 11—*da rapaz* por *de rapaz*.  
« 334, l. 17—*ajelho* por *ajoelho*.

E outros ligeiros descuidos de revisão e irregularidades de pontuação e de orthographia que o leitor de certo relevará.



## I

Julgam-me todos sadio e forte, com uma apparencia de quem vende saúde. E, na verdade, eu proprio, quando por vezes me contemplo ao espelho, sou forçado a conceder todas as carradas de razão imaginadas e por imaginar aos que assim pensam. Brillham no meu rosto a mocidade e a vida, sob a minha epiderme corre um sangue oxygenado e quente, nem um cabello branco, nem uma ruga precoce a trahir aos estranhos o que me vae no intimo.

E, no emtanto, eu soffro talvez como ninguem, soffro de um modo barbaro e cruel.

Porque ? De que ? Eis ahi o que eu queria que me dissessem, que me explicassem por miúdo, detalhadamente, sem rebuços e sem subterfugios, com uma franqueza rude de medico que desengana um moribundo. São tão bizarros e complicados os phenomenos que em mim se desenrolam, de tal forma se entrechocam e contradizem as manifestações morbidas que me acabrunham, que eu, quando os quero passar pelo cadinho de uma analyse percuciente e systematica, sujeita-los a uma classificação discriminada e methodica, perco-me invariavelmente num labyrintho interminavel de cogitações abstrusas, num dedalo infernal de supposições e de duvidas, dos quaes consigo porfim emergir, com o cerebro a arder e ainda mais desorientado e vacillante do que d'antes.

Porque é preciso notar que eu sempre tive a mania da intuspecção, vivo sempre a observar-me, a notar escrupulosamente todas as minhas sensações, procurando explica-las de um modo racional e logico.

Passo ás vezes, despreoccupado e calmo, por uma rua qualquer, e, repentinamente, a vista de um objecto banal e insignificante: um leque na montra de uma loja ou um per-

fume que se evola do lenço de uma transeunte elegante, que commigo se cruza, desperta inconscientemente, numa evocação brusca e vivida, no fundo da minha memoria adormecida, a lembrança de um facto passado commigo ha longos annos e que eu julgava para sempre esquecido. Porque ? pergunto a mim mesmo; que ligação mysteriosa existirá entre aquelle objecto vulgarissimo, que sob o meu raio visual incidio, entre aquelle aroma conhecidissimo que me ferio o olfacto e essa scena longinqua da minha vida ?

E eis-me perdido num mundo extraordinario de averiguações, até conseguir resolver o problema que me preoccupa; o que, seja dito de passagem, consigo sempre.

Uma vez, lembro-me ainda como se fosse hontem e no emtanto já lá vão sobre esse facto um montão de annos...

Era um domingo, dia de festa na cidade. Eu acordara admiravelmente bem disposto, com uma fanfarra de alegria sã a cantar-me hilariante n'alma. Sentia-me á vontade na vida, como dentro do amplo e macio robe de chambre que me resguardava a carcassa. Os sinos das egrejas tintina-

bulavam festivos, pondo na radiosa transparencia daquella manhã de sol uma nota deliciosa de convite para a felicidade. Ergui-me do leito num pulo, trauteando uma canção alegre, mergulhei num banho rapido e comecei a vestir-me para sahir. Anciava, palpitante e pressuroso, por ganhar a rua e ir misturar-me áquella onda borborinhante de povo que desfilava, em toilettes dominigueiras, na direcção do arraial onde se festejava a santa tão milagrosa e bôa a quem o kalendario consagrava aquelle dia.

Já quasi prompto, cheguei naturalmente á janella, attrahido por um tropel qualquer que se fazia ouvir na rua: era uma banda de musica que passava, com os instrumentos silenciosos, e precedida pela infalivel garotada. Fiquei por um momento a apreciar aquelle movimento e quando me dispunha a recolher-me dou com a vista numa familia aburguezada, que se adiantava do lado opposto áquelle por onde seguira a banda.

Compunha-se de um sujeito pançudo e balôfo, com umas calças brancas retesadas de gomma, a cahirem sobre umas enormes botas, reluzentes de polimento, colete e fra-

que pretos e um enorme chapeo de pello na cabeça; era naturalmente o esposo do estafermo que lhe caminhava ao lado e o pae da creançada que os precedia.

E, de repente, sem que eu soubesse porque, á vista daquella cara inexpressiva, de grossos bigodes maltratados, de olhos mortos, semi-encobertos por umas palpebras gôrdas e flacidas, uma bôca que mais parecia talhada para expellir os alimentos em decomposição do que para os receber perfectos, senti-me triste, estupidamente triste, bruscamente afogado numa ondã invencível de desanimo e de tedio. Foi-se-me como por encanto toda aquella franca alegria com que eu amanhecera, fugiram-me logo os desejos em que ardia de correr ao arraial da festa, todo o meu enthusiasmo se dissipou e pouco a pouco, numa maré montante de angustia e de desconforto, poz-se-me a chorar no intimo, desconsoladamente, a saudade infinita de alguém que eu conhecera em tempos, alguém que fôra talvez a affeição mais casta e mais sincera da minha vida e que o destino, injusto e máo, para bem longe de mim conduzira.

Despi-me, porque não mais me sentia

com forças de procurar a companhia dos homens. O meu unico desejo naquelle instante era ficar só, isolado no meu quarto, separado da vida e do mundo, e perder-me naquelle amarguração torvelinho de reminiscencias e de saudades.

Passei o resto do dia em casa, insociavel, estúpido, aggressivo. E, a pôr um requinte perverso na minha desdita, lá estava, inquisidora e terrivel, a curiosidade doentia de conhecer o porque daquella brusca mudança de humor que se me operára n'alma. Que laço prendia aquella cara fôfa de burguez apatacado e immundo á deliciosa creatura cuja ausencia eu deplorava? Que comparação plausivel entre os dois se poderia estabelecer, que paridade entre os dois existia, a não ser a mesma que se possa notar entre um verme e uma estrella? E, no entanto, fôra a apparição daquelle typo que me viera acordar na memoria todas aquellas coisas adormecidas. Como explicar essa exquisita associação de idéas, como? D'onde viera elle? Que queria na vida? Oh! desespero inaudito! De que modo resolver um tão inquietante problema?

Chegou a noite e o movimento da ci-

dade augmentou. Os foguetes atroavam os ares, os sinos bimbalhavam desesperadamente, e aos meus ouvidos chegavam, amortecidos pela distancia, os ruidos festivos do largo que bem perto ficava da minha casa. Precipitei-me para o meu guarda roupa, enverguei ás pressas o primeiro fato que me cahio debaixo das mãos e corri ao arraial. Era possivel que lá se me deparasse um ensejo qualquer de saciar aquella avidez dolorosa em que me debatia.

Dito e feito ! Quem suppõem os senhores que eu havia de encontrar logo ao chegar ao arraial da festa ? Elle, o typo pançudo que me havia estragado o dia. Lá estava, cheio de si, de bem com Deus e com os homens, repoltreado numa cadeira, a fumar beatificamente. Desta vez abandonara a cartola, e a cobrir-lhe o craneo vasio e esterquilinio, branquejava um reles, um miseravel, um infecto chapeo de palha !

Haverá em todo o vasto mundo do Senhor uma coisa mais asquerosa, mais repugnante, mais sarrafaçal e mais imbecil, uma coisa mais em opposição com a sã moral e com os bons principios do que seja um chapeo de palha ? Eu posso perdoar

tudo a um homem: a traição, a perfidia, o assassinato, o roubo, a mentira, a pilhagem, tudo emfim que deslustra um caracter e irremissivelmente macúla uma reputação... Mas um chapeo de palha ? ! Isso, nunca, nem que me esfolem vivo !

Um homem que usa um chapeo de palha, e que o usa abertamente, ás escancarras, á vista de todos, sem pudor e sem vexame, é um homem perdido, um homem que nunca mais se rehabilitará no conceito dos seus semelhantes ! Pode partir á conquista do velo d'ouro, pode ir colonisar a Africa do Sul, pode resolver o problema da navegação aerea, pode emfim perpetrar alguma dessas coisas violentas e heroicas de que todo o mundo pasma: é o mesmo que nada. Será sempre um homem que usa um chapeo de palha, isto é: um bandido, um miseravel, um sicario, um ser indigno da compaixão dos homens e da misericordia divina...

Pois o desgraçado lá estava a pavonear-se com o seu, como se estivesse a praticar uma bôa acção e que todos devessem imitar ! E vivia aquelle canalha, vivia como nós outros, que pagamos imposto e que aca-

tamos as leis do paiz ! E não descer das alturas um raio que o fulminasse ali mesmo, a meus pés, depois de me haver contado, num derradeiro estertor, o seu nome e a sua historia !

Tive impetos de fazer de raio, de correr para o sujeito, arrancar-lhe da cabeça aquelle chapeo, espatifa-lo, reduzi-lo a pedaços, piza-lo aos pés e depois, com os meus dedos retesados e curvos, á semelhança de garras vingadoras de algum deus irado, apoderar-me do seu pescoço, daquelle pescoço gordo e reluzente, e i-lo apertando aos poucos, num requinte de crueldade homicida, até que elle me puzesse p'ia ali, em pratos limpos, toda a historia da sua vida, afim de que eu pudesse assim saciar a minha doida, a minha desvairada curiosidade... E estava neste ponto, quando me sinto chamado e uma mão familiar me bate amigavelmente no hombro. Voltei-me rapidamente: era o Carlos, um dos meus melhores camaradas.

—Tú és uma besta ! Porque não vieste á missa da festa ? Não sabes o que perdeste...

—Sei lá, respondi bruscamente. Dize-me uma coisa: quem é aquelle sujeito ?

—Aquelle que ali está de chapeo de palha ? Não conheces ? E' o Miranda Lopes, o dono daquelle armazem de seccos e molhados, fronteiro á casa do Rubim.

—Fiquei na mesma.

—Esteve em Lisbôa muitos annos. Olha, até por signal embarcou no mesmo vapor em que seguio a Marieta.

—Hein ? Que dizes ? Tens bens a certeza disso ? Elle foi no mesmo vapor em que ella ? Responde depressa...

—Mas que diabo tens tú ? Em que te interessa esse negocio ?

—E' que não sabes o que se passou comigo...

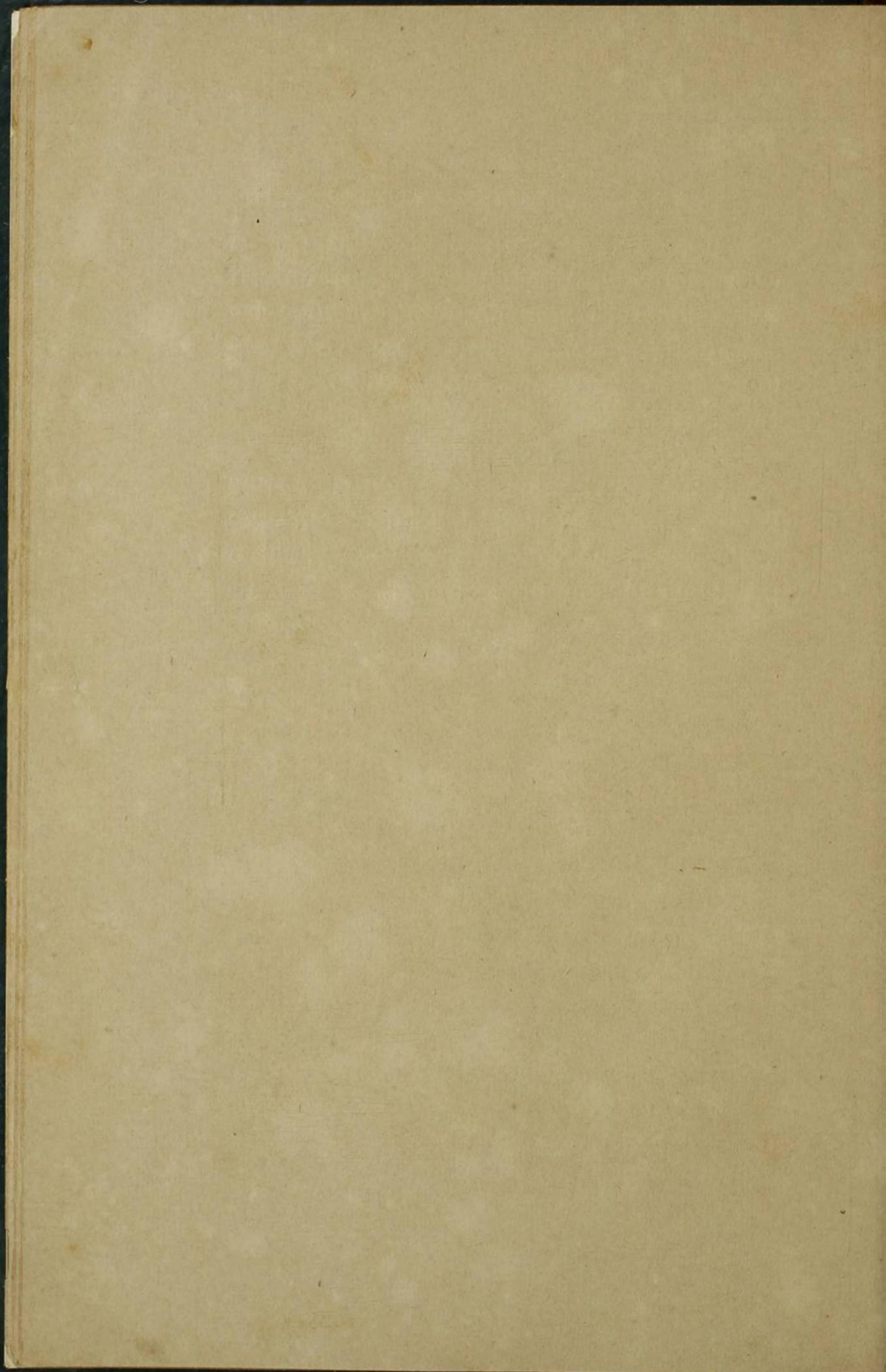
E ali mesmo, sem pestanejar, pu-lo ao facto de tudo o que me havia succedido naquelle dia.

—Nada mais natural, disse-me o Carlos, sorrindo, quando terminei a minha historia: tu foste a bordo, com certeza viste por lá 'o Lopes, se bem que não te lembres disso; mas a sua imagem ficou, embora inconscientemente, gravada num recanto da tua memoria, juntamente com as outras impressões que nesse momento recebeste. Passaram-se os annos, cuidaste doutras coi-

sas, e agora, repentinamente, dás cara a cara com elle, e logo, por esse mysterioso e inexplicavel fenomeno que se chama associação de idéas, veem-te de novo a memoria todas as scenas que comtigo se passaram naquella occasião...

—E' isso mesmo, concordei.

E uma paz immensa espalhou-se-me por dentro. Sahira daquella anciedade em que ardia desde a manhã; resolvera afinal o problema que me preocupava.



## II

Querem muitos dos que me conhecem de perto, dos que na minha intimidade penetram, que essa preocupação constante de analysar-me, de possuir em absoluto as *causas primarias* de todas as minhas idéas e de todas as minhas sensações constitua já, por si só, a exteriorisação palpavel de um estado morbido do meu espirito.

Mas eu, francamente, discordo de semelhante opinião e discordo baseado num sem numero de razões, cada qual mais convincente e poderosa, e que decerto calarão no ânimo de todas as pessoas ajuizadas e reflectidas.

Porque é que o habito das sondagens psychologicas ha de constituir uma enfermidade? Porque motivo se deve encarar como uma anormalidade mental a paixão de revolver a alma humana, de sondar-lhe os recessos intimos, de palpar-lhe os mais secretos escaninhos? O que representam, afinal da contas, esse habito e essa paixão, além do exercicio natural de duas das mais poderosas faculdades da intelligencia humana—a observação e o raciocinio? Que importa que ellas, em vez de assestarem as suas baterias sobre coisas do mundo externo, escolham de preferencia, como campo de acção, o vastissimo mundo interior? O chimico que se debruça sobre uma retorta, o anatomista que disseca um cadaver, o botanico que estuda uma planta, poderão porventura, a serio, sem grave injuria da verdade e manifesto desrespeito ao bom senso, ser taxados de malucos? Pois a alma humana é tudo isso ao mesmo tempo e muitas coisas mais—é retorta, é cadaver e é planta, conforme os seus feitios e as suas predilecções especiaes.

Mas, mesmo que o não fôsse, poderia muito bem fazer as suas vezes e constituir

as delicias de um chimico, de um anatomista, ou de um botanico.

Vão lá dizer ao Bourget que elle não passa, em ultima analyse, de um refinadissimo maluco, que o *Coeur de Femme* e a *Terre Promise* são dois disparates de desequilibrado, que o *André Cornelis* e o *Disciple* nada mais representam do que desvarios de um vesanico... Vão, e vejam se elle os acredita, se lhes não salta logo com a esquerda em frente e com quatro pedras na mão, a dizer-lhes, em calão immundo, quem é desequilibrado e quem é vesanico, se não são aquelles que puzeram no mundo imbecis da ordem dos que a dizer taes coisas se atrevem.

Mas, seja lá o que fôr, ou enfermidade, ou telha, ou feitio especial, o que é certo é que até hoje não me tenho dado mal com semelhante habito, e seria injusto e cruel para commigo mesmo, se avançasse proposição contraria. Graças ao seu cultivo, logrei conseguir uma coisa que muita gente bôa debalde trabalha por alcançar e que o Evangelho preceitúa como regra absoluta de conducta a todo o ser humano: conhecer-se a si proprio. Ora eu conheço-me ás mil ma-

ravilhas. Em coisas que me digam respeito sou assim uma especie de Deus biblico: sou omnisciente ! E em factos do dominio puramente psychico sou tambem omnipresente, porque os assisto sempre e com pleno conhecimento de causa.

Como este mundo marcharia direitinho, dentro dos seus eixos, se se dêsse com todos os mortaes o que se dá commigo, isto é, se todos se conhecessem asi proprios como se deveriam conhecer. Navegaríamos num mar de leite e de rosas, como dizem os poetas, com tendencias pronunciadas para nauticos, e que, por se não conhecerem devidamente, se puzeram a rimar versos de poemas, quando o seu officio deveria ser puxar cabos de navios. Não se veria para ahi tanta gente a occupar posições indevidas e a gabar-se de prendas que não possue.

Por exemplo: o meu particularissimo amigo dr. Feitosa, o homem que desejava saber se a lua que nos aclara as noites aqui seria a mesma que prateava os campos da sua terra lá para as bandas do Paraná, esse teria ido ser carroceiro, em vez de ser, como é, bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

E o mercieiro ali da esquina, que vive

dia e noite a queixar-se dos calos que lhe pregam, do atrazo em que vivem os seus negocios, da desidia do governo republicano, que não faz chover dinheiro do ceo, como era aliás a sua obrigação e como tinham todos o direito de esperar da sua proverbial munificencia, guardando, no emtanto, na burra, um montão de apolices da divida publica e de titulos de propriedade, esse estava talhado para Enviado Extraordinario junto a alguma Potencia rapace, que nos quizesse abocanhar gulosamente um trecho qualquer desta nossa fertilissima região, como dizem os oradores patriotas, com pronunciadas vocações para agriculturores. Tanta desgraça choraria o maganão, tanta miseria contaria ao Estrangeiro surripiador, occultando, no emtanto, que nós ainda possuímos muitos outros trechos, eguaes, ou melhores, ao cubiçado, que nós temos terras para dar, emprestar e vender, sem que isso nos faça falta de especie alguma, que o Estrangeiro acabaria certamente por se apiedar do chorão e volveria para outros solos devolutos as suas ambiciosas vistas e os seus aguçados dentes.

Um outro sujeito do meu conhecimen-

to, o Trancoso, noticiarista de um jornal diario, que a proposito de um simples facto de rua, que daria, quando muito, para um quinto de columna da gazeta, espicha impiedosamente, sem dó das paciencias alheias e esquecido talvez de que a resignação humana tem limites, columna e meia de composição batida e barbara, num estylo nebuloso e indecifrável como um soneto de poeta symbolista, esse nasceu para professor de mathematica, porque possui no mais alto gráo as duas condições primordiales, os dois requisitos supremos, que invariavelmente se exigem para o cabal desempenho dessa tão interessante quão divertida profissão: é cacete e é inintelligível.

Iria o maganão a matar numa cathedra de Lyceu Superior, explicando a theoria dos numeros primos e os principios geraes da divisibilidade. Passariam os alumnos a vida inteira a ouvi-lo, ficando sempre na mesma, isto é, na mais doce e na mais confortante das ignorancias de tudo quanto dissesse respeito áquella engraçadissima theoria e áquelles não menos engraçados principios. Afinal de contas, tudo bem ponderado, essas coisas de numeros primos e de divisi-

bilidade foram feitas exactamente para isso mesmo—para serem eternamente ignoradas. Posso lá admittir que se saibam semelhantes estopadas com a mesma segurança e a mesma precisão com que se conhece uma infinidade de coisas praticas, positivas, verdadeiras e a respeito das quaes ninguem tem hoje duvidas, como sejam, por exemplo, os campos onde foi Troya, quem foi o fundador de Roma, quem descobrio o Brazil, de que morreu o Augusto Severo e de que morrerá infallivelmente o Santos Dumont, se não puzer, em tempo, um cobro sensato ás suas desvairadas ambições aereas?

Por falar no Severo e no Dumont, ninguem poderá jamais medir em toda a sua extensão a immensidade do meu desprezo por todo o homem que, como esses dois maduros, busca criminosamente reagir contra as leis naturaes, por todo o vivente racional que, em vez de se resignar a palmilhar por toda a vida esta bôa terrinha amada, que o ceo, por um rasgo generoso de complacencia e de bom humor, nos concedeu para regalo dos nossos pés, quer a todo o transe e sem attender aos conselhos

dos mais experientes, guindar-se ás alturas e pairar suspenso nos espaços.

Conhecem, porventura, habitos mais repellentes, inclinações mais perversas do que essas ? Ora sim, senhor, para que havíamos de dar, nós outros brasileiros, gente sensata e prudente e que até hoje gosou sempre de uma fama tão bonita no conceito das nações visinhas... Fosse alguém dizer, aqui ha meio seculo atraz, a um estrangeiro ajuizado e pratico, a um inglez, por exemplo: «Você sabe ? Eu vi um brasileiro voando». E veriam se o inglez não repelliria logo, como a mais hedionda das calumnias, semelhante insinuação. «Brazileiro voando ? Qual ! Vmc. está enganado, Vmc. não vio bem... Aquillo é gente que não se desapega do seu torrãozinho bemdito. Brazileiro voando ? *It is impossible !* Inda se Vmc. me viesse dizer que vio voando um Boliviano ou um Peruano vá lá, eu poderia talvez dar-lhe credito, porque esses teem nas veias sangue hespanhol, e o hespanhol, como sabe, nasceu para essas e para muitas outras insolencias. Mas os brasileiros?.. Pois se elles até queimaram vivo um padre que lá tiveram e que entendeu um bello dia

Jose Timbal

de crear azas, dando-lhe depois, por escarneo, o cognome de *Voador* !».

Não é para fazer subir ao auge a indignação de um homem que preza dignamente o seu paiz, ver, de um momento para o outro, ir pela agua abaixo, ou o que é melhor para o vertente, subir pelos ares acima, como o fumo que o vento dissipa, uma reputação desta ordem, que tanto nos custou adquirir ?

E a moda vae-se espalhando de um modo assustador. Creio que, a continuar assim, um bello dia, quando menos se esperar, o paiz inteiro vòã, em massa, englobadamente, debanda para os espaços azues, transforma-se numa nação aerea, volatil, imponderavel, indo assentar as suas tendas nas nuvens e sendo depois incluída pelos astrologos numa nova e interessante categoria, que então se formará, de paizes aereos.

Que ninguem se illuda: essas festas que teem feito pela Europa culta ao Santos Dumont nada 'mais representam, em ultima analyse, do que a mais refinada das traições e a mais negra das falsidades. O que ella quer, ella, a Europa culta, é quæ nós todos voemos, que desertemos para as alturas,

afim de que ella possa vir depois, tranquilamente, commodamente, installar-se no nosso territorio, sem para tal ter necessidade de queimar meia duzia de cartuchos para esmagar o craneo a meia duzia de idiotas e de visionarios que se atravessem a oppôr-lhe a mais leve das resistencias.

O que todos os brazileiros devem agora fazer é queimar o Santos Dumont em effigie em todas as praças, e proclamar, em alto e bom som, como eu já o vou fazendo na roda dos meus amigos, que esse sujeito não é nosso patricio, que elle nunca foi, não é, nem será nunca brazileiro.

### III

Costumado assim a aclarar sempre todas as minhas *situações psychicas*, ainda mesmo as mais abstrusas e complicadas, não foi grande a minha preocupação quando comecei a experimentar os prodromos dos bizarros fenomenos que actualmente desfilam, num cortejo estarrecente, pelas interminas planicies do meu mundo interior. Com um pouco de observação paciente e de concentrada reflexão ser-me-ia facil classifica-los methodicamente, e mergulhar depois até ás causas primarias que lhes haviam dado nascimento. Era apenas uma

questão de trabalho e de constancia, nada mais.

Infelizmente, porém, logo ás primeiras tentativas, vi-me obrigado a confessar-me a mim mesmo o desolador fracasso dos meus esforços e a confrangedora impotencia da minha extraordinaria actividade analytica. Por mais que cogitasse e reflexionasse, numa prodigiosa tensão de espirito, não lograva assignalar uma razão plausivel, uma causa racional e logica ás coisas estupendamente inconcebiveis que commigo se passavam.

Começou então a invadir-me, avassaladora e irresistivel, uma grande, uma desconsolada tristeza, e a minha vida, que até então decorrera relativamente calma e feliz, se foi aos poucos transformando num verdadeiro inferno, entre cujas labaredas comburentes eu me contorço hoje, num desespero inaudito, positivamente igual ao do Anjo Rebelde, quando o irritado ponta-pé divino o arrojou das delicias do Paraiso para as profundezas sombrias que desde então passou a habitar. Tornei-me insolente, estúpido, grosseiro, eu que, por indole e por educação gostava, tanto do con-

vivio dos meus amigos e que era inexcedível no rigor e na minuciosidade com que punha em pratica todos os preceitos banaes que formam a cartilha de conduta de um homem de sociedade.

Ainda ha poucos dias mandei á tabúa um sujeito das minhas relações pela simples razão de me perguntar pela minha saúde. Que tinha esse miseravel a ver com o meu estado sanitario ? Era da sua conta que eu estivesse bom ou doente ? Que satisfações tinha a dar-lhe dos meus actos ? Creio que as leis do paiz ainda não tolheram a um cidadão pacifico, rigoroso cumpridor dos seus deveres, amigo da ordem e respeitador das autoridades constituídas, o sagrado direito de cahir doente quando muito bem lhe pareça.

Enfaram-me hoje quasi todas as coisas que em outros tempos tanto me deliciavam; dei para embirrar com quasi todos os meus conhecidos, para antipathisar solemnemente com aquelles mesmos de quem eu tanto gostava outrora. Não os posso tolerar, acho-os cacetes, broncos, perversos, capazes das maiores infamias e das mais negras torpezas. Julgo a cada passo que me querem

trahir, que vivem a meditar a minha deshonorra ou a minha morte, que me preparam uma cilada qualquer, na qual incautamente cahirei, se não procurar livrar-me em tempo.

Sinto-me por vezes tomado de uns pavores inexplicaveis, de uns medos subitos e extravagantes, que chego a ter vergonha de confessar. Por exemplo, não ha forças humanas que sejam capazes de me fazer atravessar sosinho uma praça qualquer. Porque ? Não o sei, não o posso dizer, mas é superior á minha vontade, não está em mim o poder de dominar esse receio pueril. Dou enormes caminhadas, alongo extraordinariamente o caminho que tenho a seguir, só para evitar a passagem por um largo ou por uma praça. Se algum dia fôsse chamado a exercer funcções na direcção suprema das coisas municipaes, o meu primeiro acto seria decretar dictatorialmente a suppressão de todas as praças. Para que é que se querem praças numa cidade, para que ? Ruas, muitas ruas, com altos casarões de um lado e do outro, disso é que precisamos. Quem quizer descampados que vá para o campo.

Outras vezes são uns caprichos exquisitos, absurdos, inacreditaveis, coisas de creança ou de doido varrido.

Uma noite destas, já muito tarde, ergui-me do leito, desci ao meu gabinete de trabalho, accendi a luz, só para mudar *O Idiota* de Dostoiewski de uma estante para outra. Porque? Não sou capaz de o explicar satisfactoriamente, mas o caso é que, depois de deitado, comecei a lembrar-me de que havia naquelle dia recebido do encadernador os dois volumes do romancista russo e que os dispuzera na mesma prateleira que occupavam quando em brochura. Mas elles ali não ficavam bem, o seu logar deveria ser na outra estante. Bom, na manhã seguinte cuidaria disso; e voltei-me para o outro lado, cerrando as palpebras e disposto a não mais me preoccupar com semelhante frioleira.

Qual! tudo baldado... Os volumes não ficavam bem no seu antigo logar, urgia muda-los e muda-los quanto antes. Mas aquillo positivamente era um disparate: levantar-me áquellas horas da noite, só para ir mudar um livro de logar! Como se ririam de mim os meus amigos, se me vis-

sem naquelles apuros ! E uma voz intima, poderosa, suggestiva, a bradar-me imperiosamente:

—Vae mudar o livro, desgraçado, senão...

*Senão*, que ? A voz não o dizia claramente, mas essas reticencias eram mais apavorantes do que o annuncio formal e preciso da desgraça que me aguardava, se *O Idiota* passasse a noite no mesmo logar. E, praguejando, furioso, desesperado, lá fui cumprir a intimação daquella voz fatidica.

Alem dessas irritações sem causa, desses pavores inexplicaveis, desses caprichos que nada justifica, ha ainda a flagellar-me uma multidão de symptomas morbidos, de impulsões doentias, que se vão aos poucos transmudando em habitos insupportaveis pelos martyrios a que me sujeitam.

Entre essas impulsões ha uma que me faz soffrer por vezes de um modo deshumano, como aliás o faria a qualquer outro que nas minhas condições se visse. Vivo constantemente e máo grado meu a emprehender em espirito confrangedoras peregrinações ao passado, ou melhor, vive o meu passado a erguer-se constantemente, numa lucidez

aterradora, ante os olhos doloridos do meu espirito.

Conhecem, porventura, tortura mais soberana do que essa? A obsessão do passado, a repercussão continua e dolorosa das coisas idas, dos sonhos extinctos, das alegrias mortas; a evocação percuciente e aguda de scenas longinquas, de factos de ha muito esquecidos, de episodios que já dormiam envoltos nas brumas densas da indifferença e do olvido... !

De instante a instante, de momento a momento, quebra-se a lousa de um tumulo, um cadaver se galvanisa, uma sombra imponderavel se corporifica, uma flôr emmurchecida refloresce, um ceo brumoso se aclara, e uma voz, ha longos annos emmudecida, encontra de novo os ecos perdidos e põe-se a modular chorosa as mesmas baladas de outrora. E tudo isso nostalgicamente banhado na grande luz suave e triste de um perenne luar de saudade... !

Dia-se-ia que me vou desprendendo aos poucos do presente, que a minha consciencia da vida real se vae lentamente obliterando, que eu perco dia a dia a noção exacta das coisas atuaes, para viver apenas

nas nebulosidades indecisas do sonho, a resuscitar mortos, a povoar desertos, a reverdecer ruínas !

Amarga tortura essa, negro e infundavel supplicio, o maior talvez dentre todos os que no intermino catalogo dos flagellos humanos figuram !...

Quem me libertará delle ? Que poder carinhoso e compassivo me arrancará das suas garras ?...

#### IV

Oh ! que desvairada inveja que eu tenho dos que podem dormir, de todos aquelles a quem é concedida a suprema ventura de saborear á vontade essa incomparavel delicia do somno, que de ha muito me é cruelmente negada !

As minhas noites são verdadeiros calvarios de agonia, por cujas encostas escarpadas e ingremes eu me vou penosamente arrastando, suppliciado e infeliz. Anceiam todos por essas horas silenciosas e recolhidas, em que o corpo e o espirito recuperam, num repouso confortante e salutar,

todas as forças gastas, todas as energias dispendidas no afanoso e rude labutar da vida.

Todo o homem, por maiores que sejam as suas lutas diarias, por mais inclementes que sejam os embates moraes a que o destino o condemne, encontra sempre, quando a noite envolve a terra nas dobras pesadas e negras do seu manto de trevas, alguns momentos seguidos de esquecimento e de descanso, livre das garras empolgantes das preocupações que o absorvem, subtraído ás torturas da sorte e ás flagellações martyrisadoras da vida. E quando emerge dessas treguas compensadoras, dessa especie de solução de continuidade, que consoladoramente se abre na serie intermina das suas desditas, é com elementos novos de resistencia para oppôr ao inimigo implacavel que o persegue.

Eu, ao contrario do que se dá com toda a gente, tenho um pavor horroroso da noite, um medo inconcebivel dessas doze horas de ausencia do sol, porque cada uma dellas, para mim, representa um seculo de soffrimento e de desespero.

Emquanto os outros dormem eu velo,

agitado e febril, numa superexcitação agudíssima, com o cerebro a escaldar, as fontes latejando, as palpebras pesadas e doloridas e os olhos a rebrilharem, limpídos e seccos. Passo horas seguidas a revolver-me inquieto no leito, mudando de posição de instante a instante, na esperança de encontrar uma em que possa adormecer, afinal.

Mas tudo baldado! Por mais esforços que empregue, não lobrigo nunca vencer a vigilia; ao envez d'isso cada vez me sinto mais empolgado por ella.

Abandonô então o leito, desesperado e furioso e ponho-me a percorrer o quarto a largas passadas, cruzando-o em todos os sentidos; talvez consiga assim extenuar-me, fatigar estupidamente o organismo e da prostação que a semelhante exercicio se seguir, sem grande luta, poderei passar ao somno.

Ainda desta vez não se realisam as minhas previsões; quanto mais caminho, mais vontade tenho de caminhar, sinto-me capaz de fazer leguas e leguas a pé, sem que a fadiga me colha.

Oh! com que clareza e com que lucidez eu comprehendo nessas horas a extraordinaria lenda do judeu errante!

Corro á janella, abro-a de par em par, bruscamente, recebo em cheio no rosto, que a febre requeima impiedosa, a viração fresca da noite. Aspiro-a soffregamente, em longos haustos, e ali me deixo ficar por algum tempo, recostado á sacada, fazendo sobre mim mesmo um esforço enorme para me conservar quieto e calmar um pouco a agitação que me domina.

Um silencio pesado e lugubre envolve a rua adormecida, funebremmente aclarada pela luz mortíça e triste dos lampeões de gaz. De um lado e outro a massa informe e negra dos predios, a alongar as suas fachadas sombrias, com as janellas e portas hermeticamente fechadas, sem que uma unica restea de claridade pelos seus intersticios se cõe.

Quantos felizes, dentro daquellas paredes mudas e deseguaes, gosam nesta hora do repouso fortificante pelo qual todo o meu ser cansado e doente desesperadoramente aneia!

De quando em vez chega-me aos ouvidos o uivo longinquo de algum cão, a passear pelas ruas a sua insomnia vadia, ou o ruido secco das pisadas de algum transeunte re-

tardatario que se recolhe a casa. Depois, de novo se restabelece o silencio, mais pesado e mais lugubre, após aquella passageira interrupção.

Já sobre a madrugada, quando as estrellas começam a empallidecer no ceo e uma aragem mais fresca me vem açoitar o rosto, é que eu principio a experimentar uma certa sensação de calma e de apaziguamento. Invade-me o organismo um torpor invencivel, os meus nervos se relaxam, baralham-se-me as idéas, vergam-se-me as pernas, e em todo o meu ser se vae lentamente espalhando uma imperiosa necessidade de repouso.

Será, finalmente, o somno bemfazejo e amigo, que me vem cerrar as palpebras e arrancar-me por algumas horas áquelle supplicio em que me debato?

Fecho a janella e, tropego, vacillante, aos trambolhões, dirijo-me para o leito; ahi chegando deixo-me cahir pesadamente, como uma massa inerte, sobre os lençóes entreabertos, convidativos e attrahentes na sua alvura immaculada e fresca.

A principio tenho quasi a certeza de que vou dormir, de que vou, emfim, descansar.

Cerro as palpebras, aconchego voluptuosamente a roupa ao corpo, e fico immovel, sem uma contracção, sem um trejeito, buscando alhear-me de tudo o que me cerca.

Mas, oh! desgraça infinita, oh! inaudito desespero! Não é o somno ainda! O que se apodera de mim é uma somnolencia vaga e indecisa, uma especie de estado intermedio entre a vigilia e o somno. Já não estou acordado, mas tambem não estou ainda dormindo. Ouço distinctamente qualquer ruido que se produza em torno a mim, se bem que não possa ao certo dizer o que o produzio.

O cerebro continúa a trabalhar, mas desconnexamente, aos saltos, sem logica e sem lucidez. Visões terriveis e assustadoras, fantasmas pavorosos e estarrecidos surgem de todos os lados, passeiam medonhamente lividos por sobre o meu corpo inerte. Por vezes algum dentre elles, de olhos embaciados e vitreos, desmesuradamente abertos, faces amarelladas e fundas, longos cabellos collados ás fontes numa pasta pegajosa e repugnante, debruça-se sobre o meu rosto, fita-me longamente os olhos e depois colla á minha frente os seus labios

resequidos e frios. Parece-me que estremeço todo ao contacto daquelle beijo de morte.

Então uma gargalhada estridente e rouca estala de um lado: volto os olhos assustados e dou com uma outra figura, zombeteira e escarninha, uma figura que nada tem de humano, a mostrar-me os dentes aguçados, numa expressão de fera carnívora, que se dispõe a devorar a presa. Outras figuras se agacham aos meus pés, horridas, disformes, horripilantes; outras ainda percorrem, com os dedos humidos, flácidos e horrorosamente flexíveis, os meus cabellos que o pavor eriça. E eu não tenho forças para reagir contra aquelle ataque de duendes infernaes. De repente põem-se todos a dançar ao redor do meu corpo immovel um sabbat monstruoso e apocalypico, com trejeitos e momices de gelar o sangue ao mais corajoso. E vão subindo, de mãos dadas, dançando sempre, sempre meneando os seus longos vultos brancos, até que se perdem nas alturas, transformando-se então em grandes nuvens, esbranquiçadas e tristes, que começam a deslizar interminamente por sobre a minha cabeça.

Quando desperto daquelle pesadêlo é sempre dia claro, já o sol vae alto na sua luminosa ascenção para o zenith. E eu sinto-me fraco, abatido, prostrado, tendo a sensação de que a vida me foge por quantos póros tenho no corpo. São precisos esforços sobrehumanos para vencer a lassidão que me tolhe os movimentos, abandonar o leito e mergulhar de novo neste supplicio esgotante, que é actualmentente a minha vida !

No emtanto, não ha no meu rosto vestigios visiveis do medonho e indescriptivel soffrimento por que acabo de passar. Tenho a apparencia sadia e calma, a côr rosada e fresca de quem sahe de uma noite de somno reparador e tonificante. Quem me vê certamente invejará a minha saúde e a minha robustez physica.

Como tudo isso é horroso, Deus meu, como tudo isto é medonho e mortificante !

V

Positivamente eu sou o homem mais desgraçado do mundo. Todos os infortúnios da terra, todos os supplicios que seviciam a humanidade soffredora empallidecem e se nullificam ante a immensidade da desgraça que me fere. Os que gemem como eu sob o latejo fustigante da adversidade, os que como eu se contorcem nas vascas estertoras de uma agonia inominavel, conhecem de certo a causa do mal que os flagella, de certo possuem a origem do martyrio a que vivem condemnados, embora não lhes esteja ao alcance, na maioria dos casos, pôr um termo final ás suas depredações.

Commigo, porém, o caso é outro: padecço atrozmente, soffro barbaramente e não sei, não posso absolutamente saber o que assim me faz padecer e soffrer.

Tinha até hoje um refugio onde me ia abrigar medroso dos golpes lacerantes da infelicidade, um oasis confortante e salutar em meio do deserto arido do meu desespero: o amor dos meus, o affecto dedicado da minha esposa, a ternura amorosa dos meus filhinhos. Era a unica *épave* que eu conseguira salvar do pavoroso naufragio da minha felicidade.

Pois bem, para cumulo do meu tormento, até isso me foi roubado.

Ha momentos em que me sinto tomado de uma aversão sem nome, de uma repugnancia inexplicavel por essa doce e incomparavel mulher, toda feita de abnegação e de bondade, com quem um dia dividi o peso do meu destino, por esses seres pequenitos e debeis, adoraveis na sua candura ingenua, fructos bemditos do meu amor partilhado. Que me fizeram elles para que eu os aborreça assim? Que culpa lhes pesa sobre os hombros, que negro crime perpetraram para merecer essa repulsa que por

elles experimento em certas occasiões ?

D'Ella só tenho recebido até ao presente o soberano conforto de um amor ponderado e firme, isento das oscillações tumultuarias e inconstantes dos affectos passageiros que apenas se firmam na base movediça de uma inclinação dos sentidos ou de um delirio ephemero de imaginações desordenadas; tem sido sempre a nobre e santa companheira da minha vida, em cujos labios se reflecte invariavelmente o sorriso de ventura que nos meus se debuxa e em cujos olhos repontam as mesmas lagrimas de soffrimento que nos meus assomam.

E d'Elles, que me tem vindo d'Elles a não ser a consciencia de que a vida me seria impossivel se eu não tivesse sempre ao alcance dos meus beijos aquellas faces rosadas e frescas ? E porque é que os odeio, porque é que os abomino agora ? Serei eu por acaso um miseravel sem entranhas, um monstro hediondo e repulsivo que chegue ao ponto de odiar os seus filhos, de abominar a sua mulher ? Mas eu sinto, eu tenho a certeza absoluta de que não serei capaz de tamanha infamia, de uma tão vil abjecção...

E no emtanto—como isto é horroroso!—  
e no emtanto eu os odeio, eu os abomino!

Se algum dia cahirem sob olhos estranhos estas desmanchadas memorias, como se hão de sentir tomados de horror os que as lerem, que invencivel repugnancia que experimentarão pelo monstro que as escreveu !...

## VI

Ha dias passou-se commigo um facto horroroso, que ultrapassa as raias das peiores monstruosidades que uma imaginação perversa possa conceber.

Voltára da rua numa superexcitação insuperavel, depois de ter vagado ao acaso por mais de duas horas a fio, sob um sol de abrasar, na esperança de subjugar pela fadiga e pelo cansaço os meus nervos em rebellião.

Despi-me e fui atirar-me sobre uma *chaise-longue* no meu gabinete de trabalho, cerrando as palpebras e buscando alhear-

me a tudo o que me cercava. Quando me recolho á casa nesse estado, minha mulher, connecendo que a sua presença ou a de qualquer outra pessoa me será penosa, procura deixar-me na mais completa solidão e no silencio mais absoluto.

Nesse dia, porém, não sei como, uma das minhas filhinhas, a Mercêdes, de tres annos de idade, conseguiu illudir a vigilancia materna e sorrateiramente se introduzio no meu gabinete e veio, pé ante pé, postar-se defronte de mim, com os seus lindos olhos, entre amorosos e assustados, fitos inquisidoramente no meu rosto.

Quando dei com ella, a pobre creança esboçava um sorriso como que prestes a precipitar-se sobre mim e a cercar-me o pescoço com os seus dois bracinhos alvos, como costumava sempre fazer todas as vezes que em semelhante posição me encontrava.

O que se passou então em mim não sei, nem posso explicar. O meu braço ergueuse rapido para descer depois, brutal, sacrilego, selvagem... e uma bofetada estalou nas faces de minha filha. Foi horroroso, foi inaudito, foi indescriptivel !

Quando voltei a mim minha mulher erguia nos braços a creança desmaiada e corria com ella para os fundos da casa. Medi então em todo o seu repugnante alcance a infamia do meu procedimento; tive asco, tive nojo de mim mesmo ! Se tivesse ali um revolver ou um punhal os meus miolos teriam saltado ou o meu coração seria atravessado.

Ergui-me desvairado, impellido por um desejo immenso de correr em busca da creança, da minha filha adorada, da minha estremecida e idolatrada filhinha e ir apagar com beijos e lagrimas a mancha que a minha mão barbara e deshumana nas suas faces deixara. Mas veio-me ao mesmo tempo uma especie de pudor, um sentimento confuso de vergonha, uma especie de consciencia do meu aviltamento: não, eu não tinha mais o direito de beijar aquella creança, todos os laços que a ella me prendiam tinham sido brutalmente espedaçados, eu era indigno dora em diante de lhe chamar filha, assim como de ser por ella chamado pae.

Deixei-me cahir sobre uma cadeira, occultei o rosto nas mãos e puz-me a soluçar

convulsivamente. Quanto tempo assim passei, não o posso precisar agora; o que me veio despertar foi uma pressão doce que senti no hombro, como se uma mão delicada e leve nelle pousasse. Ergui a cabeça e deparei com minha mulher, a fitar-me com os seus grandes e rasgados olhos, nos quaes eu bem divisava os vestigios de lagrimas recentes, apesar dos esforços que ella fazia para que me parecessem calmos e sorridentes.

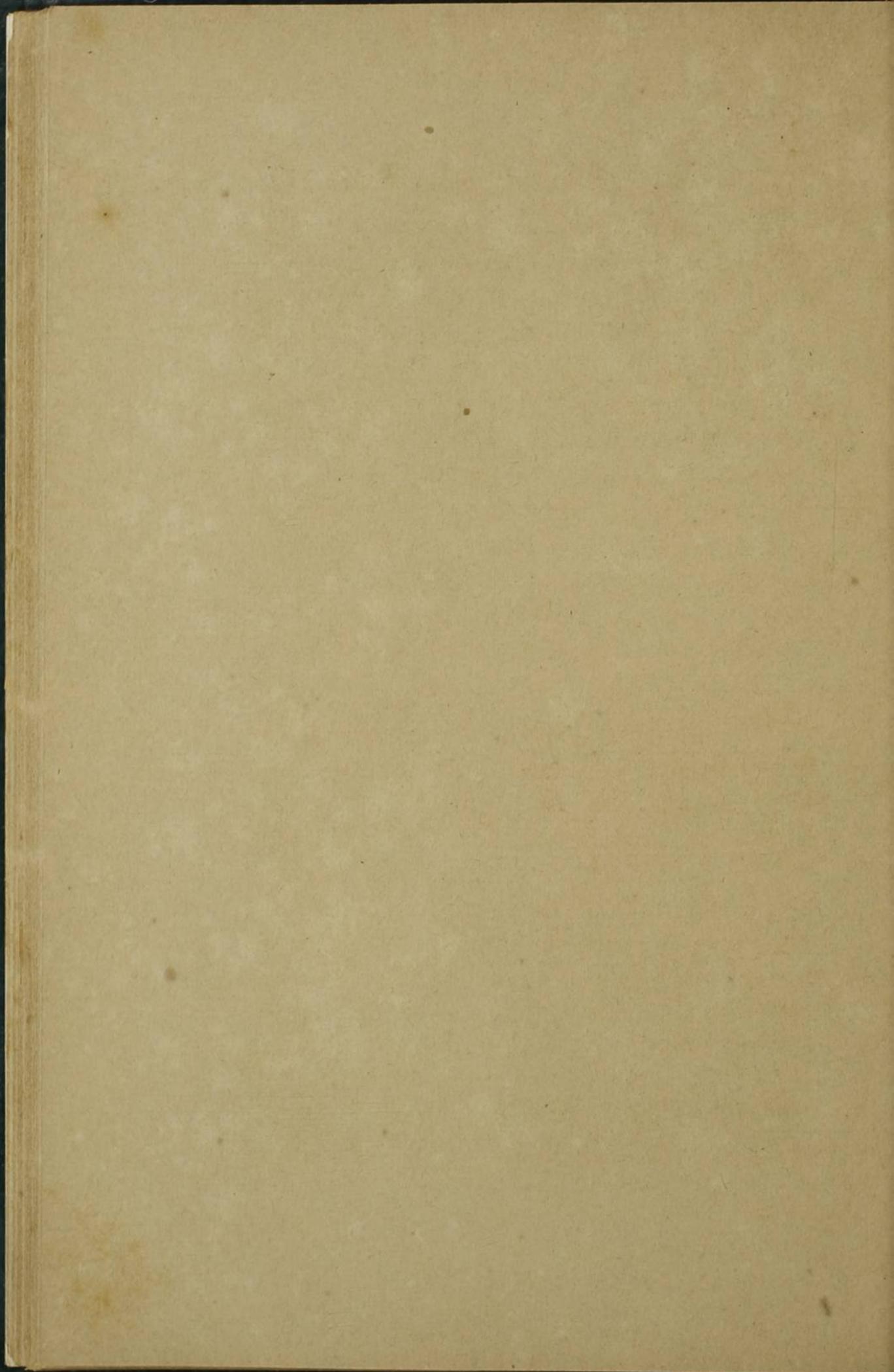
—Vê tu que barbaro, que monstro que eu sou ! foi o grito rouco que me brotou dos labios.

—Barbaro ! Monstro ! Não, meu amigo, é uma injustiça que a ti mesmo te fazes. Dize antes doente e infeliz... respondeu ella pausadamente, tomando entre as suas mãos a minha cabeça num gesto abnegado de protecção e de carinho. E na sua voz havia todo o calido conforto de um appoio e toda a incomparavel doçura de um perdão.

Doente ! E se eu fosse na verdade um doente ? Se todas essas coisas inexplicaveis que commigo se passam, se todos esses absurdos e todas essas incoherencias que em mim mesmo vou diariamente notando, não

passassem afinal de contas de fortes e pronunciadissimos symptommas morbidos de algum mal cuja origem e diagnostico desconheço mas que talvez já venha cuidadosamente estudado em todos os tratados de pathologia ?

Ah ! se assim fosse...!



## VII

Dispunha-me hoje a continuar estas notas que para aqui vou, com intervallos irregulares, atirando ao papel, desmanchadamente, sem um alvo certo, sem um proposito determinado e firme, nellas apenas buscando um derivativo e um desafogo para as minhas maguas, para as minhas coleras e para os meus desesperos—quando me veio ter ás mãos uma longa carta do Carlos de Menezes, cuja leitura me acordou no espirito um mundo de episodios da minha mocidade.

O Carlos foi um dos melhores camaradas da minha infancia e é hoje o mais que-

rido e o mais intimo dos meus amigos. Travamos conhecimento no *Internato de S. Luiz*, para onde entrei numa triste manhã de inverno, desconsolada e fria, com grandes lufadas de vento e uma chuva miuda e irritante a peneirar impertinente no espaço.

Oh ! com que lucidez e com que previsão de detalhes eu revejo agora em espirito todas as scenas dessa manhã longinqua da minha vida !

Desde a vespera que me sentia agitado por dois sentimentos contrarios que dentro em mim lutavam, sem que um conseguisse cantar victoria sobre a derrota do outro: de um lado o desejo alvoroçado do Internato, da convivencia dos camaradas que eu lá ia encontrar, das sensações novas e desconhecidas que me aguardavam; do outro a dorida saudade da familia e da casa, daquella intimidade e daquelle aconchego do lar, dos carinhos e dos afagos de que vivia cercado e que mais apelecedores que nunca se me afiguravam, porque tinha um presentimento secreto de que elles iam definitivamente acabar para mim. Os directores do Internato velariam talvez cuidadosamente pela minha saúde e pelo meu bem estar, procura-

riam talvez rodear-me de toda a solicitude e de todo o amparo que a inexperiencia da minha idade imprescendivelmente reclamava; mas nunca conseguiriam pôr nesse disvelo e nessa solicitude aquella doçura confortante e meiga a que o amor dos meus já me havia afeito. E era isso sobretudo o que mais me entristecia e magoava, dando-me por vezes impetos de correr para junto de minha mãe, abraçar-me estreitamente com ella e pedir-lhe, por entre beijos e lagrimas, que me não desamparasse, que me conservasse sempre ao pé de si, na quentura bem-fazeja do seu collo amoroso.

Dormi mal a noite, sonhando coisas extravagantes e exquisitas. Quando minha mãe me veio despertar ás sete horas da manhã seguinte, dei um pulo do leito, atirei os dois braços ao seu pescoço e puz-me a soluçar desesperadamente. A bôa e santa creatura cobrio-me de beijos os cabellos e as faces, estreitou-me fortemente de encontro ao peito, e começou depois a animar-me, a dar-me conselhos, a fazer-me ver que eu já não estava na idade daquellas tolices e daquelles momos, pois já havia completado os meus onze annos, e que era para

o meu bem e para a minha felicidade que a semelhante separação me forçava.

Começaram então os preparativos para a minha partida; todo o pessoal da casa andava num reboiço enorme, a abrir e fechar malas, a verificar cuidadosamente se as coisas estavam em ordem, se todos os objectos occupavam os devidos logares, se nada faltava ao enxoval completo com que me haviam apparelhado.

Viera do Internato uma lista de tudo o que eu era obrigado a levar; mas minha mãe achou que aquillo ainda era pouco e augmentou, por conta propria, o numero dos uniformes, dos lençóes, das toalhas, dos guardanapos e, se não fossem as observações sensatas de meu pae creio que a bôa senhora chegaria ao cumulo de comprar em duplicata todos os livros reclamados para as disciplinas que eu iria cursar naquelle anno.

Emquanto tudo isso se passava, fui debruçar-me á sacada da sala e envolver toda a rua e todas as casas proximas num longo e apaixonado olhar de despedida.

Raros transeuntes desfilavam, com as saias arrepanhadas e as bainhas das calças

dobradas, abrigados uns sob enormes guarda-chuvas, afrontando outros impavidos o temporal, maldizendo todos a vida que os forçava a começar tão cedo, por um tempo ingrato daquelles, a sua afanosa labuta diaria.

Na loja fronteira, deserta ainda de freguezes áquella hora matinal, um caixeiro mandriava espanando preguiçosamente o balcão e as peças de fazendas multicores e vistosas que sobre elle se empilhavam. Um outro, de cara sardenta e amarella, com uma enorme vassoura esfrangalhada, varria o soalho, atirando o cisco para o passeio encharcado, num calmo e inconsciente desdem das posturas municipaes.

A' porta da taberna da esquina, um negro de pelle reluzente e carapinha curta, tendo apenas a encobrir-lhe parte da nudez athletica uns grosseiros calções de estopa amarella, que lhe desciam da cinta aos joelhos, entretinha-se a ver um grupo de creanças nuas a fazer nadar um barco de cortiça numa poça d'agua barrenta e suja, que as bategas furiosas da noite haviam formado numa larga falha do calçamento. Uma dellas de ar enfezado e doentio, com o ven-

tre disforme a pesar sobre as pernitas magras e bamboleantes, esganiçava-se a transmittir ás companheiras umas recommendações imperiosas que a algazarra infernal que faziam lhes não permittia ouvir.

Aos solavancos, num ruido secco de ferros velhos e de taboas desconjuntadas, uma carroça subia a rua, puxada por uma pileca lazarenta, sobre cujo dorso pelado o carreiro desapiedadamente fazia estalar a todo o instante a sua comprida taca de couro.

Dois policias, com as botas acalcanhadas, a farda immunda, o bonet de lado e o sabre pendente de um cinturão polido, cujas fivelas se achavam substituidas por um cordel passado atravez de uns largos buracos abertos a trouxe-mouxe, empurravam um bebedo, ameaçando-o de quando em vez de lhe *chegar o ferro ás costas*. O pobre diabo, que mal se podia ter nas pernas, lá ia cambaleando, a camisa aberta ao peito, as calças remendadas e cobertas de lama, numa passividade submissa de victima conduzida ao sacrificio. Apenas, quando era mais brutal o empurrão que lhe davam os mantenedores da ordem publica, regouga-

va o infeliz, numa voz tartamudeante e avinhada, umas coisas inintelligiveis que mais pareciam uma queixa humilde do que um protesto indignado.

Vinham do fim da rua as notas plangentes de um piano, martelando a *Supplica de uma Virgem* e, longinquos, ora abafados e surdos, outras vezes vibrantes e claros, os repiques de um sino de igreja annunciando missa, punham na tristeza daquella manhã de inverno uma suave e mystica melancolia.

—Vamos, meu filho, são horas de te ires preparando, veio dizer-me minha mãe, numa voz que se esforçava por tornar firme e alegre, mas atravez da qual eu bem adivinhava lagrimas contidas e abafados suspiros.

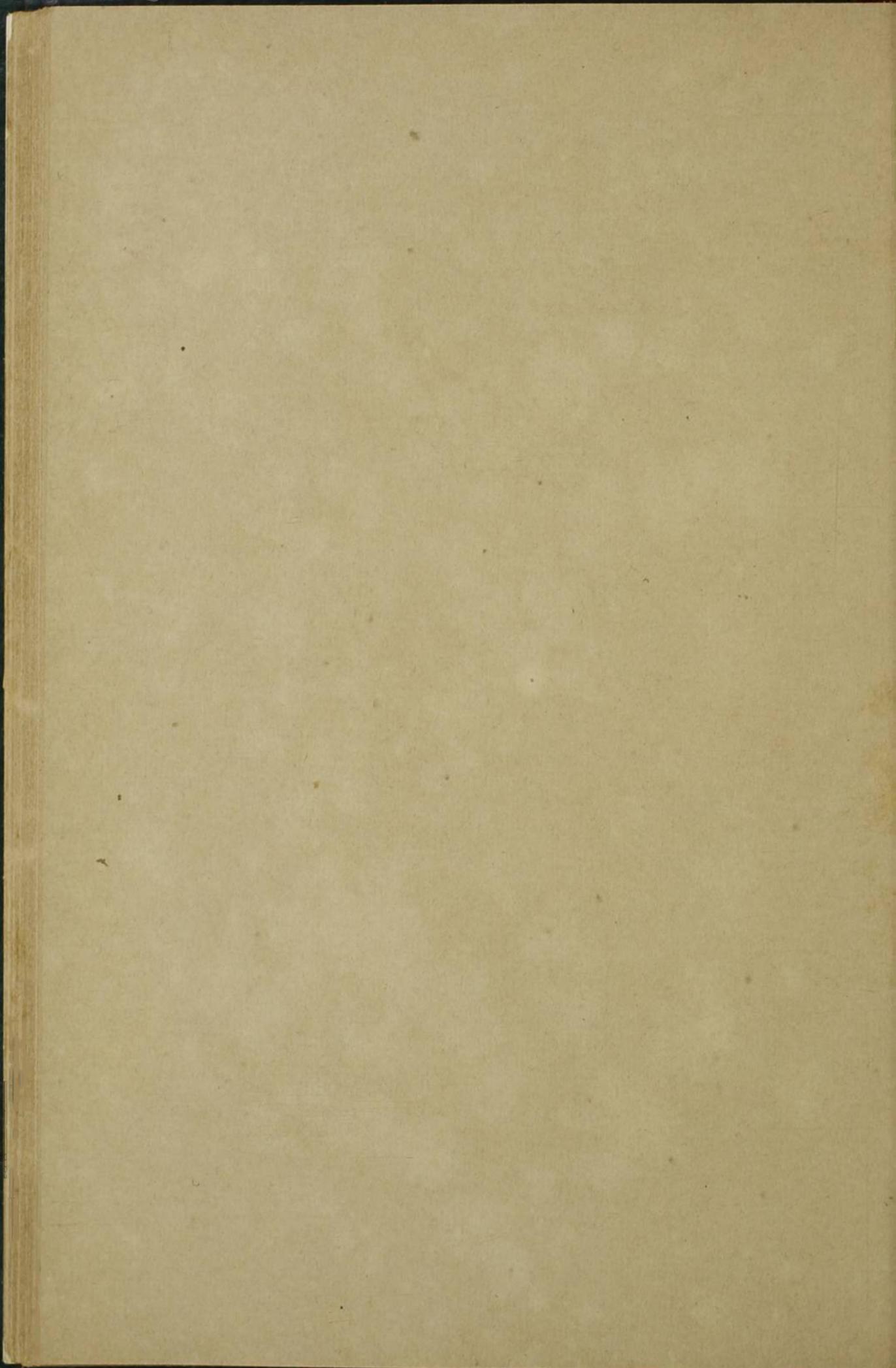
Deixei-me conduzir para o quarto, vesti-me e ás nove horas em ponto, feitas as minhas despedidas, tomava, em companhia de meu pae, o carro que nos devia conduzir ao Internato.

Toda a vizinhança correu á janella a ver-me partir, a dizer-me adeus e a desejar-me todas as felicidades possiveis: as filhas do Dr. Sequeira, Juiz de Direito da ca-

pital, magritas e insignificantes, já com os cabellos no papel para o namoro da tarde: o Cordeiro, conferente da Alfandega, com a mulher, anafada e balôfa e que tinha a prenda rara de conhecer, de cór e salteadas, todas as crônicas escandalosas da terra; a filha do commendador Portella, negociante e director de todos os bancos da cidade, uma morenita de quinze annos, de olhos vivos e cabellos de azeviche, espevitada e irrequieta; a D. Amancia, viuva, rica e beata, cuja vida consistia em resar aos Santos nas egrejas, espancar as escravas em casa e falar mal da vida alheia. Ainda na vespera fôra ella convidar minha mãe para fazer parte duma nova associação pia que havia fundado sob a inspiração de Fr. Gabriel, o capellão da Egreja da Trindade, e para a qual adoptara symbolicamente o nome de um santo qualquer, mudo de nascença, porque um dos fins principaes da tal associação era não murmurar contra o proximo.

Quando o carro se poz em movimento, ouvi ainda a voz de minha mãe, a dizer-me de cima, da sacada, tremula e commovida, que me não esquecesse do seu pedido. Al-

ludia ás recommendações instantes que me fizera de não abandonar no collegio as minhas devoções e de pedir sempre á Senhora de Lourdes que me protejesse e que fizesse de mim um homem.



## VIII

Achava-se o Internato situado num arrabalde da cidade, num antigo convento de franciscanos, contiguo a uma Egreja, sob a invocação de S. Luiz Gonzaga.

Era um vasto casarão, tristonho e sombrio, de architectura pesada e fradesca e forma quadrangular, com uma fila de janellinhas estreitas, quase pegadas ao beiral do telhado e um largo portão de entrada, aberto na extremidade do edificio que confinava com a Egreja. No rez do chão corria um outro renque de janellas, iguaes ás do sobrado, guarnecidas por uns grossos varaes de ferro, vetustos e enferrujados.

Não podia ser mais deprimente nem mais desconsolador do que era o aspecto daquella casa, por traz de cujas paredes seculares toda uma mocidade irrequieta e viva se agitava borborinhante. Era ali que os padres da Companhia de Jesus deformavam as almas tenras e incautas que a crença ignorante e supersticiosa lhes confiava, fiel ao preconceito reinante de que ninguém como elles dispunha da capacidade necessaria á educação e ao ensino.

Quando nos apeiamos do carro em frente ao portão de entrada, veio receber-nos um padre esgrouviado e esqueletico, que nos fez subir logo para o salão de visitas, pedindo-nos em seguida a fineza de esperar um minuto, enquanto elle ia avisar o *Sr. Director*.

Aproveitei esse instante de folga para inspeccionar avidamente os objectos que me cercavam.

A mobilia era severa e grave, sem um relevo, e sem um florão, ecclesiasticamente solemne, como se ali estivesse á espera de um *capitulo* que se fosse formar para discutir intrincadas questões theologicas. E eu fui logo mentalmente assentando um frade, bo-

judo e estúpido, em cada uma daquellas cadeiras de alto e respeitavel espaldar. Por cima do sofá, a meia altura da parede, pendia um grande retrato a oleo do Papa, com os dois dedos da dextra erguidas, na posição apostolica, a abençoar a christandade.

Na parede opposta e a formar *pendant* com esse, destacava-se um outro quadro representando um moço, de roupas talarres, semblante emmagrecido e soffredor, tendo nas mãos um crucifixo sobre o qual se inclinava a sua cabeça e fixavam os seus olhos onde uns clarões sobrehumanos de fervor mystico passavam. Conheci-o logo: era S. Luiz Gonzaga, o patrono do Internato e tambem o Santo da minha devoção particular, cuja vida eu sabia de cór e que sempre me fôra apresentado por minha mãe e pelos padres que desde creança me confessavam, como o modelo supremo a quem deveria procurar imitar.

Por cima dos consolos, estendiam-se livros de grande formato e de encadernação rica, patenteando, em gravuras mirabolantes, scenas devotas e milagres assombrosos. Um que abri ao acaso mostrou-me

logo maravilhas deante das quaes pasmei estarrecido; e quando me dispunha a apreciá-las devidamente, senti, ou melhor, tive o presentimento de que alguém entrava na sala.

Voltei-me rapidamente e dei cara a cara com o sr. Director.

Era um padre alto e corpulento, de faces sadias e rosadas, grandes olhos inquisidores e escuros, cabellos cortados á escovinha, labios carnudos e fortes, que um sorriso affavel naquelle momento entreabria, pondo á mostra uns dentes alvos e polidos. Todo elle respirava uma santidade evangelica, um mixto de seriedade discreta e de attrahente cordialidade. Veio para nós de braços estendidos, mas sem perder por um só instante a gravidade serena que lhe parecia habitual.

Trocados os primeiros cumprimentos, foi tomar logar ao centro do sophá, indicando a meu pae com o gesto uma cadeira de braços que lhe ficava ao lado e chamando-me com um aceno para junto de si.

Approximei-me algum tanto receioso e timido, se bem que sentisse já no intimo toda a minha sympathia e toda a minha

confiança definitivamente conquistadas por elle. Tomou-me as duas mãos, com um olhar rapido mirou-me da cabeça aos pés, deu-me depois duas palmadinhas na face direita e fez-me sentar no sophá, ao seu lado, passando-mé o braço por cima dos hombros. E, dirigindo-se a meu pae, num tom convencido e firme:

—Havemos de fazer delle um homem, fique descansado, um homem ás direitas, temente a Deus e amigo dos seus semelhantes.

Relembrando hoje essas palavras que ao tempo em que foram pronunciadas de uma tão grande e rasgada fé no futuro me encheram, e estudando-as á luz do meu criterio actual e da minha larga experiencia da vida e dos homens, todo eu estremeço de indignação e de revolta, ao desvendar o pensamento diabolico e perverso que por traz dellas se occultava.

Melhor seria que aquelle bandido de sotaina traduzisse assim os seus planos, que foram sempre, como continuam ainda a ser, os de toda a sua ordem:

—Havemos de suffocar nesta alma em embryão todos os impulsos generosos, to-

das as aspirações nobres, todos os anhelos elevados; o que nella houver de puro e de franco, tudo o que nella existir de espontaneo e de sincero, será esmagado sob a pressão na nossa disciplina de ferro, corruptora e desmoralisante; substituiremos o seu pendor innato para as emoções sadias da vida por um sentimento de repulsa pelos affectos naturaes e fecundos que nobilitam e engrandecem o homem; nella incutiremos o horror da verdade e o culto da mentira, a repugnancia da franqueza e o amor da hypocrisia, o odio á virtude sã e a paixão pelo vicio disfarçado.

Da creança que agora nos confia, innocente e incauta, faremos mais tarde um monstro de dissimulação e de torpeza, um ser repugnante e baixo, capaz de todas as infamias, apto para todas as vilezas, idoneo para todas as abjecções, porque o ensinaremos a odiar a humanidade e a repellir, como indigno e peccaminoso, esse nobre sentimento que todo o homem deve cultivar, se quizer ser grande e forte:—o orgulho da sua especie !

Falasse assim o miseravel que teria, talvez peia primeira e unica vez na sua vida,

praticado essa coisa simples e banal a que todo o homem de bem se habitua, mas que os preceitos da sua ordem prohibem como uma acção culpada e negra:—dizer a verdade. Porque era exactamente essa a tarefa que os Jesuitas do Internato S. Luiz desempenhavam entre aquellas paredes vestustas de convento antigo.

Felizes das creanças que pudessem mais tarde, como eu felizmente pude, por um extraordinario trabalho de reacção sobre si mesmas, subtrahir-se á influencia nefasta da educação ali recebida, furtar-se á acção dissolvente dos principios ali bebidos, para voltar a occupar, sem preconceitos e sem receios, o logar que lhes competisse na vida. Mas ainda assim, sempre alguns vestigios ficariam nas almas da feição hypocrita que lhe procuraram imprimir aquelles insaciaveis abutres tonsurados.

Depois de trocadas mais algumas banalidades, em que o Padre José Maria (era esse o nome do Director do Internato) procurava invariavelmente deixar bem clara a excellencia dos seus processos de ensino, meu pae ergueu-se para sahir.

Abracei-me então estreitamente com

elle, fazendo esforços sobrehumanos para conter as lagrimas que me borbulhavam nos olhos e os suspiros que sentia prestes a me escaparem dos labios. O sr. Director affastou-se discretamente como se não quizesse perturbar com a sua presença extranha as nossas expansões intimas.

—Não chores, meu filho, procura desde já tornar-te digno do conceito que ainda ha pouco formava de ti o sr. Director. Aqui nada te ha de faltar...

—Ah ! por esse lado pode ir descansado, sr. Avelar, confirmou, sollicito e pressuroso, o Padre José, approximando-se de novo. O nosso Internato representa sempre um prolongamento natural do lar de cada um dos nossos discipulos. Nada faltará aqui ao nosso Jayme.

E paternalmente, num largo gesto de protecção e de abrigo, passou-me outra vez o braço por sobre os hombros, enquanto meu pae, rapidamente, como para fugir tambem á emoção que o ganhava, descia as escadas e mettia-se no carro que o esperava á porta.

Desprendi-me bruscamente do amplexo do sr. Director e corri á janella no momen-

to em que a portinhola do carro se fechava sobre meu pae, tendo ainda tempo de lhe bradar:

—Muitas saudades á mamã... Diga-lhe que nunca me esquecerei do seu pedido...

E desatei a chorar soluçante, dando por fim livre curso á minha saudade e ás minhas maguas.

Que sorte me aguardaria naquella casa, que dias me estariam ali reservados ?

Realisar-se-iam as minhas previsões, encontraria eu nos Padres da Companhia *uns segundos paes*, como me affirmavam minha mãe e as outras senhoras devotas que frequentavam a nossa casa ?

Acudiam-me á mente reminiscencias de casos, que ouvira narrados por pessoas que me mereciam todo o credito, de creanças, rudemente tratadas pelos paes, cuja vida era no lar um verdadeiro calvario de supplicios, de exigencias acabrunhantes, de torturas inenarraveis, e que os Padres da Companhia haviam recolhido, compensando com os mais desvelados carinhos e as mais confortantes blandicias tudo o que no passado haviam soffrido. Praticariam na verdade aquelles servos humildes do Se-

nhor, á risca, os preceitos de Christo, com relação ás creanças tão abnegadamente queridas pelo Martyr Nazareno ?

Todas estas duvidas, informes e vagas, me assaltavam o espirito infantil, deixando-me perplexo e triste, num mudo e nebuloso presentimento de desgraças porvindouras.

E as saudades da casa, do intimo e aconchegante conforto das caricias que eu lá deixara, cresciam, á proporção que se ia perdendo na distancia o ruido do carro que para longe de mim conduzia meu pae.

## IX

Momentos depois, conduzido pelo Prefeito e já envergando o uniforme diario do Internato—calça e dolman de brim pardo, com alamares e canhões azul e branco, e uma miniatura de S. Luiz Gonzaga, bordada a lã sobre o peito esquerdo—dava eu entrada no salão de estudo, situado na parte posterior do edificio, com grandes janellas abertas para o vasto quintal arborisado.

A' minha apparição estabeleceu-se um ligeiro sussurro na sala. Miravam-me todos os alumnos com olhos inquisidores e curiosos, trocando entre si, em cochichos ra-

pidos, as impressões que o meu todo lhes produzia. A alguns deveria talvez a minha presença suggerir idéas gaiatas, a julgar pelos risos abafados que percebi.

Mas um padre obeso, de rosto papudo e severo, picado de hexigas, que, de sobre um tablado, presidia os estudos, reclamou silencio, agitando um tympano, e eu fui tomar assento á carteira que me havia sido destinada, quase ao fim da sala.

Depois de installado e após os primeiros momentos de excitação, naturalissimos em todo o collegial que pela primeira vez é posto em contacto com os seus condiscipulos, comecei, a principio entre medroso e envergonhado, e depois mais á vontade, a inspeccionar os semblantes que mais proximos me ficavam.

O que mais me attrahio a attenção foi o do interno que occupava a carteira ~~HELENA~~ ~~HELENA~~ contigua á minha.

Era um rapaz moreno, de aspecto sadio e forte, largos olhos negros e pestanudos, cabellos ligeiramente annellados, labios carnudos e rubros e uma expressão de alegria communicativa a aclarar-lhe todo o rosto. Não sei porque, me senti logo attra-

hido por elle e tive um palpito secreto de que iriamos em breve entrar em intima e franca camaradagem.

Creio que foi identica a impressão que lhe causei, porque dahi a alguns instantes já conversavamos em voz baixa, procurando illudir a vigilancia do padre bochechudo que do alto do seu poleiro percorria de quando em vez com os olhos a sala inteira, a ver se todos nós nos achavamos, como era de dever, entregues ao preparo das lições do dia.

Trocamos as primeiras confidencias, buscando cada um, em frases rapidas, pôr o outro ao facto da sua ascendencia e dos seus projectos futuros. Vim então a saber que o meu companheiro se chamava Carlos, que era filho unico do Commendador Menezes, um dos mais ricos capitalistas da cidade e a respeito do qual por diversas vezes ouvira meu pae contar umas tantas coisas complicadas, que eu não percebia bem, mas que me davam do homem a idéa de alguém que enfeixasse nas mãos uma somma enorme de poderio e de mando.

Havia já um anno que o Carlos se achava no Internato, não por vontade propria,

porque implicava soberanamente com toda aquella *padralhada safada*, mas porque a mãe, a d. Ignez, muito chegada á Egreja, insistia pela sua permanencia entre os Jesuitas, na vaga esperanza talvez de que os Padres da Companhia conseguiriam realisar o mais alto desejo da sua vida, que era ver o Carlos, de tonsura, a cantar missa nova.

Aquella irreligiosidade do Carlos, aquelles modos insultuosos de tratar os padres, em quem eu me afizera a ver até então santos do ceo transviados na terra, me chocaram a principio e eu tive impetos de protestar e de defender os pobresinhos de Christo dos labéos que lhes assacava o meu companheiro.

Mas, ou fôsse por timidez natural, ou porque começasse já a experimentar, inconscientemente embora, os effeitos daquelle meio, surdamente hostile á sotaina, em que penetrava, o certo é que guardei silencio e a conversa continuou, sem que eu oppuzesse ás investidas do atheismo do Carlos a barreira forte da minha crença religiosa.

Algumas horas mais tarde, por occa-

sião do recreio, em seguida ao almoço, conversamos mais desafogadamente, apertando cada vez mais os laços incipientes de *sympathia* e de attracção mutuas que nos começavam a ligar.

O Carlos, como eu, era filho unico e, como eu tambem, adorado pelos paes. Os mesmos principios estreitamente religiosos, a mesma *carolice* exagerada e quase doentia que minha mãe, desde os mais tenros annos, me implantara no espirito, tambem foram sementeados no espirito do Carlos pela mãe, a d. Ignez, que elle cegamente adorava.

—Tu não avalias, me dizia elle, como eu quero bem á mamã ! Ainda hoje, é rara a noite em que ao deitar-me não sinta as lagrimas me acudirem aos olhos, ao lembrar-me de que, apenas uma vez por mez, e isto mesmo quando obtenho boas notas, me é dado ir passar um dia a casa...

E, voltando ao seu thema predilecto, desde o nosso primeiro encontro, algumas horas antes—que era falar mal dos Padres do Internato—continuou:

—Esta corja parece que tem medo de que lhe fujamos das garras... Pudera ! Ain-

da se fossem só as mensalidades que lhes pagam os nossos paes... Mas a pechincha são os presentes, os mimos ricos que recebem... Só a mamã tem gasto uma fortuna com estes safados..... Ha quatro dias, encommendou ella ao Padre Fernando, áquelle que ainda ha pouco presidia o estudo, quatro *capellas* de missas, pagando logo adiantado, e dando mais uns cobres para a cêra do altar, porque o patife achou meios de convencer a velha de que, quanto mais luzes houver diante dos santos quando se celebra a missa, mais milagrosa ella se torna para a pessôa que a encommenda. Está claro que elle embolsou logo o cobre e nem uma só das missas da mamã celebrará...

—Oh ! Carlos, contrapuz, isso tambem é de mais...

—Duvidas ? Pois espera um pouco que já te convences. Hontem de manhã, subia eu da sacristia onde estivera occupado em arrumar os paramentos, e, ao passar pelo quarto do Padre Fernando, ouvi uma conversa que me despertou a attenção. Um sujeito qualquer, de voz muito grossa, dizia ao Padre:—Então, estamos entendidos: ama-

nhã ás 9 horas?—Não ha duvida... Mas, diga-me uma coisa: vem alguem da familia assistir á missa?—Ora essa! Venho eu e minha mulher...—Bom, eu perguntei para saber, porque se não viesse ninguem, não havia necessidade de esperar... Ao dar das sete subia logo para o altar... Ah! patife, murmurei commigo, lá se vae a missa da mamã vendida a outro.

E com effeito, hoje pela manhã, o Padre Fernando foi dizer a missa e recebeu depois, na sacristia, das mãos do mesmo sujeito de voz grossa com quem hontem conversava, um envelope fechado, com uma larga tarja de luto.—O que excede a esportula da missa é para distribuir com os pobres em nome do finado... disse-lhe elle. E o Padre, gulosamente, sumio pelo bolso da batina o envelope com as *pelengas*... E agora que me dizes a isto, duvidas ainda?

—Mas tu viste o Padre receber o dinheiro? perguntei, ainda nuns restos de duvida.

—Vi, menino, vi com estes olhos que a terra ha de comer. E, como estas, sei de outras muitas, que te hei de contar com vagar.

E, como se lesse nos meus olhos a desillusão que me ia lentamente cahindo na alma áquellas revelações inesperadas, e os laivos de duvida e de desconfiança que ainda me pairavam no espirito ácerca da sua sinceridade, o Carlos accrescentou:

—Parece-te difficil de acreditar tudo isto que te estou contando, não é assim? Tambem eu duvidei a principio, quando aqui cheguei e quando os outros, já antigos na casa, me vieram narrar coisas identicas. Mas dentro de muito pouco tempo convenci-me da verdade, e, digo-te com franqueza, toda esta canalha de padres, nem queimados vivos pagam o que fazem.

E para ali ficamos os dois a tagarellar, até que resoou o toque de sineta, que nos chamava a fazer a *visita diaria* ao Santissimo Sacramento.

Formamos todos, dois a dois, e assim nos encaminhamos para a Igreja.

Pela nave deserta, envolta numa meia obscuridade soturna e triste, os morcegos esvoaçavam, espantados pelo tropel que faziamos. Em frente ao altar mór, onde o sacrario se erguia vistoso e grave, nos seus doirados reluzentes, uma lampada pendia,

presa ao tecto por uma longa e fina corrente de ferro, e dos lados da Igreja, erectos e solemnes, nos seus nichos circulados de flôres e de franjas de papel prateado, enfileiravam-se os santos, alguns dos quaes de uma esculptura primitiva e grosseira, com as côres dos habitos desbotadas e aqui e ali uma arranhadura profana. Um cheiro mystico a bafio e incenso contaminava o ar, e da rua, que um sol ardente escaldava, chegavam uns ruidos vagos de população azafamada no trabalho.

Ajoelhamos todos em fila defronte do santuario e o Padre Fernando, genuflexo tambem, em meio do primeiro degráo do altar, começou em voz pausada e clara a recitar o *Acto de Adoração*, que iam todos repetindo, num susurro molle e soturno de melopéa.

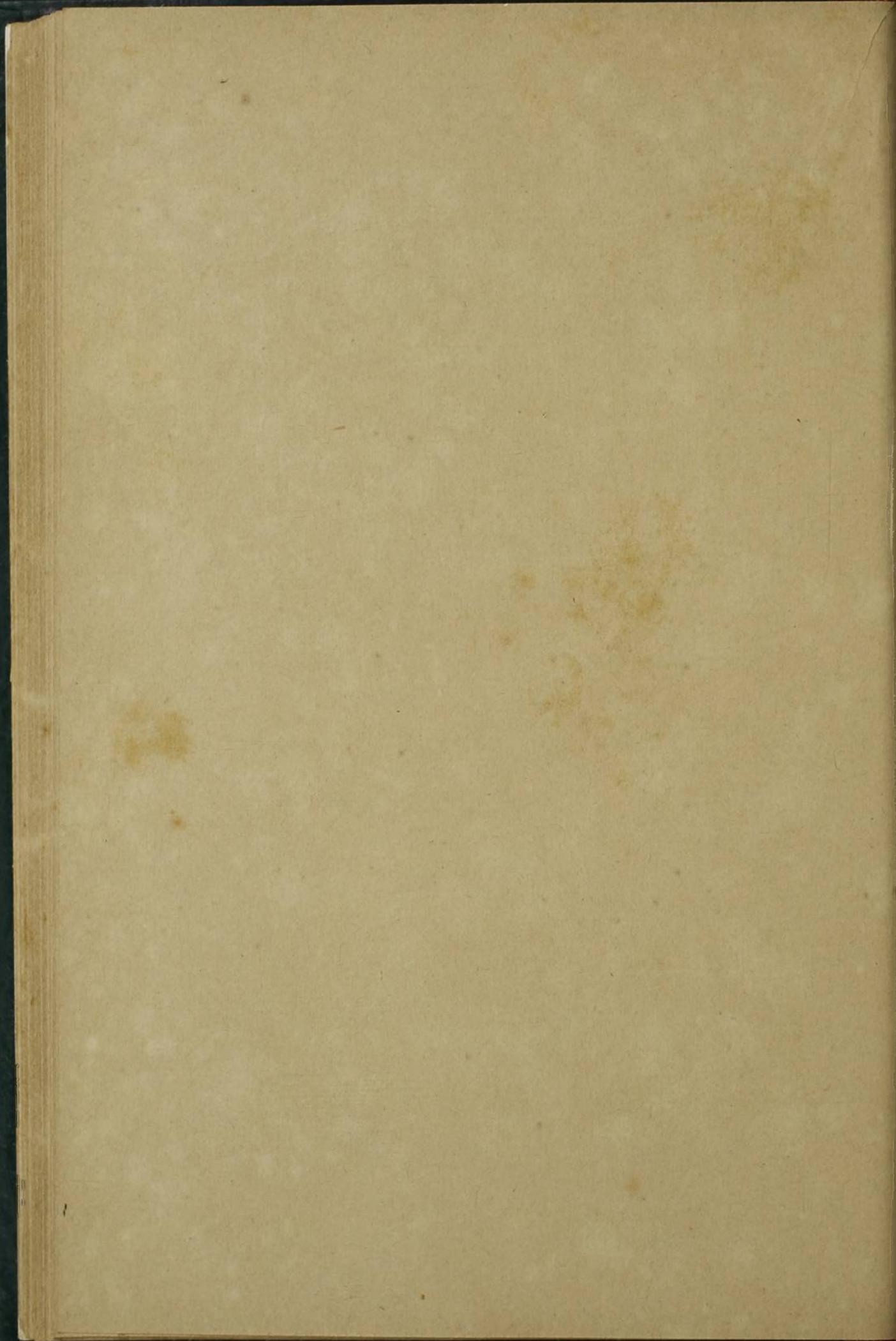
Do logar em que me achava, apenas avistava o toutiço forte do padre, rudemente plantado nos hombros, dando-me a idéa exquisita de um cachaço de touro, luzidio e gordo, onde a marca da canga se não tivesse ainda imprimido em sulcos inapagaveis.

E, por uma estranha associação de idéas,

começaram a acudir-me á mente, aos pedaços, retalhadamente, reminiscencias de uma temporada que fôra, com meus paes, passar numa fazenda de gado, de uns parentes nossos, no interior da Provincia. Lembrava-me perfeitamente de um touro malhado, que todas as tardes recolhia ao curral, situado ao lado da *casa grande*, urrando, escavando furiosamente o solo com uma das patas dianteiras e atirando, de cada vez, para o ar uma nuvem densa de poeira. Era um animal soberbo, um admiravel *specimen* da força bruta, na sua mais completa e rude manifestação. As novilhas, de longe, pareciam namora-lo medrosas com o olhar, quando elle surgia na extremidade do *terreiro*, garboso, provocador, invencivel, com os chavelhos arqueados, os olhos reluzentes, todo envolto na poeira luminosa e doirada do accaso.

—Se o boi tivesse a consciencia da força de que dispõe, seria indomavel, disse-me uma tarde meu pae ao ver-me absorto na contemplação do touro. E não sei porque aquella frase, ouvida ha tanto tempo, e á qual nunca liguei importancia especial, me cantava agora teimosa aos ouvidos.

A Igreja, os santos, os internos ajoelhados, a lampada triste pendente do tecto, os ruidos da rua, tudo aquillo me ia lentamente desapparecendo da vista e dentro em pouco eu apenas tinha deante dos olhos um immenso terreiro descampado, em meio do qual urrava um touro, um touro bestial e forte, indomavel e lubrico, no qual reconhecia com pasmo as feições do Padre Fernando, lendo-lhe ao mesmo tempo nos olhos *a consciencia da sua propria força...*



## X

Meia hora antes de se recolherem ao dormitório, isto é, ás sete e meia da noite, deveriam, invariavelmente, os alumnos do Internato assistir a uma leitura pia, feita por um padre, semanalmente designado para tal fim pelo Director.

Conhecia eu já essa praxe, pelas repetidas e cuidadosas leituras que do regulamento do Internato havia feito, de forma que me não senti surprehendido quando, nessa primeira noite, tres badaladas vibrantes nos chamaram para o piedoso exercicio.

Os alumnos, num movimento uniforme e quase que simultaneo, fecharam os livros, guardaram nas gavetas os cadernos e os petrechos de escripta e, a um aceno do padre que presidia o estudo, se puzeram em marcha, dois a dois, em direcção á sala de leitura.

—Quem faz hoje a leitura ? perguntei ao Carlos que seguia ao meu lado.

—O Padre Roberto, respondeu-me elle em voz baixa. Tu já o conheces, de certo ?

—Muito. E não calculas como gosto delle...

—Tambem eu... De toda esta canalha que nos cerca é o unico com quem sympathiso... Tem uns modos tão delicados e tão singelos de falar á gente... Depois disto não é intrigante, nem anda a espiar o que se faz ou se diz durante o recreio para ir em seguida metter tudo no bico do Director.

A sala de leitura era uma vasta peça, de paredes nuas, com duas grandes janelas ao fundo, entre as quaes se achava disposta uma mesa de cedro, já occupada, na occasião em que entramos, pelo Padre Roberto.

De um lado e outro, deixando apenas

uma passagem estreita ao meio, alinhavam-se, em fila, pesados bancos de pinho, pintados de verde, onde fomos tomar lugar, por ordem de idade: os *menores* ocupando as primeiras filas e os *maiores* as ultimas.

Do centro do forro pendia um candelabro de tres bicos, por onde o gaz se escapava assobiando.

Sobre a banca um photomobile acceso e um grosso livro de encadernação de couro.

O Padre Roberto era muito moço ainda; poderia ter, no maximo, vinte e seis annos. Magro, franzino, de rosto chupado e pallido, fronte larga e cabellos annelados e escuros, todo elle respirava mansidão e doçura. Os olhos rasgados e negros viviam perennalmente velados por uma sombra de tristeza resignada. Quem o visse pela primeira vez conheceria logo que lhe não tinha sido bemfazejo o destino; grandes tempestades de dôr deveriam de certo ter brutalmente sacudido aquella existencia. Por baixo da sotaina negra, que lhe envolvia agora o corpo descarnado, dormia sem duvida uma grande e incomprehendida desventura, dessas que para sempre envenenam uma vida.

E, na verdade, corria ácerca do Padre Roberto uma lenda dolorosa e triste.

Contava-se que elle fôra forçado a ordenar-se pela vontade despotica de um pae que se suppunha obrigado a immolar a Deus a mocidade do filho para alcançar a salvação.

O pobre rapaz, sem forças para reagir contra a pressão paterna, abandonou aos quatorze annos a sua villa natal e veio para o Seminario da capital, tomar ordens.

Augmentava ainda mais as saudades que trazia do logarejo humilde que o vira nascer e onde a sua primeira infancia se escoara, a lembrança de uma prima que lá deixara, da mesma idade que elle, de uma prima que fôra a companheira de todos os seus folguedos de creança e cuja imagem agora, perdidamente querida, vivia na sua alma, tornando mais pesado e mais negro o sacrificio que lhe impunham.

Depois de ordenado voltou á sua aldeia, para visitar o pae.

Quando lá chegou, porem, o velho havia succumbido a um ataque de apoplexia, em seguida a uma resinga com um visinho que lhe mandara atirar a uma vacca de esti-

mação, sob o pretexto de que o pobre animal invadira a sua propriedade, damnificando-lhe umas plantações.

A Maria, tal era o nome da prima, estava casada, havia mais de tres annos, com um bruto, que vivia quase sempre bebedo e que a espancava noite e dia. Não fôra por vontade propria que a infeliz se ligara para sempre a semelhante monstro. Se lhe fôsse dado obedecer ás suas inclinações, seria Roberto o preferido. Embora não pudesse casar com elle, permaneceria sempre fiel á sua memoria, amando-o em silencio, por entre os refolhos intimos da sua alma de virgem.

Mas o tio, o pae de Roberto, em cuja companhia vivia a rapariga, desde que lhe haviam morrido os paes, deixando-a na mais núa das miserias, forçou-a áquelle enlace, seduzido talvez pela pequena fortuna de que dispunha o noivo. E a pobresinha sujeitou-se á vontade despotica do tio com a mesma resignação mansa com que Roberto outrora se havia curvado ao capricho oppressor do pae.

E começou a sua vida de torturas, e foi iniciado o seu martyrio.

Quando o padre a vio de novo parecia ella uma sombra do que fôra em tempos. As rosas da mocidade de ha muito se lhe haviam desbotado nas faces, o brilho dos olhos se apagara, afogado nas lagrimas, e os seus cabellos, os seus formosos cabellos, castanhos e crespos, estavam já salpicados de innumerados fios brancos.

Ah ! que immensa dôr que sentio o rapaz ao contemplar a prima, a sua querida companheira de infancia, a sua innocente e casta amada, como elle immolada á tyrania do pae ! Estreitou-lhe as mãos em silencio, encarou-a longamente, num demorado olhar de affecto e de commiserção, e dos seus labios brotaram afinal palavras amigas de conforto e de animação. O amante desaparecera para dar lugar ao padre, ao supremo consolador das grandes dôres mo-raes.

No seu intimo uma onda de desespero e de revolta borbulhava, soprada pelo demonio, dando-lhe impetos de amaldiçoar a memoria do pae.

Mas nem um vestigio sequer dessa tempestade secreta se lhe desenhou na face. Encaminhou-se para o cemiterio, ajoelhou

junto á sepultura humilde do velho e ali permaneceu por mais de quatro horas em fervorosa oração. No dia seguinte, sem rever a prima, voltou á cidade e veio para o seminário.

Começou então a sua vida de apóstolo, inteiramente devotado aos deveres da sua profissão. Uma piedade infinita lhe transbordava d'alma por todas as miserias humanas. Onde houvesse um doente ou um infeliz lá se achava invariavelmente o Padre Roberto, a prodigalisar-lhe os consolos da religião.

Formou-se ao seu derredor uma lenda de santidade, que elle procurava por todos os meios desfazer, porque lhe repugnavam ao espirito recto e simples as superstições grosseiras do carolismo.

Mas tudo debalde. O homem era santo proclamavam as devotas e quando passava pela rua ou atravessava a Igreja em direcção ao altar, benziam-se todas, estendendo para elle as mãos e levando-as depois aos lábios.

Eu conhecia toda a historia do Padre Roberto e tinha por elle uma veneração sem limites. Naquella noite, enquanto o

santo homem ia desfiando a historia do santo do dia, entremeiando-a de reflexões piedosas, eu, estatico, absorto, não desprezava delle os olhos. Fazia-me bem, depois das coisas horrorosas que me havia contado o Carlos, contemplar finalmente um padre que em tudo correspondesse ás idéas que a respeito desses representantes de Deus na terra me havia semeado na alma minha mãe.

—Ao menos este, dizia commigo, será incapaz de praticar os horrores commettidos pelo Padre Fernando.

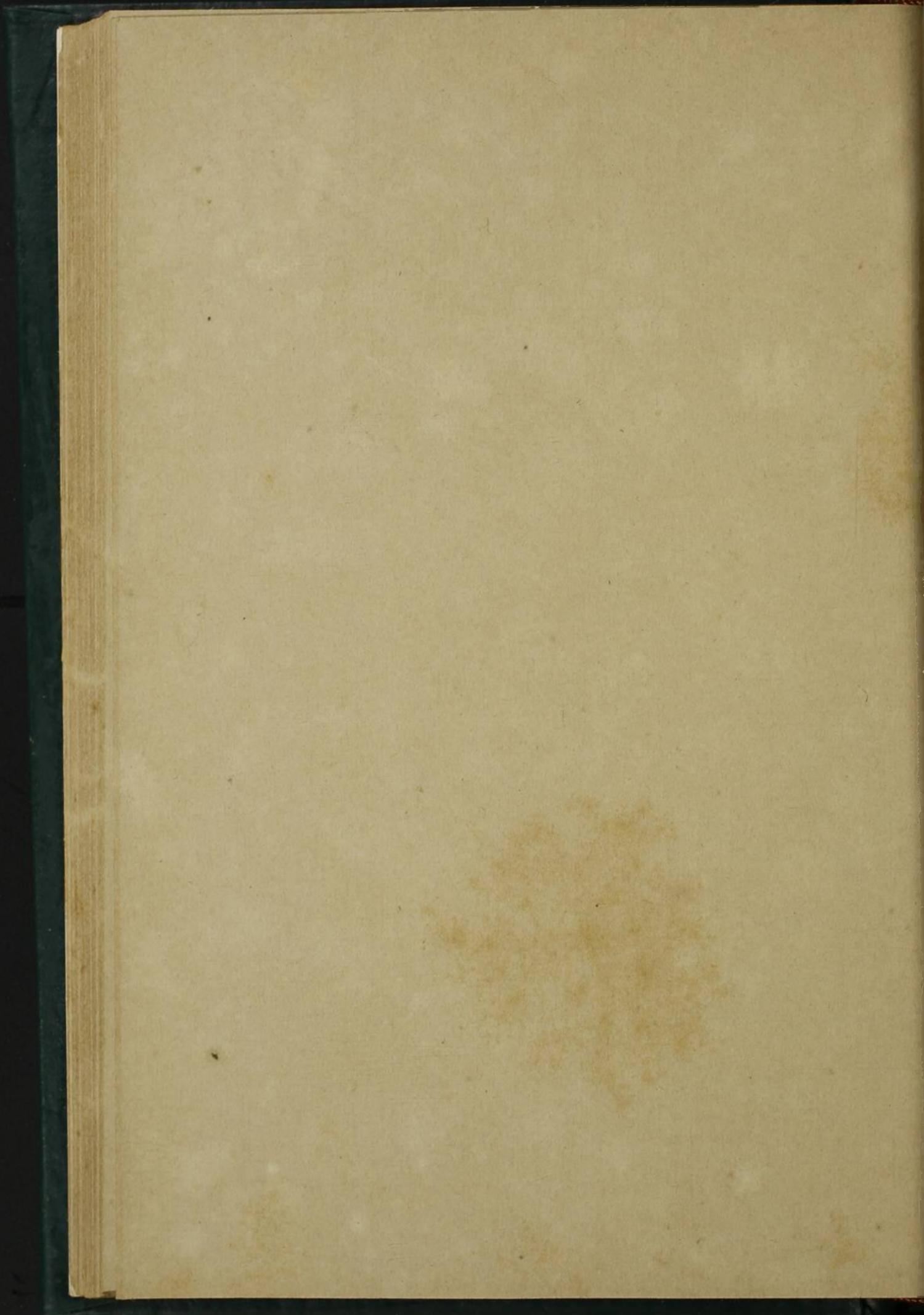
E durante toda a noite sonhei com o Padre Roberto, vendo-o subir lentamente para o ceo, cercado de anjos, que entoavam canticos harmoniosos e doces.

A' entrada do Paraiso, toda vestida de branco, risonha e feliz, destacava-se uma mulher muito moça ainda, formosa e meiga.

—E' Maria, a Noiva do Padre, que o aguarda para effectuar no ceo as suas nupcias mysticas—segredava-me uma voz desconhecida. Eu fazia esforços sobrehumanos para descobrir o rosto de quem assim me falava, mas tudo em vão. Não via ninguem, apenas ouvia aquella voz mysteriosa a repetir:

—E' Maria, a Noiva do Padre...

Quando acordei pela manhã, ao toque da sineta das cinco horas, parecia-me que nunca mais se me apagaria da retina aquella visão extraordinaria.



## XI

A partir desse dia da minha entrada para o Internato, que foi também o do nosso primeiro encontro, a minha camaradagem com o Carlos se foi cada vez mais estreitando, até degenerar numa amizade sólida e duradoira, numa dessas afeições sinceras e dedicadas que estabelecem entre dois homens um laço indissolúvel, tornando a personalidade de cada um como que um complemento e uma extensão da do outro.

Cada dia que se passava um no outro encontrávamos um motivo novo de atração e sympathy. Tínhamos os mesmos ha-

bitos e os mesmos gostos, as nossas inclinações eram semelhantes, identicas as nossas aspirações. A minha crença religiosa aos poucos foi sendo modificada ao contacto do scepticismo do Carlos e ao fim do primeiro anno de convivencia já alimentava as mesmas idéas que elle ácerca de toda *aquella padralhada*.

Mas quando fui passar a casa as ferias desse anno procurei cuidadosamente encobrir de minha mãe a subita mudança que no meu intimo se operava.

Bem sabia avaliar a dôr intensa da pobre senhora se pudesse penetrar nos recessos da minha consciencia e vêr que de lá haviam sido banidos todos os seus ensinamentos; contive-me, pois, para poupar-lhe semelhante desgosto, continuando como d'antes e como as mesmas apparencias de sinceridade e de fé, a acompanha-la ás missas e a todas as outras funcções religiosas.

Ao fim de cinco annos deixámos de vez o Internato e fomos completar no Lyceu o nosso curso de preparatorios.

Ahi continuamos ainda inseparaveis; frequentavamos as mesmas aulas, tomavamos os mesmos professores particulares,

prestávamos juntos os mesmos exames e obtínhamos quase sempre as mesmas approvações.

Terminados os preparatorios, o Carlos para fazer a vontade ao pae, já que não tinha encontrado forças para preencher os desejos secretos da d. Ignez—que era vê-lo de tonsura—seguiu para o Recife a conquistar o diploma de Bacharel em Sciencias Sociaes e Juridicas.

Eu, depois de quase um anno de indecisão entre os diversos cursos superiores do paiz, resolvi não seguir nenhum e deixar-me ficar em companhia de minha mãe, já viuva, e mascarar a minha ociosidade com os apparatus de gerente da pequena fortuna deixada por meu pae. A pobre senhora, que nunca soube ter mando sobre mim, concordou immediatamente com todos os meus planos, exultando talvez no intimo á idéa de me ter sempre ao lado, apegado á quentura das suas saias.

Iniciei então a minha vida de inútil, na qual permaneci até ao dia em que me casei e constituí familia. Os novos encargos e as novas obrigações contrahidas me fizeram tomar a serio o meu papel de cidadão util e

a serio, por consequencia, cuidar dos meus modestos haveres.

O Carlos, no Recife, começou dentro de muito pouco tempo a fazer figura.

A sua alta intelligencia, sempre prompta a assimilar e a reter tudo aquillo sobre que se concentrava, e, sobretudo, a farta mesada que invariavelmente, nos começos de cada mez, lhe mettia para o bolso a prodigalidade incansavel do Commendador Menezes, logo lhe deram um certo ascendente entre os collegas de anno e que mais tarde se estendeu a todos os outros alumnos da Faculdade. Era sempre o escolhido para representar o seu anno em todas as funcções academicas; a sua opinião em assumptos de interesse geral formava invariavelmente a norma suprema de conducta dos collegas.

Dois annos depois de matriculado na Faculdade, entendeu o Carlos que deveria fundar uma revista literaria.

Desde o Internato tivera sempre a mania de rabiscar para o publico e por diversas vezes uns jornalecos de estudantes da terra haviam inserido contos e versos da sua lavra, com grande gaudio do Commendador

que sonhava já no filho um Rebello da Silva ou um Herculano, nomes que representavam para o capitalista portuguez as duas mais culminantes glorias mentaes da sua patria.

Esses ensaios literarios do Carlos, frouxos e incorrectos como de ordinario o são os de todos os principiantes, revelavam comtudo no joven escrevinhador a posse de qualidades raras que, cultivadas e polidas, poderiam mais tarde produzir trabalhos de merecimento. De forma que, quando correu na terra a noticia de que ia apparecer no Recife uma revista sob a direcção e a esforços do Carlos, ninguem se sentio surprehendido e todos pelo contrario auguraram bem da nova publicação.

O Commendador, esse então exultou de alegria e de orgulho.

—E' agora, pensava comsigo, é agora que me vae o rapaz fazer um novo *Eurico* ou uns novos *Fastos da Egreja*.

Mas quando chegou o primeiro numero da revista todo o enthusiasmo do capitalista esfriou, foram-se por agua a baixo todos os seus açodamentos.

O artigo de fundo, traçado pelo Carlos, causou-lhe a principio uma surpresa estar-

recida que em breve degenerou numa fúria sem nome. Nas altas rodas commerciaes da terra foi identico o effeito causado e, se não fossem o dinheiro e a alta posição do Menezes, os *a pedidos* dos jornaes indigenas se pejariam de insultos virulentos ao academico.

A revista intitulava-se *À Nova Patria* e o artigo de apresentação era a mais violenta e mais audaz das catilnarias contra Portugal e a influencia do elemento portuguez na constituição da nacionalidade brasileira. O Carlos começava a largos traços e por uma serie de proposições, até certo ponto gratuitas e paradoxaes, affirmando a incapacidade colonisadora do portuguez.

Para elle, essa brandura e essa humanidade apparentes que alguns publicistas e historiadores estrangeiros reconheciam nos processos de colonisação de Portugal, nada mais representavam do que uma ineptia por assim dizer congenita e uma carencia absoluta de orientação e de planos a seguir.

Depois do brilho fortuito e sporadico dos finaes do XV e dos começos do XVI seculos, Portugal recahio de novo na sua apathia e no seu marasmo habituaes. Deixava

correr ao Deus dará o povoamento e a organização das suas colonias, concedendo-lhes uma somma de liberdade em extraordinaria disproporção á que era outorgada ás suas pelas outras nações da Europa, não por um principio de humanidade e de justiça, nem porque alimentasse planos que seriam ulteriormente executados, mas simples e exclusivamente porque não sabia o que deveria fazer e nem com semelhante problema se preocupava.

A preguiça innata do portuguez, a indolencia que lhe é peculiar e, sobretudo, a sua profunda incapacidade progressiva, lhe não permittiam cuidar a serio da colonisação das terras que um accaso venturoso, uma especie de azar de jogo, lhe fizera cahir nas mãos. Calabar fôra um heroe, o maior estadista, o mais arguto politico brasileiro de todos os tempos.

Já naquella epoca comprehendia elle os proveitos immensos que nos adiviriam da colonisação hollandeza e os altissimos prejuizos que da portugueza para nós decorriam. A sua memoria, longe de ser execrada nos compendios de historia patria que o governo mandava metter nas mãos

dos alumnos das escolas publicas do paiz, deveria pelo contrario ser exaltada como a de um heroe e de um bemfeitor da nação.

Se os seus planos houvessem vingado seriamos hoje a primeira nação do mundo, ao envez de sermos, como somos, quase que a derradeira. Todos os vicios portuguezes haviam passado para o sangue brasileiro e as rarissimas qualidades aproveitaveis que nos legaram não bastam para compensar o inoculamento dos primeiros.

E, depois deste introito disparatado e escandaloso, punha-se a delinear os intuitos da nova publicação. Partindo do principio de que era o portuguez o inimigo da prosperidade do paiz, affirmava que o dever de todo cidadão era combater o portuguez. Fizera-se já a emancipação politica: pois bem, que se fizesse tambem a emancipação commercial e a emancipação literaria. E era por esta ultima que vinha pugnar *A Nova Patria*.

Semelhante emancipação deveria começar pela lingua: já que nos era impossivel adoptar do pé para a mão uma outra que fôsse falada por gente civilisada, na larga e completa accepção do qualificativo,

que ao menos se procurasse imprimir a que nos coube por sorte uma feição propria, tornando-a mais leve, mais malleavel, mais flexivel, mais capaz de se accommodar a todas as *nuances* e a todas as subtilezas do pensamento moderno.

O portuguez genuino, o portuguez verdadeiro, o portuguez classico, só servia para contar coisas pesadas e brutas como pesados e brutos eram os alfanges dos antigos mata mouros barbudos que haviam partido a conquistar a India. Para uma *Decada da Asia* vinha a calhar, parecia mesmo feito de encommenda.

Agora para um livro moderno, para a vehiculação de um pensamento leve, attico, elegante, para um effeito de frase artistica e burilada, não servia, absolutamente não prestava, era tôsko, era primitivo, era fossil, era antidiluviano.

As producções literarias portuguezas ou eram originaes ou de imitação estrangeira. No primeiro caso proveito algum nos trariam como fonte inspiradora. Que diabo nos poderiam contar de novo, que já de cór e salteado não soubessemos, as locuções literarias dos rarissimos artistas

portuguezes dignos deste nome? A tomada de Ceuta, a derrota de Alcacequibir, o sumiço de D. Sebastião, a invasão do hespanhol, a fundação da dynastia de Aviz e outros factos, gloriosos, é certo, mas que só a elles interessavam.

A outra parte, a imitada do estrangeiro, essa apenas nos traria um *décalque* avariado e grotesco dos modelos francezes. Seria muito melhor que nos emancipássemos de vez, que mandássemos ensinar obrigatoriamente o francez nas nossas escolas primarias e fôssemos depois tratar directamente com os fornecedores, dispensando a intervenção lusitana. Teríamos assim generos de primeira mão, novinhos em folha, sem avarias e sem alterações, e economisariamos ainda a mais as despesas de commissão e baldeação.

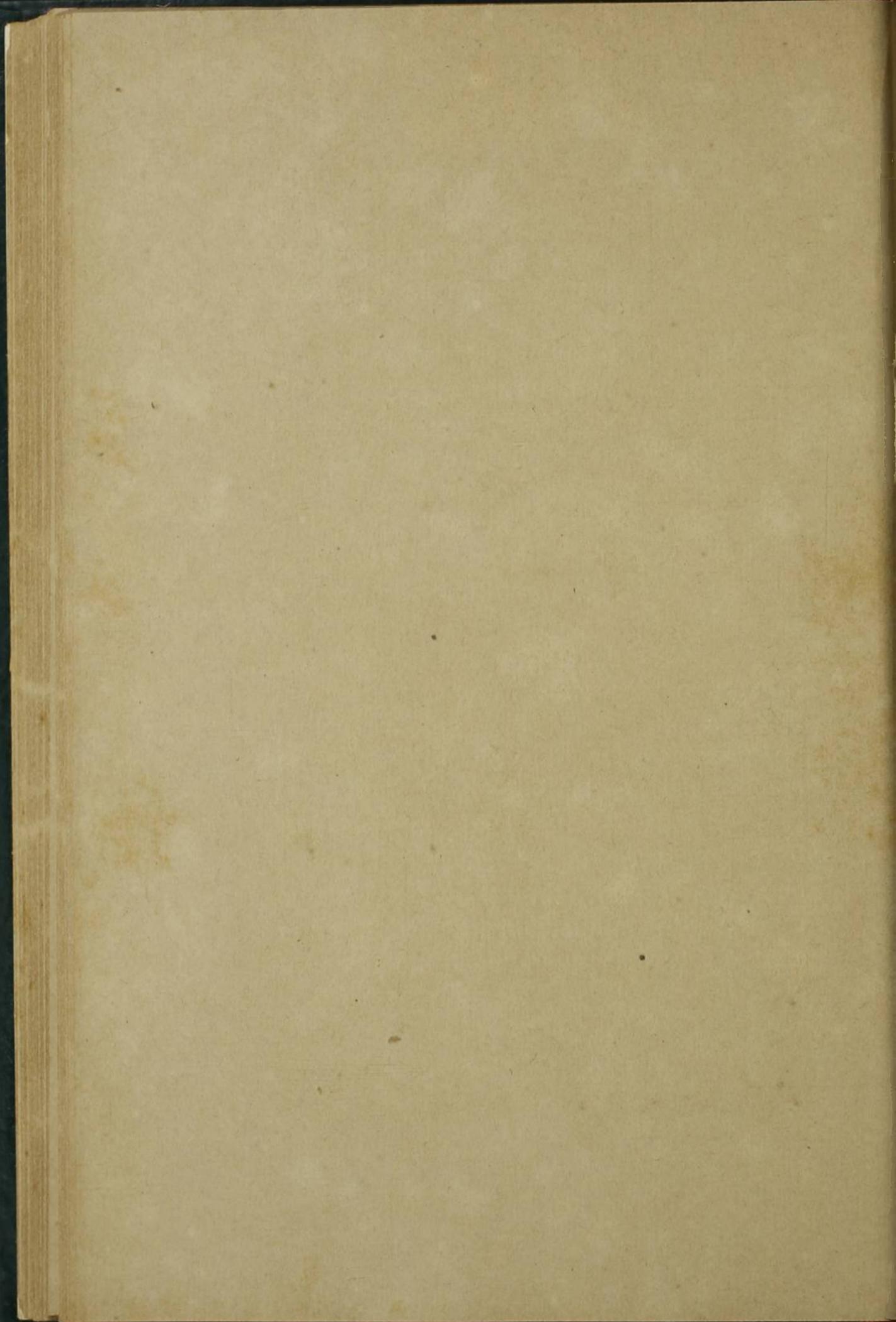
E neste tom seguia o Carlos, paradoxal, absurdo, aggressivo, jogando postulados sem lhes buscar primeiro verificar a exactidão historica, avançando proposições inexactas, affirmando inverdades, sem descer a examinar imparcialmente as bases em que assentavam.

Obedecia cegamente ao jacobinismo li-

terario que soprava desencadeado nos dois principaes centros universitarios do paiz, declarando guerra de morte ás letras d'alem mar.

Mas o Commendador Menezes e os outros portuguezes da terra não pensavam assim; não davam o devido desconto ao meio literario em que respirava o Carlos, nem tão pouco á irreflexão e ao fogo da idade. O primeiro apenas via naquella tirada iconoclasta um grave desrespeito á autoridade paterna e cada um dos ultimos um insulto pessoal.

As coisas de tal forma se enfarruscaram que o Menezes chegou a pensar em cortar a mesada ao filho, faze-lo recolher aos penates e força-lo a abraçar a carreira commercial. As lagrimas da d. Ignez, porem, os conselhos de alguns amigos sensatos e uma carta de retractação do Carlos, chorosa e humilde, abrandaram o velho e o rapaz poude continuar o curso, sacrificando apenas a Revista que morreu no primeiro numero.



## XII

O Commendador Menezes resolveu solemnisar com um baile sumptuoso a formatura do Carlos. E como em tudo o que dissesse respeito ao filho não olhava o dinheiro, abriu os cordões da bolsa e pôz-se a gastar á vontade.

Dez dias antes da chegada do paquete que deveria restituir aos patrios lares o novo bacharel, começaram a circular pela cidade os convites, impressos em letras douradas, trazendo ao alto, no canto esquerdo, uma vinheta symbolica, em *sanguineo*: um cavalheiro empoado, dando a

mão á dama, para executar um passo complicado de minuete.

Os jornaes que viviam dia e noite a engrossar o Commendador, fazendo-lhe zumbaias de toda a especie, começaram a boquejar ácerca da projectada funcção. Seria uma festa unica, rompendo com a rotina pelo qual se haviam guiado até então todos os outros promotores de solemnidades congeneres.

Dansar-se-ia o *cotillon*, coisa inteiramente nova na terra, porque os annaes choreographicos indigenas não registavam ainda semelhante dança. Era uma importação parisiense, trazida pelas filhas do Mattoso, umas meninas elegantes e *chics*, chegadas havia pouco da Europa, em companhia do pae, e que viviam a embatucar as companheiras pelas suas toilettes *à la dernière* e pelos seus modos delambidos e espevitados.

Durante os dez dias que medeiaram entre a distribuição dos convites e a chegada do vapor, o baile do Menezes foi o assumpto predilecto de todas as rodas. Na porta do botequim do Torres, da pharmacia do Villaça, da livraria do Ramada, emfim em

todos os pontos de reunião e de cavaco, não se falava de outra coisa. As lojas de modas viviam durante o dia cheias de moças, a comprarem vestidos, a escolherem enfeites, a separarem bordados. As modistas não tinham mãos a medir e os alfaiates da mesma forma.

O Bertoldo, dono da unica empreza de çarruagens da terra, via-se em palpos de aranha para com os doze carros attender a todos os pedidos. Ainda se os convidados se resolvessem a comparecer uns mais cedo e outros mais tarde, iria tudo muito bem. Mas, qual ! queriam todos entrar ás dez horas em ponto, porque as Mattoso haviam propalado que a gente *chic* não entrava para um baile de luxo nem antes, nem depois das dez.

E o pobre do Bertoldo já não sabia a quantas andava... Queriam todos os respectivos carros á porta ás dez menos um quarto !

Ah ! se lhe fôsse dado, por um momento, na noite da festa, transformar-se em Christo e fazer dos carros pães... Multiplicava-os indefinidamente, ficariam assim satisfeitos os freguezes, e ninguem te-

ria razão de queixa.

Chegou finalmente o grande dia e o palacio do Menezes, profusamente illuminado, começou desde as nove da noite a encher-se de convidados, porque a maior parte dos que se viram forçados a quebrar a etiqueta da entrada ás dez, preferio entrar antes a entrar depois. Teriam assim mais uma hora de pandega e de folgado.

Em frente á porta de entrada, aberta de par em par e flanqueada por dois enormes jarros de plantas, apinhava-se a multidão, acotovellando-se irrequieta e borborigante, a gosar do espectáculo da entrada dos convidados. Duas charangas militares, accomodadas em pesados bancos de madeira no passeio fronteiro, todas as vezes que um carro parava a despejar convidados, tangiam ensurdecidamente os instrumentos, a executar, como annunciara o Velloso, redactor do *Jornal da Lavoura*, «as mais escolhidas peças do seu selecto repertorio».

Diversas vendedoras de dôces, confundindo o baile do Menezes com qualquer festa de arraial, se haviam installado nas proximidades, com as bandejas repletas sobre as classicas banquinhas de madeira

e ao lado o infallivel pote d'agua.

Quem não teve convite para a festa ou quem andava em quebradeira e não se poudo porisso preparar para a dita, foi para o *sereno*, a gosar de longe o que lhe não era dado fruir de perto.

Internamente, era deslumbrante o effeito dos salões do Commendador. Tudo o que havia de mais selecto na cidade lá se achava reunido, a abrilhantar a festa, a adular o capitalista e a cercar de elogios e de medidas o novo bacharel.

O velho exultava de contentamento e de orgulho, baboso e feliz, com aquelle estupendo triumpho. Tinha o filho formado, o que sempre constituiu o sonho mais querido de toda a sua vida, e via agora ao redor de si, a partilhar da sua alegria, desde o Governador do Estado até ao mais humilde caixeirito de commercio a retalho. Não cabia em si o Menezes; andava de um para outro lado, a distribuir apertos de mão, a agradecer felicitações, a obsequiar os convidados.

—Que se não acanhassem, que se fossem servindo do que quizessem, á vontade. Era como se estivessem todos em suas casas.

E indicava o bufête, ao fim da varanda, num terraço esplendido, que dominava o jardim, illuminado a capricho por balõesinhos de papel de côr.

Rompeu o baile com uma symphonia do maestro Fidelis Borba, uma gloria musical da provincia, que nas horas vagas não desdenhava tambem a sovela de sapateiro. As suas valsas e as suas botinas gosavam de invejada fama, eram attestados eloquentes dos seus duplos talentos de artista e de artifice. Se uma menina martellava um piano numa sala, annunciando que estava a executar uma composição do Fidelis, applaudiam todos incondicionalmente. Se um *dandy* ostentava umas botas reluzentes e affirmava que fôra o Borba quem as havia feito achavam todos o calçado uma maravilha. A unica singularidade do caso era que, quando se referiam ao maestro, diziam o Fidelis e, quando tratavam do sapateiro, chamavam o Borba. Nunca houve quem conseguisse atinar com a razão de semelhante exquisitice. Eram coisas, habitos inveterados do povo, que iam passando de uns a outros, assim uma especie de *idiotismos de linguagem*, que toda a gente perpetra e

que ninguem sabe explicar como se formou.

A symphonia intitulava-se:—*Honra ao Merito!* e era dedicada «ao exm. sr. Comendador Gastão Menezes, por occasião da formatura do seu dilecto filho, dr. Carlos Ferreira Menezes».

Quando a orchestra, que o Fidelis, de casaca alugada, dirigia em pessoa, terminou a execução do trecho, uma trovoadade palmas estrugio, e o Commendador, com os olhos humidos veio apertar as mãos ao maestro. Este ultimo rejubilava: tinha como certa a *facada* de cem mil reis que pretendia, no dia seguinte, applicar ao capitalista.

O baile proseguio animado, dansando-se sem cessar até ás 5 da manhã. O *cotillon* foi um successo, dirigido pelo Carlos e por uma das Mattoso, a Noquinha, que fazia o possivel por prender o novo bacharel nas malhas irresistiveis dos seus encantos. Mas a pobresinha perdia o tempo... e as dengices; o Carlos já estava *filado* e nunca teria ella o prazer de juxtapôr ao *Mattoso* do appellido um sonoro *Menezes*.

O serviço do bufête foi feito com aceio e largueza, tanto que ficaram celebres na

terra os *pifões do baile do Commendador Menezes*. Raro foi o convidado que de lá sahio no seu juizo perfeito. Até o dr. Venancio, Governador do Estado, homem paccato e serio, de rijos costumes e de sobriedade exemplar, tinha a lingua um tanto presa ao despedir-se do Commendador e, na porta da rua, tratou por *tu* o seu ajudante de ordens, mandando-o subir para o carro em primeiro logar. O Barbalho, professor publico do interior, que andava atrazado nos vencimentos, aproveitou-se da ligeira embriaguez governamental para lhe arrancar a promessa de que no dia seguinte seriam transmittidas ordens terminantes ao Inspector do Thesouro para pôr em dia o zeloso funcionario.

Mas se os effeitos da cerveja e da champagne á vontade não passassem disso, de prisões de lingua, de atuamento de empregados subalternos e de promessas de saldar debitos publicos antigos ia tudo muito bem. O peor, porem, é que houve gente que se *emborrachou* a valer e deu escandalos de toda a sorte.

O mais saliente de todos foi o Cardoso, professor de mathematica no Lyceu, que fica-

ra sempre com uma pontinha de má vontade ao Carlos desde o exame de Arithmetica.

O Carlos foi para o acto numa *phosphorescencia* vergonhosa e, na prova oral, pôz-se a provocar o professor. O homem encordoou devéras e quiz reprovar o atrevido estudante; mas lembrou-se em tempo de que era inquilino do Commendador e andava atrazado nos alugueis, de forma que teve de tragar a irreverencia e approvar o rapaz.

‘Mas nunca lhe perdoou aquelles grajejos improprios com a mathematica, de forma que nessa noite, tendo já no cerebro o vapor de uma bôa meia duzia de copos de cerveja e outros tantos grogues de *cognac*, reviveu os antigos azedumes.

Conversava num grupo, quando passou o Carlos, dando o braço a uma senhorita.

—Aposto com vocês em como aquelle pedante ainda não sabe reduzir duas fracções ao mesmo denominador...

—Ora deixa lá as fracções e os respectivos denominadores em paz e vamos á cerveja, fizeram os outros conciliadores.

Mas, qual ! o Cardoso teimava, embrulhando a lingua e cuspiendo grosso, em que o Carlos nada sabia de Arithmetica e que

não podia portanto ser um bom bacharel. Todo o homem que possui um titulo scientifico tem por obrigação saber reduzir fracções—é a base de tudo, são as fracções. Quem não souber trabalhar com as fracções, domestica-las, chama-las ao bom caminho, como se faz com os animaes e com as creanças malcreadas, que vá ser tudo: carroceiro, carregador de pedras, cocheiro de bond, mas que nunca se lembre de ir frequentar uma academia. E, como os companheiros rissem, o professor formalisou-se, suppondo que estivessem a fazer pouco d'elle e a pôr em duvidas as suas declarações.

—Ah ! vocês duvidam ? Pois então esperem...

E, aos tombos, sem que os outros o pudessem conter, partio na direcção do Carlos que de novo se avisinhava, sempre de braço com o par.

—Olá, *seu* bacharel das duzias, você já sabe reduzir fracções ao mesmo denominador ? foi logo perguntando e interrompendo o passeio dos dois.

Era de fazer rir as pedras o modo por que elle pronunciava a palavra *denomina-*

*dor*: a lingua entaramelada e o queixo preso lhe não deixavam emittir com clareza todo o vocabulo, de forma que só se ouvia o começo da primeira syllaba, a segunda com as letras invertidas, o *n* antes do *o* e as duas finais: *d'...on...a...dôr*.

O Carlos estacou rindo, tendo num relance comprehendido o estado irresponsavel do outro.

—Já, professor, já sei tudo isso... e procurou com brandura desvia-lo.

Mas o professor emperrava:

—Qual ! você não sabe nada... você é uma besta... você só tem por si o dinheiro... você é mais burro do que uma porta...

E procurava impedir a passagem ao Carlos, plantando-se-lhe em frente, com as pernas tropegas, o busto oscillante e uma baba grossa a escorrer-lhe pelos cantos da bôcca.

Foi preciso que a gente que ali estava por perto interviesse, levando o professor á força para os fundos da casa. E no meio da balburdia e da confusão escandalosa que se estabeleceu ouvia-se sempre a voz avinhada do Cardoso a berrar e a repetir, como um estribilho burlesco, a palavra *d'...on...a...dôr...*



### XIII

Forinado, rico, intelligente, adulado por todos e por muitos devéras querido, poderia o Carlos quedar-se ocioso numa dessas existencias brilhantes e faceis, a que um verniz artificial de actividade empresta uma tal ou qual justificativa apparente. O dinheiro do Commendador dava-lhe de sobra para isso, porque o homem era rico a valer, ou, pelo menos, gozava de tal conceito, o que vinha a dar no mesmo, para os effeitos da mandriice do Carlos. A' sombra do credito do pae, viveria á larga, encontrando abertas todas as portas e de cordões frouxos todas as bolsas.

Montaria, para cohonestar as coisas, um escriptorio de advogado, chamando para o auxiliar, quando a clientela affluisse numerosa, um ou dois solicitadores praticos, sobre os quaes descarregaria o grosso da tarefa, reservando apenas para si as incumbencias amenas, como a de discursar no jury, assignar as razões redigidas pelos solicitadores, entrevistar as testemunhas bonitas, devassar os segredos e os escandalos das alcovas de amor, attrahir sobre o seu todo elegante, sobre as suas botas engraxadas, os seus fraques bem talhados, os seus *plastrons* correctos, os olhos embacados do publico nas audiencias de sensação, etc., etc. Que melhor *vidoca* do que essa que muita gente bôa invejaria?... E os clientes se não fariam esperar, porque a influencia dinheirosa do Menezes, infallivelmente reflectida no filho, constituiria um chamariz de primeira ordem... A justiça humana nem sempre é insensivel á posição social e aos bens de fortuna dos que a solicitam. Toda a questão reside em fazer valer com habilidade e com geito a força util de semelhantes predicados...

Se lhe não agradasse essa intrugice dis-

farçada, innumerous outros meios honestos e dignos de mascarar a sua inutilidade se lhe antolhavam, attrahentes e faccis: o jornalismo, as bellas letras, o professorado official e tantissimas outras profissões liberaes que todos acatam e veneram e que, afinal de contas, bem joeiradas e bem espremidas, nada mais produzem do que isso: o acatamento e a veneração dos outros, exigindo apenas dos que as exercem o insignificante trabalho de declarar em publico que as estão exercendo. Ali estava o *Jornal da Lavoura* que o Velloso de bôa vontade *torraria* por qualquer dinheiro, para ser agradavel ao Commendador e na esperança de apanhar talvez depois, como redactor disfarçado, gordos honorarios. Para ser jornalista festejado na sua terra, que lhe era necessario fazer ? Duas coisas facilimas e ao alcance de toda a gente: desprezar o bom senso e cultivar o solecismo. Ora, o seu simples diploma de Bacharel em Direito constituia a mais forte das presumpções em favor da posse desses dois vantajosissimos predicados.

Ali tinha a cadeira de Lingua Portugueza do Lyceu, vaga pela morte recente

do Athanasio, o celebre autor da *Grammatica Portugueza ao alcance de todos*, obra empanturrada e soporifica, que todos apregoavam como um trabalho papafino, mas que ninguem se sentia com coragem de lêr, a não serem os pobres alumnos que a tinham de levar na ponta da lingua para o exame, se não quizessem apanhar um *R.* Que diabo lhe custava inscrever-se no concurso que ia ser aberto por aquelles dias e surripiar a cadeira, embora desconhecendo por absoluto o que dos candidatos se exigia, que era apenas analysar mecanicamente o Camões, dizer sem titubear quantas *absolutas* e quantas *subordinadas* se continham em cada estrophe do poeta *piloto* ? Haveria lá examinador que tivesse coragem de reprovar o filho do exm. sr. Commendador Menezes, negociante matriculado e Director de Bancos ?

Não lhe servia o jornalismo ou o professorado ? Pois então que *enriquecesse a literatura patria*, um outro meio commodo de ganhar fama sem trabalho. Tinha ás ordens a grande casa editora de Bernardes & C., de que era commanditario o Commendador Menezes. Que fizesse livros, que escre-

vesse romances, que estudasse os nossos costumes locais, tendo apenas em vista aquelle preceito verdadeiro, já esboçado outrora pelo orador romano: que toda a palavra impressa não tem, em ultima analyse, outro alvo a não ser o de encher de linhas negras uma columna branca.

Nada d'isto lhe convinha? Não se sentia tentado ante nenhuma d'estas perspectivas?

Nesse caso ainda havia coisa melhor: era fazer um casamento vantajoso, isto é: desposar uma das herdeiras ricas da terra, augmentando assim o seu patrimonio, ir em seguida fazer um gyro pela Europa, sob o pretexto de aprofundar na Allemanha os seus estudos juridicos e na volta, então, escolher a carreira a seguir. Noivas nas condições não faltavam, ali as tinha á mão, aos punhados. As filhas do Mattoso, chics, elegantes, falando o francez como umas parienses e tocando piano que era mesmo uma maravilha; a neta da d. Virgolina, a Yáyá Vergueiro, uma morena de truz, possuidora de um par de olhos capazes de pôr a arder os miolos de um santo, e de um dote tambem capaz de accender a cobiça

ao mais desinteressado franciscano; a Nhasinha Gomes, pupilla e sobrinha do Conego Syrino, coberta de apolices da divida publica, de sardas e de pó de arroz; e como essas muitas outras que não desdenhariam em encontrar ao lado, no leito nupcial, na manhã seguinte ao casamento, aquelle bello rapaz, vigoroso e sadio.

Mas nenhum destes alvitres, suggeridos ao Carlos pelo proprio pae e por alguns amigos sinceros e experientes, não com a franqueza com que ahi os deixo destrinchados, é certo, e pelo contrario revestidos duma apparencia hypocrita de seriedade, encontrou a acquiescencia do novo Bacharel. O ultimo, então, indignou-o como uma mercancia ignobil.

—Vê tu, me veio elle dizer um dia, irrompendo-me pela porta do quarto a dentro. após uma scena um pouco violenta com o pae, que o queria á força convencer de que deveria desposar a Nhasinha Gomes; vê tu se isto não é em ultima analyse uma transacção repugnante que me propõe meu pae. Vende a tua liberdade, sacrifica o teu futuro, estraga de antemão a tua prole, mas casa-te com aquellas apolices da divida pu-

blica, com aquellas sardas e com aquella espessa camada de pó de arroz... E' de fazer a gente commetter uma asneira !

Eu achava-me na occasião numa esplendida maré de bom humor; fechei o livro que tinha em mão—*La Curée*, de Zola — e dispuz-me a supportar com paciencia os desabafos da ira do Carlos.

O rapaz, a largas passadas, percorria todo o aposento.

Decorridos alguns minutos veio de novo postar-se-me em frente.

—Mas, pensa bem nisto, vê a enormidade da abjecção a que me querem condemnar...

—Oh ! Carlos, não é tanto assim... tu, tambem, exageras as coisas...

—Exagero, hein ? Queria ver-te no meu logar e que me dissesses depois se tenho ou não razão...

—Em primeiro logar, a hypothese é absurda...

—Porque ?

—Porque nenhuma d'essas noivas que te dão me quereria por marido, ou, melhor, os seus respectivos papás, ou quem as vezes dos mesmos fizesse, pôr-me-iam a

andar, mal abrisse a boca para lhes manifestar os meus intentos matrimoniaes...

—E por que motivo ?

—Pela simples razão de não possuir eu nem o teu diploma, nem o teu dinheiro...

—Mas, então, concordas commigo ? E' uma transacção mutua que me propõem: tanto eu como a Nhasinha somos vendidos um ao outro ?

—Concordo sim. E quem te disse que pensava de forma contraria ?

—Quem? Mas foste tu mesmo, que ainda ha pouco taxavas de exageradas as minhas palavras...

—E repito: exageras.

—Mas, com todos os diabos ! Não te percebo; explica-te melhor.

—Exageras quando chamas de abjecção a proposta de teu pae.

—E não seria com effeito uma abjecção revoltante o meu casamento com a pupilla do Conego Syrino ?

—Se-lo-ia para ti que és um idealista entusiasta e que, a-de-mais, estás apaixonado por outra. Não o é, porém, para o Comendador e para todo o resto do mundo, que não vive como tu nas regiões nebulo

sas do sonho e do ideal. Essa gente entende, e com razão, que o que se deve, antes de tudo, buscar no casamento é a felicidade e como para elles toda a felicidade se resume no dinheiro, segue-se...

—Queres saber de uma coisa, Jayme ? interrompeu-me enfiado o Carlos. Eu não vim aqui para discutir coisas abstractas nem para te ouvir as tiradas philosophicas...

—Mas, então, que vieste fazer, filho ? perguntei-lhe rindo.

—Simplesmente isto: dizer-te que meu pae quer á força que eu me case com a Nhasinha, e que eu...

—E que tu por forma alguma te casarás nem com ella, nem com nenhuma das outras noivas que te prepara o Comendador...

—Isso ! E, como já estás mais que inteirado dos meus propositos, fica-te para ahi, a refastellar-te á vontade nesse atasca-deiro da *Curée* que eu me vou por aqui fóra, a ver se encontro um miseravel sobre o qual possa descarregar a ira que me devora.

E, enterrando o chapéo na cabeça, sahio furioso, a atirar estupidamente as portas.

O Commendador afinal não teve outro remedio senão addiar para mais tarde os seus projectos e curvar-se na occasião aos desejos do Carlos, que se cifravam em apanhar uma nomeação de Juiz de Direito para o sertão.

Andava-se a fazer a reforma da Magistratura do Estado e não foi difficil ao Commendador, usando da influencia politica de que dispunha, obter para o filho a nomeação ambicionada

Foi, pois, o Carlos despachado Juiz de Direito para a Carolina, com grande espanto de todos, que não podiam absolutamente comprehender a razão de tão insolito procedimento.

Essa razão, porém, se lhes tornou patente, quando o Carlos, um mez depois de assumido o exercicio, obteve tres mezes de licença e voltou á capital, a communicar ao pae o seu intento de desposar a Laura Medeiros.

Foi uma bomba inesperada, um escandalo como não registavam igual, naquelles annos mais chegados, os annaes da burguezia endinheirada do Maranhão !

E agora, nesta resurreição continua do

passado a que vivo sujeito, surgem-me aos olhos todas as peripecias que a semelhante facto se prendem: o passado da Laura, o seu heroismo incomprehendido e calumniado, as torturas injustas que soffreu, os manejos postos em pratica para a perder e, finalmente, o seu deslumbrante, o seu justo, o seu merecido triumpho.



#### XIV

Quando se espalhou pela cidade aquella noticiado casamento do Carlos com a Laura Medeiros, houve quem de tal duvidasse, attribuindo o boato ao desfastio de linguarudos ociosos.

Pois seria possivel que aquelle rapaz, deante do qual se abria um futuro invejavel, rico, intelligente, educado, dispondo de todos os requisitos necessarios para contrahir um enlace vantajoso e digno da sua posição, se deixasse embeicar, até ao ponto de a desposar, por aquella rapariguita insignificante, formosa, é certo, mas pobre,

de uma pobresa abandonada e núa, e, ainda por cima de tudo, de paternidade desconhecida ? Entraria na cabeça de alguém que o Commendador e a mulher consentissem em tamanha *cabeçada*, mesmo no caso do Carlos, com a inexperiencia da idade, se sentir disposto a sacrificar assim, impensadamente, toda a sua felicidade futura ?

Não, decididamente eram hypotheses essas que o bom senso repellia, que a mais ligeira reflexão dissipava, a menos que se admitisse o principio do absurdo fazer lei.

E, no emtanto, a despeito de toda a sensatez burgueza d'esse modo de pensar e de todas as razões praticas que a seu favor militavam, a verdade é que o Carlos ia effectivamente desposar a rapariga de paternidade desconhecida e que o bom senso do Commendador e da mulher nada puderam, no sentido de o demover de semelhante intento.

A Laura era uma dessas creaturas infelizes, jogada, pelos azares caprichosos e injustos do destino, num meio diametralmente opposto ás suas tendencias e ás suas inclinações naturaes. Poder-se-ia, com toda a propriedade, applicar-lhe a imagem

sediça da flôr nascida num pantano.

A mãe era uma rameira de profissão, afeita desde a mais tenra idade ao deboche e á crapula, sem a mais ligeira noção da moral, sem o mais leve vislumbre do decoro. Todos os vícios aviltantes e abjectos acharam muito cedo abrigo na sua alma, onde a perversidade parecia innata.

Passando de mão em mão, desde o momento inicial da queda, offertando impudicamente a sua carne a toda a voracidade bestial que a solicitava, sem reluctancia e sem pundonor, sentic~~se~~ um bello dia, sem que soubesse explicar porque, palpitar-lhe nas entranhas uma vida nova.

O seu primeiro sentimento, ao ter a certeza do facto, foi de desespero e odio. Que vinha fazer ali aquelle intruso, quem o chamara para a vida ? De que lhe viria servir aquelle filho a não ser de obstaculo á continuação da existencia folgada que levava ? Ah ! se ella conhecesse um meio de o eliminar antes de nascer... Mas para tal teria de ir pedir o auxilio de alguém, e o receio de ser descoberta e colhida pelos tentaculos empolgantes da justiça paralisou-lhe os movimentos.

O unico recurso que lhe restava era submeter-se ao *castigo*, porque aquillo decididamente era um castigo, e quando, decorridos os mezes da gestação, viesse ao mundo a creança, entrega-la álguma alma caridosa que della cuidasse, e atirar-se de novo á crapula. Seria um interregno passageiro, uma interrupção ephemera na cadeia dos seus amores baratos, e nada mais.

Ao cabo, porém, do praso fatal e em seguida aos estertores da dôr fecunda, quando vio, estendido ao seu lado, na enxêrga humilde e desconfortada, aquelle entesinho debil e microscopico, carne da sua carne, sangue do seu sangue, gerado e alimentado nas suas entranhas, uma revira-volta brusca se produzio no animo da infeliz. As lagrimas lhe rebentaram dos olhos, os soluços lhe irromperam do peito, e para ali ficou durante uma hora inteira, a desafogar naquelle pranto copioso a consciencia que afinal lhe chegava dos seus erros passados. A mãe redimia por fim a prostituta, o amor da filha repellia, na irradiação salutar da sua pureza, as paixões ignobeis de outros tempos.

Faltou-lhe a coragem para pôr em pra-

tica os seus designios deshumanos. Que crueldade revoltante que seria a de ir confiar a mãos estranhas os cuidados requeridos por aquella vida incipiente, a de permitir que outros labios lhe viessem roçar a fronte, que outros ouvidos recolhessem os seus primeiros balbucios, que outros olhos mirassem o seu primeiro sorriso ! E como era avelludada e pura aquella fronte, como seriam sonoros aquelles vagidos, quanta innocencia e quanta graça cantariam no entreabrir receioso daquelles labios pequeninos !

Não, ella não daria a ninguem a sua filha. Era uma desgraçada, era certo, uma infeliz e uma perdida, mas fôra da sua desgraça, da sua infelicidade e da sua perdição que aquella flôr immaculada brotara. Todo o seu ser era um atascadeiro lodoso e infecto, mas fôra nesse lodo e nessa infecção que aquelle lyrio casto vicejara.

O mundo a repellia indignado, a sociedade escandalizada lhe trancava as portas, sobre a sua cabeça de peccadôra desciam as maldições da moral offendida; mas fôra exactamente no isolamento dessa repulsa, na solidão desse abandono, no esmagamen-

to infamante dessa maldição, que lhe cahira um dia nas entranhas o germen daquella existencia immaculada, que lhe descera para o seio um dia a semente daquella vida innocente. Era sua aquella existencia, pertencia-lhe exclusivamente aquella vida, e portanto a guardaria ciosa, e porisso a conservaria zelosamente apegada a si. Era talvez um presente do céo, uma dadiva generosa da providencia, apiedada por fim da miseria da sua sorte e seria um peccado sem remissão repudiar ingratamente aquelle auxilio divino.

Não, decididamente ella não daria a outrem a sua filha, a sua filha era della, della e de mais ninguem.

Iria pedir ao trabalho honrado o sustento para as duas, iria mesmo, se necessario fôsse, bater á porta da caridade bemfazeja de algumas almas boas que ainda deveriam existir pelo mundo, e solicitar-lhes de joelhos um auxilio desinteressado para poder educar na virtude a sua pobre filhinha. E seria impossivel que não houvesse mais na terra quem della se amiserasse, que não deparasse, na sua jornada de redempção, com alguma mão caritativa que

se lhe estendesse solícita, amparando-a na sua queda imminente, salvando-a do naufragio que a ameaçava.

Quando ella percorresse as ruas esmolando a caridade humana, quando ella contasse áquelles a quem recorresse no seu desespero, os motivos que a arrastavam a pedir hoje aquillo que ella outrora comprava em troco do seu corpo lascivo de barregã descarada, nem uma só boca se abriria para apunhalar, com uma recusa brutal, a sua expectativa anciosa e humilde, nem uma só face se voltaria, num gesto impiedoso de quem despede um mendigo importuno, negando-lhe a esmola de um pedaço de pão para matar a fome, de um trapo velho para cobrir a nudez.

Os olhos masculinos não mais lhe percorreriam o corpo, buscando adivinhar, por traz dos andrajos que o cobriam, se nelle haveria ainda um resquicio de encanto que pudesse compensar a esportula que se lhe atirasse; as vistas femininas delle se não desviariam mais escandalisadas, como ante a estadeação impudica da carne corrompida e perversa. Ninguem mais veria nella a cortezã de baixa esphera, deixando

nos labios que a procurassem, em paga do beijo que vendia, a podridão embryonaria que deveria mais tarde, como um veneno subtil que aos poucos se infiltrasse pelas veias de um organismo sadio, corroer a vida e apressar-lhe a degenerescencia morbida.

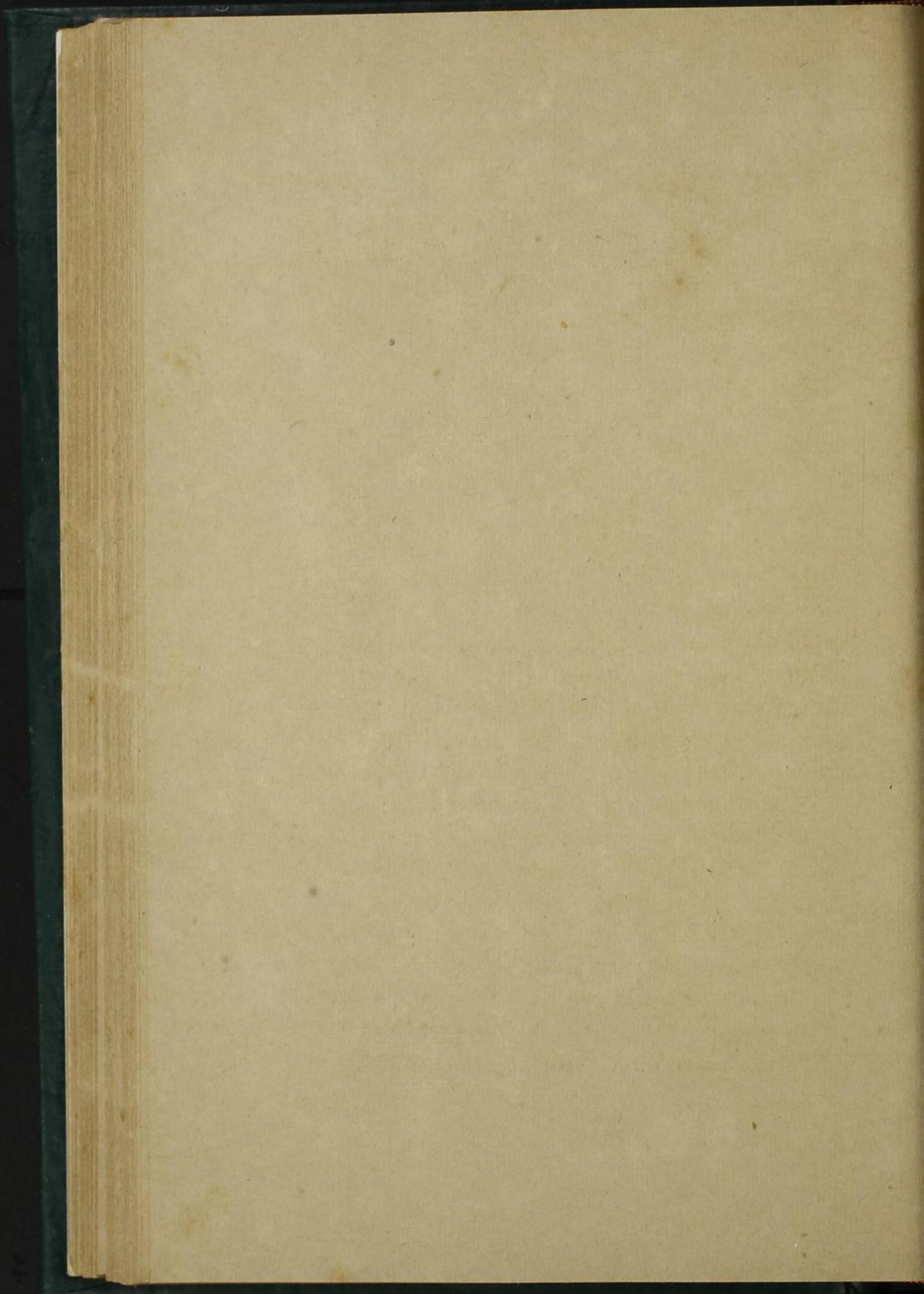
Quem nella surgia agora era a mãe redimida, que por todos os meios buscava encobrir á filha as maculas do seu passado, era o ser augusto e nobre, que acabava de preencher a sua missão physiologica da procreação e iniciava a missão social da educação do ser que gerara. E nesse caracter impunha-se ao respeito de todos, assistia-lhe o incontestavel direito de exigir de todos a cooperação e o auxilio para levar a cabo a sua tarefa moralisante e util.

Semelhantes idéas acudiam em tropel, desordenadamente, confusas e desencontradas, ao espirito da infeliz. A sua intelligencia inculta, a carencia absoluta de uma forte educação moral que lhe desse a consciencia do seu valor de mulher, do nobre papel que poderia ser chamada um dia a exercer na sociedade, lhe não permittiam, com lucidez e com clareza, comprehendelas em absoluto. Mas reconhecia, ou me-

lhor: *sentia* que o seu dever era aquelle. Não podia por forma alguma abandonar a creança, confiar a estranhos a sua educação. Ella é que se deveria incumbir de tudo: amamenta-la, vesti-la, educa-la, ella só, com o seu trabalho, com o seu amor, com a sua dedicação, e, em ultimo recurso, com o auxilio das pessoas de bem.

Confiou logo o seu proposito ás conhecidas que a foram visitar; e o leve sorriso de incredulidade que divisou nos labios dos que a ouviam ainda mais a confirmou na sua resolução heroica.

— Duvidavam ? Era porque não eram mães, não sabiam que amor que a gente consagra a um ser nascido das proprias entranhas... Não acreditavam ? Pois então que deixassem correr os tempos e veriam então de que seria capaz uma mãe !



XV

Foi assim crescendo a Laura, ao lado da mãe, naquella atmosphera de miserias e de privações, donde não fôra ainda de todo banido o cheiro acre e pestilencial do vicio.

Os velhos amantes da Marianna, as suas antigas companheiras de deboche, vinham por vezes bater-lhe á porta, acenando-lhe com promessas falazes, exprobando-a por aquella penuria a que voluntariamente se condemnava, mostrando-lhe que lhe seria facil conciliar as duas profissões: ser prostituta e ser mãe ao mesmo tempo. De dia cuidaria da pequena, cerca-la-ia de todos os

confortos indispensaveis e á noite, emquanto a innocente dormisse, voltaria á vida antiga, recebendo os homens, buscando satisfazer-lhes todos os caprichos e, por esse modo, recheiando a bolsa para as despesas futuras.

Isto era até um dever imperioso que lhe incumbia: pois então era justo que ella, por umas susceptibilidades tôlas, por uns escrupulos puerís e injustificaveis, estivesse a sacrificar a filha, a sujeita-la a soffrer a privação do necessario, a perder forças naquelle insufficiente regimen de miseria, quando, pelo contrario, deveria ser bem alimentada, bem cuidada, para que o seu organismo se refizesse, ganhasse os recursos vitaes que lhe assegurassem a saúde e a riqueza quando fôsse mulher ?

Que immenso esforço que sobre si mesma fazia a pobre mãe para não ceder á tentação, sobretudo quando lhe começaram a escassear os minguados recursos de que a principio ainda pode lançar mão com a venda de joias e de atavios dos seus tempos de amor ! O trabalho pouco ou nada rendia; as costuras que fazia para um armazem de roupas brancas mal chegavam

para o aluguel da casa.

E o sustento, e a roupa, e o leite condensado para a creança, porque as suas tetas haviam dado demasiado amor aos homens para poder dar ainda um pouco de leite á filha? Onde ir buscar o dinheiro, santo Deus, para prover a todas essas necessidades e a outras que por accaso surgissem? E se ella cahisse doente do dia para a noite, se se visse repentinamente na impossibilidade de trabalhar, que seria della e, sobretudo, que seria da creança?

E a desgraçada, quase louca de desespero, desvairada, febril, dolorosa, corria para junto do berço da filha, punha-se a mira-la embevecidamente, de joelhos, pedindo áquella innocencia immaculada a força precisa para não resvalar de novo no abysmo cuja fauces hiantes presentia sob os pés.

Era um heroismo ignorado e incomprehendido aquelle, que combatia na sombra, que se immolava no esquecimento e nas trevas e que passaria afinal perdido no grande torvelinho anonymo dos sacrificios que se realisam sem a quentura de um apoio e sem o incentivo de um applauso.

Aquella mulher, na sua lucta homerica com a miseria e com a fome que se avishavam, querendo a todo o transe manter-se pura, a despeito das suggestões do vicio que se lhe havia fundamente arraigado na alma e dos conselhos perfidos que a cada instante lhe vinham cantar tentadoramente aos ouvidos, e tudo isto para poupar á filha a vergonha do presente, já que a não podia subtrahir á macula do passado, rompia com a normalidade e com a rotina da vida, para assumir as proporções lendarias de uma heroina de tragedia antiga.

Quando a Laura completou sete annos, o padrinho, um funcionario publico honrado e pobre, que nas visinhanças morava e a quem inspirou sempre uma commiserada admiração aquelle drama que se lhe desenrolava ao lado, conseguiu, por intermedio do chefe da sua repartição, que a pequena entrasse, como pensionista da Provincia, para o Asylo da Piedade.

A' Marianna custou-lhe muito o ter de separar-se da filha, mas cedeu resignada, disposta a todos os sacrificios para lhe assegurar o futuro; e todos os domingos á tarde ia vê-la, no parlatorio do Asylo, pasman-

do dos rapidos progressos que fazia e de que era minuciosamente informada pela Directoria.

A menina possuia um engenho admiravel, aprendia com uma rapidez espantosa tudo o que se lhe ensinava. Tinha nove annos apenas e já executava trabalhos de bordado e de desenho que eram uma perfeição. Todas as damas ricas da cidade, que patrocinavam o estabelecimento, queriam á Laura um bem immenso, interessavam-se sollicitas pela sua sorte, e, quando mandavam executar no Asylo qualquer trabalho domestico de valor, exigiam sempre que fôsse ella a incumbida da parte mais delicada.

Alem disso, como dizia, muito seria e muito compenetrada a Directora, «a pequena era de um proposito, que parecia mesmo uma senhora». Muito seriasinha, muito commedida, cumpridora de todos os seus deveres e revelando já, precocemente, uma altissima sisudez moral. Nunca a haviam apanhado numa falta, nunca se viram na contingencia de lhe infligir um castigo. Tinha uma grande commiserção dos pobres e dos infelizes; quando lhe davam algum dinheiro ia sempre entregar á Direc:ora uma

parte para ser repartida com os mendigos que, ás sextas-feiras, vinham esmolar á porta do Asylo.

Os olhos da Marianna marejavam-se de lagrimas a ouvir estas coisas, um grande e immenso orgulho lhe entumescia o coração áquella apologia da filha.

E quando voltava a casa, na nudez pobre do seu quarto, punha-se a pensar horas e horas a fio, buscando explicar donde viera á Laura aquella luminosa e rica herança moral. Della de certo que não. Se a filha lhe houvesse herdado as qualidades seria exactamente o contrario do que se revelava. Pois podia lá admittir que toda aquella pureza d'alma, toda aquella nobreza de sentimentos proviessem della, ser miseravel e abjecto, afeito a todas as podridões, alimentado sempre pelo virus asqueroso e corruptor do vicio ?

Pela mente da triste nem sequer de longe passava a suspeita de que foram talvez as contingencias fortuitas da vida, a influencia perniciosa do meio em que decorrerá a sua infancia, a acção dissolvente dos exemplos que a cercavam, a tyrannia abusiva da sociedade que profliga impiedosa

todas as quedas, mas que nunca estende a mão ás infelizes que resvalam, que a haviam impellido ao lodaçal em que se afundara, e que era bem possivel que na sua alma existissem latentes as mesmas excelsas qualidades que ella agora admirava na da filha. Ella apenas media a profundidade da sua queda, sem buscar conhecer a mão que a impellira, constatava apenas a existencia do mal sem entrar na indagação das causas que o haviam gerado. Ser-lhe-ia necessario para tal uma cultura de que não dispunha e uma visão critica de que era congenitamente incapaz.

Mas, se não era della que dimanava aquella superioridade moral da Laura, de quem seria então ? Do pae, naturalmente. Mas quem era o pae ? Pergunta esta que a infeliz se fazia, tremendo de vergonha, apesar da absoluta solidão em que se achava. Esse rubor que lhe subia ás faces era o mais irrespondivel attestado da transformação porque havia passado a sua alma, ao influxo redemptor do seu amor de mãe.

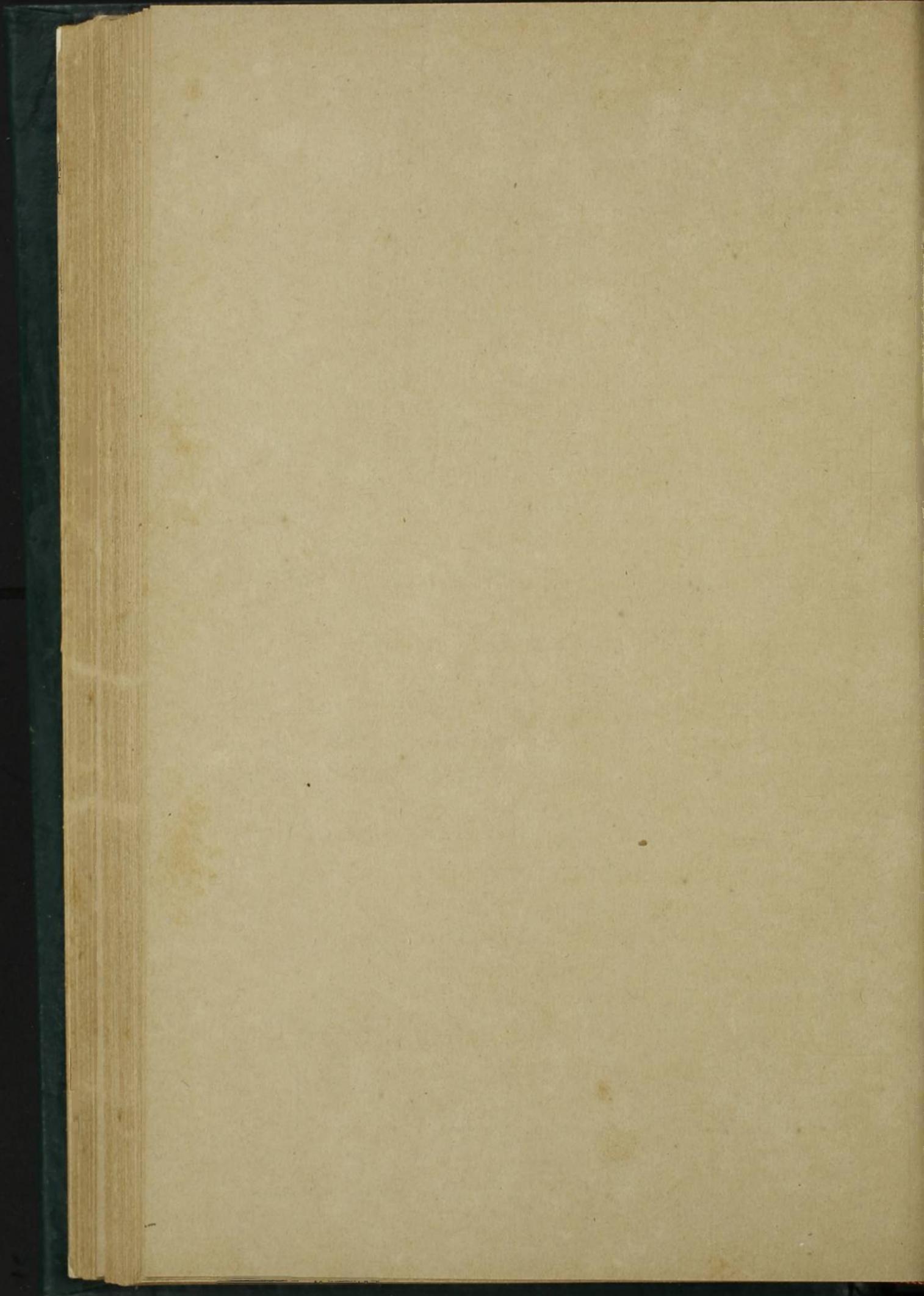
Tantos homens conhecera, com tantos havia cohabitado successivamente que lhe seria humanamente impossivel precisar ao

certo qual fôra delles que lhe havia fecundado as entranhas. Occorriam-lhe diversos nomes, cruzavam-se-lhe pela mente suspeitas varias, sem que nenhuma se fixasse, sem que nenhuma lhe acordasse na consciencia a certeza de ser essa a veridica.

Só a respeito de um ponto não nutria duvidas: o pae da sua filha era de certo um homem superior, um homem sahido de nobre estripe, de raça apurada e fidalga, em cujas veias corria um sangue sadio e em cuja alma se aninhavam os mais peregrinos sentimentos. Para a prova disto ahi estava o producto do seu beijo de amor. A excellencia da Laura não se circumscrevia ao moral somente; apresentava igualmente no physico signaes evidentes de uma ascendencia superior. A sua cutis avelludada e branca, as suas mãos esguias e finas, o seu busto elegante e bem conformado, os seus pés pequeninos e mimosos, os seus olhos de um azul profundo e limpido, a expressão sobranceira que se lhe lia no rosto e finalmente todo aquelle aprumo senhoril que lhe dava o aspecto de uma rainha em miniatura, de sobra indicavam que, por baixo daquella epiderme de lyrio immaculado,

fervilhava um sangue fidalgo.

E a Marianna, ao repassar pela mente todas estas conjecturas, sentia-se tomada de um desejo febril de conhecer o pae da sua filha, de saber o ponto da terra em que aquellas horas se achava, para se lhe ir ajoelhar aos pés e bendizer-lhe o nome por haver atirado á podridão do seu ventre a semente fecunda donde brotara aquelle lyrio casto que lhe vinha perfumar a aurora da sua redempção moral.



## XVI

Entrava Laura nos seus treze annos de idade, quando a Marianna, que desde a sua regeneração gosara sempre de uma saúde razoavel, começou inopinadamente a experimentar uns symptomas morbidos exquisitos.

Eram umas dores de cabeça fortissimas, que a acommettiam de preferencia durante as noites, acompanhadas por vezes de ligeiros accessos febris, gerando-lhe em todo o organismo um mal estar inexplicavel. Queixava-se de uma prostação infinita, de uma inappetencia absoluta para o trabalho e para qualquer exercicio physico; o

corpo só lhe pedia repouso, uma rêde ou uma cama, onde se distendesse á vontade, furtando-se a todo o movimento, alheitando-se a toda a acção. Se buscava reagir contra semelhante apathia, via-se dentro em pouco obrigada a reconhecer a inefficacia dos seus esforços: o *pêco* era superior ás suas forças, dominava-lhe a vontade, empolgava-lhe invencivelmente o querer.

Veio-lhe, suggerida pela filha, a idéa de consultar um medico, porque aquillo não podia continuar assim; ella carecia de trabalhar e trabalhar muito, não só para obter o indispensavel para encher o estomago e encobrir a carcassa, como tambem no intuito de ir formando um peculio destinado á pequena, quando fosse mulher. Mas umas amigas a quem communicou o intento, logo se puzeram a aconselha-la em sentido contrario.

—Qual medico, qual nada! Os medicos foram inventados para gente rica, com dinheiro bastante para lhes encher o bandullo, a elles e mais aos boticarios. Aquillo não era nada. Que fôsse ao Viegas e havia de ver como ficaria prompta com uma só dose de homeopathia.

E a Marianna, cedendo ao poder convincente daquellas opiniões, que no fundo se irmanavam com a sua, lá se dirigio uma tarde para a rua de S. Antonio, á procura do celebre curandeiro.

O Viegas era um velhote, que já andava orçando pelos sessenta, mas admiravelmente bem conservado. A grande paixão da sua vida fôra sempre a homeopathia, a cuja acção therapeutica attribuia uma potencia miraculosa. Não havia molestia, por mais teimosa e grave que fôsse, que resistisse a uma dóse sabiamente applicada. A questão era não trocar o aconito pela camomila, ou vice-versa. Quando a doença pedia aconito que se lhe desse aconito, quando reclamava camomila que lhe applicassem a camomila e assim por diante.

Elle, por exemplo, nunca se enganava: conhecia as predilecções do morbus pelo faro, e porisso tambem só lhe morriam nas mãos os doentes que já viessem estragados pela allopathia. Sabia de cór o Sabino, que proclamava o maior bemfeitor da humanidade, e tinha, a-de-mais, uma longa pratica clinica.

Aos doze annos de idade já ia applican-

do, por conta propria, as suas doses modestas, a principio em animaes domesticos, e mais tarde nos escravos da casa, que se sujeitavam resignados áquelles caprichos clinicos do *sinhôsinho*. Eram tentamens inoffensivos, porque a homeopathia tinha, além das mais, uma grande virtude: se não curava, tambem não matava, deixava a molestia no mesmo pé.

O resultado dessas experiencias foi encontrar-se solidamente aparelhado no dia em que resolveu, para bem da humanidade soffredora, pôr ao serviço de todos o seu saber medico, de cambulhada com os seus globulos e as suas tinturas.

Como o homem dava os remedios de graça e fôsse feliz nas primeiras curas tentadas, não tardou a formar-se-lhe ao redor do nome uma fama que foi sempre crescendo, á proporção que se escoavam os annos, chegando afinal a ser apontado na terra como um raro portento.

Estabeleceu-se uma verdadeira romaria devota á sua casa modesta da rua de S. Antonio, e muitas familias ricas da cidade faziam questão de o ter á cabeceira de qualquer doente da casa, de preferencia a um diplo-

mado. *Tinham fé* no homem e era quanto bastava, porque a homeopathia exigia tambem, para produzir effeito completo, que o doente, ou alguém por elle, depositasse confiança na sua efficacia.

Quando a Marianna chegou á porta do curandeiro já lá encontrou um ajuntamento enorme e se não fôsse um cartão do padrinho da Laura, pedindo ao Viegas que a attendesse com solícitude, talvez não houvesse logrado falar nesse mesmo dia ao grande homem. Graças a semelhante apresentação, porem, foi dentro de pouco introduzida na sala das consultas.

O Viegas mirou-a da cabeça aos pés, com os seus olhinhos de myope, fez-lhe uma infinidade de perguntas, examinou-lhe a lingua, applicou-lhe sobre a barriga a mão esquerda espalmada, dando depois sobre a costa desta ultima duas pancadinhas leves com os dedos da direita, encostou-lhe o ouvido ás costas, mandando-a respirar com força, e ao terminar a minuciosa e detalhada inspecção declarou na sua voz de falsete:

—A senhora não tem coisa de cuidado; são incommodos ligeiros, sem caracter algum de gravidade. Vou preparar-lhe uma

solução de aconito que tomará as colheres de sopa, de duas em duas horas. Quanto ao resguardo abstenha-se de peixe e de comidas salgadas. Verá que tudo isso desaparece dentro de poucos dias.

Mas, a despeito da *fé* da Marianna, da sciencia do Viegas e do miraculoso poder therapeutico da homeopathia, o mal não cedeu; pelo contrario parecia até disposto a aggravar-se, de forma que a doente tomou a resolução definitiva de ir ouvir o dr. Palhares, que todas as quintas-feiras, das sete ás nove da manhã, dava consultas gratis aos pobres, numa das salas da Santa Casa da Misericordia.

O dr. Palhares era notado no Maranhão pela rudez brutal no diagnostico dos seus doentes. Não sabia procurar rodeios, nem revestir de uma apparencia animadora as suas opiniões; dizia logo á queima roupa e em frases duras o que pensava a respeito do mal que se lhe estadeava queixoso em frente.

Porisso, quando a Marianna terminou a exposição dos symptomas que a flagelavam, declarou logo, em voz de trovão, e com o seu ar peculiar de carniceiro feroz:

—Então você pensava que era só viver na pandega, dar folga ao corpo e mais nada, hein? Pois, minha rica, quem vive na crapula acaba sempre assim... Você o que tem é uma medonha carga de syphilis.

A Marianna fez-se livida ao ouvir as ultimas palavras do medico. Com os olhos esgazeados, os beiços a tremer, e uma inenarravel expressão de surpresa e de pavor no rosto, encarava o dr. Palhares, sem encontrar uma palavra, um gesto, para contrapôr ao inesperado daquella affirmativa.

—Sim, senhora, uma carga de syphilis de primeira ordem. Causa-lhe isto espanto? Pois acho que o contrario é que a deveria admirar. Ou quereria você que a syphilis derivasse exclusivamente para as virgens e respeitasse sempre as prostitutas? Teria graça, com effeito, teria muita graça...

E uma risada de papo, mais semelhante a um ronco de garganta do que a uma expansão natural de alegria, completou a frase.

—Mas, sr. dr., conseguio por fim objectar a Marianna, ha mais de treze annos que eu não ando na vida... Desde que nasceu a minha filha...

—Ah ! você tem uma filha ? fez o dr. Palhares brutal. Coitadinha della!...

A Marianna pôz-se de pé como impelida por uma mola.

—A minha filha ?! Que é que tem a minha filha ? Que mal a ameaça ? Diga-me, sr. dr., diga-me, pelo amor de Deus, que mal ameaça a minha filha !...

E aproximou-se ainda mais do medico, dispondo-se a cahir-lhe de joelhos aos pés.

O dr. Palhares, espantado ante aquella mutação rapida dos modos da Marianna, lobrigou, numa intuição fulgurante, a causa real da suadolorosa anciedade. E teve compaixão da infeliz, e não se achou com coragem de aprofundar ainda mais o golpe:

—Socegue, mulher. Que diabo tem você ? Ninguém falou aqui em males que ameaçam a sua filha...

—Mas o sr. dr. disse que a minha filha era digna de compaixão ?...

—Sim, disse, mas... c'ò a breca, não foi porque previsse alguma desgraça futura a ameaçar a pequena... Foi... por habito... E' costume meu...

E como visse a Marianna pouco dispos-

ta a acceitar aquellas razões:

—C'ò a breca ! Quer que lhe diga com franqueza ? Eu lamentei a pequena justamente por ser sua filha... você uma mulher perdida... Ora ahi está !

A Marianna respirou com força como se lhe houvessem retirado dos hombros um peso de cem arrobas. Mas era que o sr. dr. não sabia... Ella, desde que dera a luz á creança, nunca mais recebera um só homem... Regenerara-se por inteiro, e a pequena lá estava a receber uma educação completa no Asylo da Piedade, como se fôsse uma menina de familia...

—Hão de lhe ensinar bem boas coisas as freiras do Asylo... Mas deixemos isso de parte e vamos ao que nos importa... Lá isso de ter você mudado de vida ha mais de não sei quantos annos em nada influe para o caso, faz-lhe apenas honra aos sentimentos, e nada mais. A molestia não escolhe exclusivamente os desvergonhados e os canalhas. Parece até que a malvada tem uma predilecção especial pela gente seria... Você está agora pagando os seus desregramentos passados... Em summa, não é ainda para perder as esperanças... Você me

vae ingerir mercurio á vontade, até ficar toda transformada num espelho... E, depois, veremos o que se ha de fazer.

A Marianna voltou a casa mais animada e começou a seguir á risca o receituário do dr. Palhares.

Ao cabo de pouco tempo tinham-lhe desaparecido por completo os syndromas flagelladores e a infeliz acreditou-se salva.

XVII

A Laura, ao ser informada da doença da mãe, alarmou-se sobremodo, instando com a Directora para que mandasse diariamente saber noticias da Marianna.

Rompendo com os regulamentos e com a praxe do estabelecimento, em attenção aos meritos especiaes da rapariga, que cada vez se tornava mais digna da benevolencia e das attensões dos seus superiores, permittio a Directora que, duas vezes por semana, fôsse á casa da doente o jardineiro do Asylo, em busca de novas.

A Marianna, por sua vez, nos dias em que se sentia melhor, vinha pessoalmente

ao parlatorio, falar á filha, fazendo-se de forte, buscando demonstrar-lhe com a sua presença que o seu mal não tinha gravidade e affirmando-lhe que dentro em pouco estaria restabelecida.

Apesar de tudo isso, porem, a Laura não socegava: vivia triste, impressionada, macambuzia, a chorar pelos cantos, a aproveitar todos os momentos de folga para correr á Capella, atirar-se de joelhos aos pés do Altar da Padroeira do Asylo e pedir-lhe com lagrimas que restituísse a saúde á mãe.

Aquella grande ternura filial, aquelle immenso e extremoso affecto pela triste creatura de miseria e de dôr que lhe dera o ser, cercava a rapariga de uma nova aureola de excellencia moral, guindando-a ao respeito e á veneração de todos os que a conheciam e que já se haviam afeito a superior bondade da sua alma.

A Directora apontava-a constantemente, como um modelo digno de ser imitado, ás demais alumnas, e servia-se della como de um exemplo esmagador e frisante a favor *da* excellencia dos processos educativos da casa.

—Se não fossem os santos principios de moral christã que esta creança veio beber no nosso seio, costumava dizer ás frequentadoras do Asylo, acreditam porventura as senhoras que ella podesse abrigar sentimentos tão nobres e tão dignificadores ? De certo que não, porque os exemplos que encontraria em casa, já não digo da mãe, que essa, *segundo affirmam*, regenerou-se, mas das amigas e das relações que por lá appareceriam, nada teriam de edificantes.

E o auditorio concordava reverente, corroborando a affirmação da Directora e arriscando por vezes uma ou outra allusão malevola á *regeneração* da Marianna.

Para aquellas santas mãtornas, conversão que não fôsse obra de padres, que não viesse inspirada pelo confessorario, nenhuma garantia de persistencia poderia offerecer. Mais cedo ou mais tarde voltaria o peccado a empolgar a victima, para a atirar de novo á condemnação e ao vicio.

E citavam uma infinidade de casos identicos, coroados sempre por uma nova queda.

—Que a pequena era uma santinha, coitadita ! e nenhuma culpa tinha dos des-

vergonhamentos da mãe, continuava a Directora. Aquelles extremos pela peccadora eram sentimentos muito meritorios, muito dignos de louvores e de encomios. Comtudo, era necessario estar com cinco mil sentidos. Não fôsse a innocente conhecer ao certo a verdadeira origem daquelles padecimentos e, levada pela sua grande bondade; perdoar mentalmente os erros maternos. Seria um passo arriscadissimo esse, porque ao perdão seguir-se-ia talvez a justificação desses mesmos erros e dahi, quem sabe ? a creatura humana era tão fraca !—o desejo peccaminoso de os imitar.

—Ah ! isso é que seria necessario evitar a todo o transe, acudiam sollicitas outras, ainda mesmo que fôsse necessario separar de vez a pequena da mãe.

—Por ora não sentimos ainda necessidade de uma medida tão severa e que tanto me custaria a pôr em pratica, declarava a Directora, em tom compungido. Mas fiquem certas de que, se a salvação daquella alma tamanho sacrificio exigisse, eu não trepidaria em fazer violencia aos meus' sentimentos de compaixão e cortar o mal pela raiz.

Felizmente, porem, o restabelecimento da Marianna veio acalmar os receios das piedosas senhoras e restituir ás suas normas, antigas as relações da Marianna com a filha que se cifravam nas visitas regulamentares aos domingos, em presença da directora ou de alguma outra irmã, por ella para tal fim designada.

A Laura fizera-se mulher, realisando por completo as promessas de belleza da sua infancia.

Alta, elegante, distincta, de feições correctas, toda ella admiravelmente conformada, fazia o encanto e a admiração de todos os que a contemplavam.

Por mais rigoroso e exigente que fosse o observador e por mais esforços que em tal sentido empregasse, não lograria descobrir-lhe um unico defeito, um senão ligeiro a empanar-lhe a formosura impeccavel.

Tudo nella era proporcionado, tudo se casava no mais harmonioso e no mais realçante dos conjunctos, desde o brilho dos olhos, de um azul sereno e limpido, até á magestade augusta e nobre do porte.

Da Marianna não tinha um unico traço, de forma que quem as visse juntas difficil-

mente se convenceria de que uma havia nascido da outra. E a velha prostituta, longe de lamentar o facto, parecia, ao contrario, nelle regosijar-se, porque, a seus olhos, a simples herança de uma linha physica sua constituiria uma macula para a filha. Assim é que ella a queria, assim é que a desejava sempre, tendo apenas comsigo um unico ponto de contacto, e este mesmo abstracto: a affinidade do seu grande, do seu estuendo, do seu incommensuravel amor.

Se lhe viessem dizer que esse mesmo amor, apesar de natural e justo, embaciaria, como um sopro pestilento e máo, a crystalina pureza da filha, ella, se não tivesse forças para o arrancar do coração, buscaria sopita-lo, recalca-lo para o fundo d'alma, que lhe custasse embora a vida semelhante tortura.

Para conservar immaculado o seu idolo seria a triste capaz de todos os sacrificios.

## XVIII

Logo que se sentio livre dos incommodos que a perseguiam, entrou a Marianna a relaxar o regimen therapeutico traçado pelo Dr. Palhares.

Como toda a mulher do povo, alimentava contra a medicina dos diplomados uma prevenção obstinada e systematica, vencida temporariamente pela flagellação da enfermidade e pelo immenso desejo de se ver curada, afim de tranquillisar a filha e poder proseguir no trabalho diario, d'onde retirava a subsistencia.

Mas, apenas logrado o intento, o pre-

juiso latente retomou o dominio do seu espirito e da sua vontade e dentro de poucos dias havia abandonado por completo as dosagens de mercurio e a dieta prescripta. De que lhe servia continuar a enriquecer o boticario e pôr em penitencia o estomago? Quem sabe até se foram os remedios que a puzeram hôa? Era bem possivel que o mal houvesse cedido, porque tinha de ceder, e porque ainda não era chegada a sua hora.

Uma mulata velha, a Custodia, *madrinha de carregar* da Laura e que a Marianna chamara para casa, quando a pequena entrou para o asylo, afim de ter uma companheira com quem desse á lingua, nas raras horas de ocio, costumava sempre dizer-lhe:

—Fique *umcê* certa, nhá comadre, que o que lhe fez bem foi a môpathia de sinhô Viega. Aquelle branco é damnado p'ra sabê as coisa da gente pur dentro. Quando a Remunda teve a dô não houve medico que desse geito na mulesta... Doutô Tranquedo cançou c'o ella, foi memo qui nada. Se não fosse sinhô Viega a triste tava hoje mas era na cova... Agora, accrescentava depois de uma pausa, a môpathia tem uma coisa c'o ella: não faz bem de uma sentada... Deman-

da paciencia que é p'ru mode fazê o effeito bem feito... *Umcê* não quiz esperá, foi logo tomá o remedio de doutô Palhare... Mas fique *umcê* sabendo que foi as dose que *umcê* já havia tumado que lhe fizeram bem...

A Marianna não carecia de tão comprida ladainha para se convencer. No fundo, tinha já a intuição de todas aquellas verdades que lhe revelava a comadre. Fôra incontestavelmente o Viegas o seu salvador. O outro, o Dr. Palhares, não passava de um intrujão e de um malcreado.

Aquella da syphilis não era má! Pois então só agora, depois de mais de quatorze annos de abstinencia é que lhe havia de apparecer o *venereo*? Sim senhor, tinha muita graça!

E, satisfeita e feliz por se ver de novo restituída ao trabalho e á saude, reatou a sua vida do costume, passando os dias na costura e na goma e comparecendo invariavelmente aos domingos ao Asylo, a embever-se na contemplação extasiada da filha que cada vez se fazia mais formosa e mais distincta.

A Laura completara já, e com um brilhantismo desusado, o seu curso de estudos

e fôra designada pela directora para tomar conta, como Adjunta, da cadeira de Pendas e de Economia Domestica, do Asylo.

E eram de ver os prodigios que a nova professora realisava no desempenho do seu magisterio. A proprietaria da cadeira, já velha, cansada e doente, pouco ou quasi nada podia fazer; era a Laura quem se incumbia de tudo.

A rapariga tinha, com effeito, um talento especial para os bordados, sobretudo o bordado a branco. Inventava padrões, formava relevos novos, creava desenhos especiaes, que davam ao seu trabalho um realce e um brilho como nunca se vira na terra em obras identicas.

Qualquer estôfo, por mais insignificante que fôsse, transformava-se miraculosamente, ao contacto dos seus dedos inspirados e magicos.

A marca dos lenços de algibeira, com monogrammas entrelaçados, constituia uma verdadeira especialidade sua. Tinham uma procura insaciavel e formavam uma bella fonte de renda para o Estabelecimento.

Adoravam-na as alumnas pelo carinho maternal com que as tratava. Nunca empre-

gou na sua aula os meios barbaros de que então geralmente se serviam todos os professores maranhenses, para metterem na *cachola* dos *brutinhos* que lhes eram confiados os rudimentos das disciplinas que professavam.

A palmatoria fôra abolida, com grande escandalo da Directora e das outras professoras do Asylo, que não concebiam como se poderia ensinar creanças sem as espancar.

—Ha de sahir-se mal com essas innovações, minha filha. dizia-lhe sempre a Directora, abanando a cabeça, num ar de larga e superior experiencia. As creanças, sem o temor da palmatoria, não podem ir para adiante. O castigo é necessario para tudo, tanto para o corpo, como para a alma. Veja que o proprio Nosso Senhor não trepidou em zurzir os vendelhões do templo...

A Laura inclinava reverente a cabeça, açoitando sem discutir todos aquelles conselhos, recebendo sem protesto todas aquellas lições da experiencia, mas pedindo um certo praso para os começar a pôr em pratica.

—Que a deixassem tentar primeiro os

meios brandos, a catechese pacifica, os recursos suasorios para trazer ao bom caminho as suas alumnas. Se, porem, decorrido algum tempo, visse que não surtiam o desejado effeito, então bem: lançaria mão da palmatoria, das orelhas de burro, do quarto escuro, emfim de todos os recursos auxiliares da didactica indigena.

A Directora, que no intimo soffria a grande ascendencia moral exercida pela Laura sobre todos os que a cercavam, calava-se e deixava-a agir á vontade.

Ao cabo do primeiro anno de ensino, tinham as alumnas percorrido, com um aproveitamento enorme, todo o curso, sem que a joven professora houvesse sentido a necessidade de appellar para a palmatoria e para os outros classicos instrumentos de tortura escolar. E quando na grande exposição dos trabalhos, com que ordinariamente se encerrava o anno lectivo do Asylo, os visitantes admiravam os almofadões, as colchas, os abafadores, os lenços, as camisas bordadas e toda aquella alluvião de trabalhos domesticos executados pelas alumnas da Laura e eram informados pela Directora, com um sorriso leve, onde havia uma

pontinha de despeito, de que a palmatoria e as orelhas de burro não haviam sido ouvidos nem cheirados em tudo aquillo, o pasmo e o espanto redobravam e a maior parte se sentia inclinada a conferir á Laura poderes e faculdades sobrenaturaes.

O Pimenta, o decano dos professores do Maranhão, e o maior algoz da infancia que o mundo tem produzido, esse então recusava-se terminantemente a admittir a veracidade das declarações da Directora.

—A quem vem a sra. contar semelhante disparate? A mim que envelheci neste inferno de aturar os filhos dos outros e que sei de quanto são capazes esses diabinhos com figura de gente para nos tirar a paciencia e pôr os miolos a arder? Qual, minha senhora, creança, sem pancada e muita pancada, não aprende coisa alguma. E' preciso bater-lhes até que nos dôam as mãos, para se conseguir tirar delles alguma coisa. Estaria eu bem arranjado se fôsse passar a mão pela cabeça daquella sucia que me enche a casa. Seriam até capazes de me dar cabo do pêlo, os malvados...

E era uma verdade, embora revoltante e triste, essa que o Pimenta com orgulho e

gaudio proclamava. A sua aula dava mais a idéa de um antro de torturas do Santo Officio do que de uma sala de educação de creanças.

Pelas paredes e por cima das carteiras, ostentavam-se pavorosas as palmatorias, as correias de couro crú, as orelhas de burro, todo um arsenal de seviciamentos, que diariamente se exercitava nos corpos frageis que um mal entendido amor paterno vinha confiar pressuroso ás suas garras de abutre insaciavel.

Quem por lá passasse ás horas da classe ouviria logo, desde longe, os berros enfurecidos do animal, cortados de quando em vez pelo estalo da palmatoria e da taca e pelos gemidos e soluços soffreados da victima. Porque o bruto, alem de tudo, não admittia que as pobres creanças extravasassem no choro as dôres das suas mãos arroxeadas pelos bolos ! Tinham de soffrer calados, engolir os soluços, sopitar os gemidos, e offerecer inermes, á sanha bestial do malvado, as suas mãos pequeninas e tenras !

Aos sabbados, então, á hora do *argumento de taboada*, o berreiro era ensurde-

cedor. Formavam todos os alumnos em filas e tinham de effectuar, com a rapidez do pensamento, as sommas e multiplicações dos algarismos que lhes indicava o Pimenta. Se um errava, a pergunta passava adiante e assim successivamente, até que surgesse um que a podesse responder. Era esse então o incumbido de applicar os bôlos a todos os outros que haviam claudicado na operação. E se o bôlo não *cantava* bem alto, erguia-se o Pimenta da banca e ia em pessoa applica-los, começando pelo que havia *emendado*. Os que gritassem mais alto, em vez de um, apanhavam dois, tres, quatro, até engulirem o chôro.

E, quando terminava o argumento, estava o homem esbaforido, coberto de suor, a botar a alma pela bôca, e as pobres creanças com as mãos em sangue e os rostos congestionados pelos erforços feitos para conter o pranto e as lamentações.

Era aquelle, a seu ver, o unico processo de ensino racional e efficaç, e nada mais natural, portanto, do que a sua incredulidade quando lhe vieram contar que alguem conseguia o mesmo, ou melhor, conseguia mais do que que elle e por processos diametral-

mente oppostos aos seus.

Por mais esforços que fizesse a Directora, ajudada pelas confirmações da Laura e pelas confissões das proprias alumnas, para convence-lo da verdade do que lhe affirmava, o homem abanava a cabeça e recusava-se tenazmente a acceita-la.

—Não era possivel, estavam a caçoar com elle, não era possivel ! Creança não aprendia sem pancada. Quanto ás declarações das alumnas, valor nenhum apresentavam aos seus olhos. Elle bem sabia como aquellas coisas se faziam, estava já muito afeito a utilizar-se do testemunho dos seus discipulos. Quando lhes dizia que affirmassem uma coisa, nem que viesse o céu abaixo, seriam elles capazes de proclamar o contrario.

E, finalmente, desesperado, quase esbravejando, rematou a sua discussão com esta enormidade inconcebivel:

—Querem as senhoras saber de uma coisa ? Mesmo que eu conseguisse ensinar os meus alumnos sem a palmatoria, nem assim lhes deixaria de bater, porque a verdade é esta: creança sem pancada não aprende !

## XIX

E assim decorreram dois annos, quando um bello dia sentio-se de novo a Marianna empolgada pelos antigos padecimentos. Voltaram as cephalalgias e os accessos febris, acompanhados desta vez por phenomenos novos e complicados. Começaram a apparecer-lhe pelo corpo umas manchas exquisitas, ligeiramente saliente nas bordas e de uma nuance arroxeadada. Um formigueiro insupportavel exacerbava-lhe a circulação, tornando-a irrequieta, soffrega, constantemente agitada por um mal estar indizivel, ao mesmo tempo que uma fraqueza infinita, uma invencivel debilidadade, lhe relaxava os

· musculos e os tendões, dando-lhe a sensação da vida a fugir-lhe por todos os poros. Julgava por vezes que lhe ia estalar o cráneo, tal era a violencia e a agudeza da dôr que o atanzava. A febre tambem desta vez manifestara-se com mais intensidade, tornando-se mais prolongados e mais frequentes os accessos. Havia occasiões em que chegava até a delirar, pondo-se a contar coisas incongruentas e disparatadas, misturando o nome da filha a evocações obscenas, a trechos impuros do seu antigo calão de rameira de baixa esphera.

Foi enorme e indiscriptivel o terror que se apoderou da infeliz, quando se vio novamente enlaçada pelos tentaculos da enfermidade.

Correu com o louca á casa do Viegas e o grande homeopatha, ao ter sciencia da interferencia do Dr. Palhares na primeira cura, não se conteve e poz-se logo a esbravejar, desancando impiedosamente todos os profissionaes da medicina, classificando-os de ineptos e de criminosos.

—E' isto, tudo uma sucia de alarves e de imbecis. Suppõem os biltres que por haverem alisado durante alguns annos os ban-

cos da Academia sahem de lá uns portentos. E riem-se da gente, e fazem pouco dos que, como eu, se consagram á pratica pura e simples da medicina... Mas, tratemos do principal. Que lhe receitou o tal do Dr. Palhares?

A Marianna, intimidada ante aquellas explosões caricatas do Viegas, cujo ridiculo dobrava de intensidade pelo grotesco que lhe emprestavam a sua figura microscopica e reles e a sua guinchante voz de falsete, murmurou tremula:

—Eu não sei ao certo o que havia nas pilulas... Mas lembro-me do Dr. me haver falado em mercurio....

—Mercurio? Santo Deus! Que animal! Pois o Dr. Palhares mandou-a tomar mercurio, a sia. que não passa de uma beriberica caracterisada? Eis ahi porque se acha agora nesse lastimavel estado... Foi o mercurio que a poz assim, que lhe deu essas dôres de cabeça, esses formigueiros, essas manchas pelo corpo...

—Mas... titubeou a Marianna, a dôr de cabeça já eu a tinha desde a primeira vez em que vim cá... antes de começar a tomar as pilulas do Dr. Palhares...

—Sim, mas eram de outra especie, não eram como agora, retrucou o Viegas meio enfiado ante a flagrancia daquella observação. E as manchas, e os formigueiros, também já tinha tudo isso antes dos remedios do Dr. Palhares?

—Ah! lá isso não tinha, não senhor...

—Pois então, já se vê que tenho razão...

E voltando para a banca, meio giboso, aos pulinhos, numa expressão de ironia caustica e superior:

—E é um medico, um homem que se diz possuidor de um diploma scientifico... Sim, sr., esta cá me fica... O mercurio receitado a uma beriberica caracterisada!

Fez mais algumas perguntas elucidativas á Marianna, examinou-lhe as manchas da pelle atravez de uma lente com cabo de madreperola e preceituou-lhe o regimen a seguir, isto é: o aconito em doses mais altas para combater a febre, e a dieta do costume —abstenção de peixe e de comidas salgadas. Debellada a febre, dar-lhe-ia então outro remedio destinado a tonificar-lhe o organismo e impedir a manifestação franca do beriberi.

A Marianna, ao chegar a casa, con-

tou logo á comadre o que lhe havia dito o homem e a Custodia, depois de ouvir tudo attentamente, declarou:

—E' isso memo, nhá comadre. *Umcê* tá c'o sangue muito carregado... Olhe que uma pruga de jalapa, ou de reluá, não lhe fazia má, pulo contraro, *umcê* discarregava toda essa purquêra... Mas tá *umcê* na mão do branco e faça só o que elle mandá... Faça e *umcê* verá que cum poucas tá arribando. O branco é damnado p'ra sabê dos padecimento da gente !...

Infelizmente, porem, dentro de pouco, a Marianna, em vez de *arribar*, cada vez mais se afundava no mal.

A sua vida transformou-se num verdadeiro inferno. A febre quase que já a não deixava mais e a cephalaria, do mesmo modo, dia e noite lhe martellava furiosamente os miolos. As manchas tornaram-se mais pronunciadas, cobrindo-lhe quase todo o corpo, ameaçando abrir-se em chagas. Dores fulgurantes lhe percorriam os ossos, arrancando-lhe gritos agudos que a infeliz não podia conter, por mais esforços que empregasse.

O Viegas vinha vê-la repetidas ve-

zes, mudava os remedios, examinava cuidadosamente as manchas com o auxilio da lente que invariavelmente trazia num dos bolsos do seu paletot de alpaca, já meio coçado nas mangas, e sahia despeitado, furioso, attribuindo ao mercurio o mallogro dos seus esforços.

—Foi aquelle malvado do Palhares, foi aquella besta quadrada quem me complicou a cura... Se não fôsse elle, com o seu damnado mercurio, já de ha muito que a pobre mulher estaria prompta...

Uma conhecida, das visinhanças, lembrou que fizessem benzer a Marianna. Aquillo talvez fosse máo olhado ou praga que lhe haviam rogado. Tinham-se visto tantos casos... O Zé das Passadas já estivera muito mal, com um inchaço numa perna, que por um triz não o levou para a *cidade dos pés juntos*. Não houve medico, não houve drogas de botica, não houve nada que desse volta á inchação. O pobre homem vivia em cima duma cama, a gritar noite e dia, sem um momento de allivio. Era mesmo uma dôr de coração ! Não comia nada, não bebia nada... Para tomar um triste caldinho, que trabalhão que não era preciso ! A mu-

lher por um lado, o irmão pelo outro, os amigos pela outra banda... E bebe, e bebe que não te faz mal, tu estás mesmo mas é precisando de sustancia, e labuta d'aqui e labuta d'acolá, até que afinal o pobresinho lá se resolvia a engulir o caldo... E a perna a inchar que era mesmo um despropósito.

Um bello dia lembraram a benzidella... Homem, foi agua na fervura. Veio a nhá Siriaca, que para benzer máo olhado não tinha outra no Maranhão. Era muito safada, muito *inzoneira*, muito faladora da vida alheia, mas, no tocante a benzidellas, estava campando sosinha. Chegou junto ao doente, fez as resas, cobrio-lhe a perna de cruces traçadas com o polegar da mão direita, e no outro dia já o homem amanheceu melhor, e ali estava agora rijo e são, a vender saúde a quem della cãrecesse.

Depois de ligeiras discussões, ficou resolvido que se appellasse tambem para a virtude da Ciriaca, da mesma forma por que já haviam appellado para a do Viegas.

E lá veio a mulher, e lá cobrio todo o corpo da Marianna, sobretudo a cabeça, de cruces e de signaes cabalisticos, como já havia feito á perna do José das Passadas.

Mas teve a mesma sorte do Viegas. Tanto a homeopathia como a benzydella não se davam com a Marianna.

Um terceiro alvitre foi suggerido: ouvir o Polydoro, pharmaceutico de nomeada e a cujo activo, para a benemerencia publica, levava a credence popular, e com ella muita gente bôa, um sem numero de curas miraculosas. Citavam-se as dezenas os *casos graves* resolvidos pelo assombroso saber do Polydoro. Eram tres palhetadas, e lá se ia escorraçada por uma porta a doença, emquanto que pela outra entrava prazenteira a saúde. Dizia-se, á bôca pequena, que a maior parte dos conhecimentos medicos do Polydoro provinham do pae, um conego da Sé, muito deboxado, que por largos annos fôra vigario numa localidade do interior, onde exercera a medicina caseira, utilizando-se, como agentes therapeuticos, de diversas hervas e raizes bravias, e deixando por escripto os resultados das suas experiencias. Quando o conego morreu, andava o Polydoro a formar-se em Pharmacia e tinha vindo ao Maranhão passar as ferias do segundo anno. Recolheu a herança paterna, que consistia nuns casebrisitos meio

arruinados para as bandas do Mercado, e com ella toda a papelada, onde vinha minuciosamente estudado o valor curativo das plantas descobertas pelo velho clérigo.

Foi graças a esse subsidio importante, que o pharmaceutico conseguiu, logo depois de diplomado e estabelecido, realisar as primeiras curas que lançaram com segurança os alicerces da sua fama futura.

Se o boato tinha fundamento, ninguem nunca o soube dizer com certeza. O que era indiscutivel, porem, é que o homem tinha uma procura enorme e enricava a olhos vistos. com a venda dos seus preparados medicinaes, entre os quaes se salientava o afamado *Xarope de Raiz de Vassourinhas*, especifico infallivel contra as inchações, fossem ellas de que natureza fossem e fosse qual fosse o tempo de duração que já contassem.

Era uma delicia assistir a uma consulta do Polydoro, na sua *Pharmacia Modelo...*

O homem, ás primeiras palavras do doente, assumia um ar de gravidade e de circumstancia de fazer rir as pedras. Ouvia tudo attentamente, a fazer acenos pausados com a cabeça, fechando lentamente os olhos

quando a cabeça descia, para os ir em seguida abrindo aos poucos, á proporção que a mesma cabeça ia subindo, a retomar a posição normal.

Terminada a exposição da doente, começavam as perguntas. Se alguma vez padecera d'aquillo, se alguma da sua familia soffrera do mesmo mal, se algum dos seus amigos fôra atacado da mesma enfermidade, porque o Polydoro tinha uma theoria especial a respeito do *contagio das molestias pela vista*. Diziam até os seus admiradores que elle preparava em segredo um grande livro, com a exposição methodica e documentada do seu modo de ver a respeito, livro que se destinava a fazer uma revolução completa na prophylaxia moderna, demonstrando que se poderia evitar o contagio e a propagação de uma infinidade de molestias, fugindo simplesmente á contemplação de algum paciente d'ellas atacado. Era por isso que elle nunca encarava de frente os seus doentes, a não ser em casos extremos, quando o diagnostico exigia imperiosamente a inspecção visual da victima.

Respondidos esses primeiros quesitos, entrava o Polydoro na indagação dos pas-

os dados pelo cliente para combater o mal: que remedios já havia tomado, de que recursos já havia lançado mão, se já havia consultado *algum outro* medico. Quando era affirmativa a resposta a esta ultima pergunta, desejava logo conhecer o nome do medico e o que dissera a respeito. E, ás declarações do doente em semelhante sentido, tinha um risinho de mofa, muito superior e muito alto, onde havia tambem uns longinquos vislumbres de compaixão, a desculpar aquellas cincadas do *collega*.

Se se tratava de algum caso que exigisse um exame immediato e detalhado, de um tumor, de uma contusão, de uma ferida, etc., começava então a terceira parte da consulta, que era exactamente a mais interessante e divertida de todas.

O Polydoro erguia-se da sua ampla cadeira de braços e approximava-se lentamente do cliente, montando sobre o nariz os oculos esfumados; contemplava por alguns instantes a parte affectada e dava em seguida começo a uma serie de movimentos e de tregeitos complicadissimos, affastando-se e abeirando-se successivamente do doente, descrevendo-lhe piruetas ao redor

do corpo, tudo entrecortado de monosyllabos gutturaes, que se não percebiam hem, e rematando a funcção com uma enfiada de affirmativas: «Sim, sr.; perfeitamente; estamos entendidos, não ha duvida alguma, é isso mesmo!»...

E voltava a occupar a classica cadeira de braços, que era o seu altar de oraculo charlatão e intrujador.

Foi á custa de muito empenho e de muita sollicitação que o grande homem se resolveu afinal a ir ver a Marianna. Sujeitou-a ás confissões do costume, inteirando-se do estado sanitario de toda a sua ascendencia e de todas as suas amizades, teve o seu risosinho superior ao ouvir, narrada pela doente, a opinião do Dr. Palhares, encolheu os hombros num gesto de desprezo e de pouco caso ao saber dos passos dados pelo Viegas (esse nem sequer merecia as honras de uma ironia, porque não passava, a seu ver, de um reles curandeiro, sem valor e sem imputação medica), examinou-lhe as manchas da pelle, a lingua, os olhos, as urinas e as dejecções, e terminou por affimar que, a despeito da gravidade do mal, compromettia-se solememente a, em breve praso,

pôr a doente de pé. Já na sua vasta clinica havia deparado com casos, perfeitamente identicos, de doentes atacados do mesmo mal, abandonados por todos os medicos do Maranhão e que elle, no emtanto, com a simples applicação dos seus preparados e a prescripção de um regimen dietetico, rigoroso e salutar, tinha conseguido arrancar das garras da morte.

A má sorte da Marianna, porem, ainda desta vez lhe não permittio ver realisadas as gratas promessas de cura que de todos os lados lhe faziam. O mal aggravava-se a olhos vistos: as manchas da pele começaram a abrir-se em feridas e uma paralyisia incipiente entrou, dentro de pouco, a tolher-lhe os movimentos. Era já com certa difficuldade que se conseguia erguer do leito e andar pela casa, arrimada a um bastão. Quanto ao trabalho, vio-se forçada a abandonal-o por completo e bem assim as visitas semanaes á Laura.

Foi talvez este derradeiro sacrificio o que mais custou á infeliz. Tudo supportaria resignada: as dôres physicas, as provações corporaes, a miseria com todo o seu cortejo de horrores e de supplicios. Mas deixar de

ver a Laura, privar-se d'aquella benção salutar do ceo a cahir bemfazeja sobre as ulceras doloridas da sua alma, affastar-se d'aquelle oasis confortante em meio ao deserto arido da sua desventura, era um sacrificio superior ás suas forças.

Que fizera ella, que crimes monstruosos commettera, para merecer da Providencia irada tão tremenda punição?

XX

A recanhida da Marianna veio de novo jogar a Laura no seu doloroso desassocego.

O seu affecto filial corria parelhas com a intensidade do amor maternal da antiga barregã. Tinha pela mãe uma adoração acrisolada e cega, uma ternura dominadora e exclusiva... Se lhe notava no rosto, por ocasião das visitas semanaes, vestigios, apagados embora, de alguma angustia intima, se lhe lobrigava na expressão do semblante, no modo de olhar, no som da voz, um indicio, por mais leve que fôsse, de alguma contrariedade secreta, não descant-

çava emquanto, a não forçasse a uma confissão completa do mal que a affligia.

E, de posse das confidencias maternas, que só á custa de muita sollicitação carinhosa, e de muito desvelado empenho, conseguia arrancar, iniciava uma campanha habil de encorajamento e de consôlo, pondo em acção todos os recursos da sua alma, essencialmente affectuosa e amante, fazendo-se creança, cobrindo de beijos as faces impuras da Marianna, enlaçando-lhe, ao redor do pescoço, os braços aconchegantes e amorosos, até que recebesse, num riso sincero e franco, a certeza inilludivel da efficacia dos seus esforços.

O passado da Marianna não lhe era extranho; sabia-se nascida de um amor illegitimo, e a sua intuição natural das coisas da vida, ajudada por uma ou outra indirecta ferina, atirada pelas companheiras, e por alguns retalhos de conversas surprehendidos á Directora e ás demais professoras do Asylo, lhe haviam gerado no espirito a convicção de que graves culpas contra a moral pesavam na consciencia de sua mãe.

Mas não as quiz nunca aprofundar, nem sequer averiguar ao certo se o arre-

pendimento as tinha vindo já cancellar, ou se, pelo contrario, novas faltas se lhes continuavam dia a dia a incorporar.

Que lhe importava tirar a limpo todas essas vergonhas, se ellas em nada influiriam no grande e apaixonado amor que lhe abrasava o coração de filha ?

Fôsse a Marianna o que fôsse, era sua mãe, tinha-a gerado nas suas entranhas, amamentado ao seu seio, partilhado com ella, ao principio, o negro pão da sua miseria, contribuido, mais tarde, para lhe assegurar uma educação digna, e, sempre, por toda a vida, desde o instante do seu nascimento, sobre ella derramado prodigamente, abnegadamente, todo o desvelo e toda a ternura de que era ainda capaz a sua alma. E era o quanto bastava, para a querer até á loucura, para a adorar até ao sacrificio.

Emquanto a molestia não tolheu á Marianna as visitas dominicaes, a pungente inquietação da rapariga encontrava, para attenuar-lhe a intensidade, a esperança de que em breve a veria de novo restabelecida. Mas, quando se declarou a paralytia, amarrando a casa a infeliz, e privando-a por consequencia de ir levar á filha o con-

forto da sua presença, tocou o auge o desespero e o desassocego desta ultima.

Os regulamentos do Asylo vedavam expressamente a sahida das recolhidas, fôsse sob que pretexto fôsse, de sorte que só por intermedio de terceiros lhe era dado receber noticias da enferma.

Mas isto por forma alguma a satisfazia; o seu mais ardente desejo era correr para junto da mãe, prodigalisar-lhe o conforto dos seus cuidados, velar por ella, applicar-lhe os remedios a tempo e a hora, constituir-se a sua enfermeira, emfim. Semelhante ventura lhe não seria concedida, bem o sabia; mas que, ao menos, lhe permitissem, por uma vez que fôsse, ir ver a mãe, convencer-se pelos seus proprios olhos da verdade do que lhe affirmavam — que a doença da Marianna não tinha gravidade alguma, que cederia em breve, que dentro de muito pouco tempo a veria de novo restabelecida e de pé. Que mal viria d'ahi ao estabelecimento, que prejuizo de semelhante quebra regulamentar adviria para ella propria, para as professoras ou para as outras recolhidas? Não seria até, pelo contrario, um bello e nobre exemplo, permittir que uma fi-

lha fôsse solícita visitar a mãe enferma ?

A Directora do Asylo, depois de muita reluctancia e de muita hesitação, aconselhando-se com o resto do pessoal docente da casa e indo mesmo ouvir a opinião do Bispo da Diocese, cedeu afinal, e, uma bella manhã, a Laura, em companhia de uma Irmã de Caridade, sahio do Asylo, para ir visitar a Marianna.

Quando esta ultima vio entrar-lhe pela porta a dentro a filha, chegou a duvidar dos seus olhos. Pois que?! Seria possivel? A sua filha, a sua Laura adorada, ali, no seu triste lar maculado, entre aquellas quatro paredes nuas, a respirar abandono e miseria, onde a molestia a enclausurava? Não, era um sonho de certo, ama visão bemfazeja e amiga que lhe enviava o céu, amiserado da sua desdita. Mas a visão falava, beijava-lhe as mãos, enlaçava-lhe o pescoço entre os seus braços macios, collava-lhe ao rosto os labios, sem repugnancia pelas chagas asquerosas que o cobriam, chamava-lhe mãe, cumulava-a de carinhos e de mimos... Não, não estava illudida... Era a sua filha, era a Laura que ali se achava ao seu lado... E um grito espontaneo, mixto de ale-

gria, de dôr, de triumpho e de orgulho, lhe irrompeu dos labios:

—Minha filha! Filha querida da minha alma! Ah! como eu chamava por ti, como eu pedia a Deus que me não deixasse morrer sem te ver ainda uma vez!

E as lagrimas, quentes e bemfazejas, lagrimas de satisfação e de ventura, desciam, uma a uma, pelas suas faces emmagrecidas e encovadas. Tomava entre as suas as mãos da filha, enchia-as de beijos vorazes, mirava-a da cabeça aos pés, sem se fartar nunca, sem nunca se sentir saciada. Palavras entrecortadas de agradecimento e de amor se lhe vinham misturar ás caricias.

Serenadas as primeiras expansões, quiz a Laura conhecer os passos que haviam dado para a cura da mãe, e buscou por todos os meios convence-la de que deveria quanto antes recorrer a um medico. Quiz até que fôsem immediatamente chamar o Dr. Palhares, ao Hospital da Santa Casa, que ficava fronteiro. Mas a hora da consulta do medico já havia passado, de modo que não mais seria possivel encontra-lo naquelledia.

Exigio, porem, que, logo bem cedo na manhã seguinte, o fôsem procurar e o trou-

xessem a ver a mãe. E, para mais segurança, fez chamar o padrinho que morava perto, arriancando-lhe a promessa de que iria em pessoa buscar o medico, comprometendo-se tambem a dar em seguida um pulo ao Asylo, afim de informa-la da opinião do facultativo e do regimen que prescrevesse á doente.

A Marianna, presa ao leito pela paralyxia absoluta dos membros inferiores, bebia extasiada aquellas palavras da filha. E a velha pergunta, eternamente irrespondida e que por tanto tempo a preocupara, se lhe erguia de novo no espirito. Donde herdara a Laura aquella incontestavel e fulgurante superioridade ? Quem lhe semeara no sangue o germen daquella suprema belleza physica e daquella indiscutivel ascendencia moral ?

E quando a rapariga lhe veio beijar as mãos antes de partir, promettendo-lhe, a despeito dos signaes negativos da Irmã, que dentro de poucos dias voltaria de novo a vê-la, uma interrogação, insensata e louca, esteve prestes a fugir-lhe dos labios:

—Filha, dize-me, pelo amor de Deus, quem é teu pae ?...



## XXI

O padrinho da Laura, o Fialho, da Secretaria, como era geralmente conhecido na terra, realisava por inteiro o typo do homem a quem costuma o vulgo denominar de *uma boa alma*.

Viera ao mundo para dous fins apenas: redigir officios na Secretaria do Governo e fazer o bem, a mãos largas, desinteressadamente, todas as vezes que para tal se lhe offerencia o ensejo. Estava-lhe aquillo na massa do sangue, não lhe vinha de semelhantes praticas merito de especie alguma. Não podia tolerar um officio em desaccôrdo

com as praticas da estylistica official, nem contemplar indifferente uma penuria a esmolar, da mesma forma porque muitos não soffrem o attrito de uma lima a afiar uma serra; fazia-lhe mal aos nervos, bulia-lhe com o organismo inteiro. Tomava logo o lapis para corrigir o officio, rebuscava pressuroso as algibeiras para attenuar a penuria.

Já lhe conheciam todos essas duas predilecções, e dellas desembaraçadamente se utilisavam sempre aquelles a quem podessem aproveitar. Amanuense em difficuldades para pôr por escripto o pensamento governamental corria logo á banca do Fialho; pobreza envergonhada, que carecesse de uma esmola, ia sem reluctancia bater-lhe á porta da casa. A unica differença residia em que os primeiros eram invariavelmente attendidos e nem sempre igual sorte se deparava aos segundos.

Por que?

Por uma razão muito simples: porque a mulher de Fialho era a antithese completa do marido. Para ella, poderia morrer de fome a humanidade em peso, excepção feita da sua parentela, que pouco ou nada se lhe

dava. Que cada um cuidasse de si e dos seus e já não fazia pouco. Quanto aos restantes, que se arranjassem como pudessem; o mundo era vasto e havia nelle logar para todos. Estar a dispender as suas economias para encher o bandulho de gente que nem sequer se sabia de onde vinha e que talvez nem soubesse agradecer o favor que se lhe fazia é que era, a seu ver, a mais rematada das loucuras.

Por esse motivo, todas as vezes que podia, buscava invariavelmente impedir que a munificencia do esposo se exercitasse em favor dos necessitados estranhos que o procuravam.

O Fialho, a principio, tentou por meios brandos dissuadir a mulher dos seus inclementes propositos; em seguida, vendo que a catechese pacifica não surtia effeito, passou á rispidez, ás ameaças, ás imprecações.

Convencido afinal da inutilidade deste segundo expediente, adoptou então o terceiro, do qual nunca mais se affastou: a indifferença. Podia a D. Anastacia bradar á vontade, enfezar-se, maldizer-se, cobril-o de insultos e de improperios: era o mesmo que nada. Proseguia, calmo e frio, atravez da

borrasca, como se nada d'aquillo lhe dissesse respeito.

Quando a Marianna os veio convidar, a elle e a mulher, para padrinhos da filha, a D. Anastacia torceu o nariz, farejando logo peditorio; mas não teve remedio senão acceitar o convite.

Como, porem, se não verificassem as suas previsões, isto é, como a Marianna nunca recorresse á bolsa do seu marido nem a d'ella, despiu-se um pouco da sua reserva defensiva e chegou mesmo, por duas ou tres vezes, a presentear a afilhada com uns vestidinhos de chita barata.

Mas a trovoada explodio por occasião da entrada de Laura para o Asylo.

—Se aquillo tinha geito: andar o Filho a metter-se em negocios que não eram da sua conta e que em cousa alguma o interessavam... Deixasse a pequena em paz, em companhia da mãe, que era a unica a quem incumbia a obrigação de velar pelo seu futuro. Que queria dizer: elle, um homem serio, velho, casado, respeitavel, a metter empenhos para recolher ao Asylo a filha de uma mulher de má vida, de uma desvergonhada que havia dormido com

quasi todo o Maranhão? Que não iriam pensar delle os seus chefes, o Presidente da Provincia, o Bispo da Diocese, toda a gente sensata emfim? Dar-lhe-iam talvez até a paternidade da bastarda, porque só por alguém do seu sangue é que a gente trabalha como elle trabalhava pela Laura. E a vergonha afinal de contas era toda para ella, para ella, a D. Anastacia Fialho, descendente de antigos fidalgos portuguezes, senhóra, em tempos, de uma numerosa recua de escravos, que se não fôsem os azares succedidos ao pae, ainda estariam áquellas horas a gemer debaixo do seu azorrague. Vivera até então sempre de cabeça erguida, sem uma macula e sem um senão, affrontando as vistas de todos, porque quem não deve não teme... E agora, quasi no ultimo quartel da vida, é que se veria obrigada a baixar os olhos ante os que a encarassem... E tudo porque? Porque *o bom do seu marido* entendia a todo o transe que a deveria expor áquella vergonha e áquelle ridiculo!

E a ladainha seguia, interminavel, furibunda, desancadora.

—Não, as coisas não ficariam assim só... Se elle não sabia velar pela honra e pelo

bom nome da casa, ali estava ella, que, apesar de mulher, se sentia, comtudo, capaz de tomar sobre os hombros a pesada tarefa. Tinha amigos, tinha parentes, tinha conhecidos, a quem recorreria e que de certo lhe não negariam o preciso auxilio para a salvar d'aquella triste e enlameante contingencia em que se achava. Mas a sua cara não seria envergonhada, nem que viesse o mundo abaixo.

O Fialho, porem, já affeito áquellas trovoadas e áquelles despropositos, passou por cima de tudo, fez-se nomear tutor da Laura e conseguiu porfim o seu nobre intento.

A pequena foi recolhida ao Asylo e elle nunca mais a perdeu de vista, acompanhando-lhe os progressos, velando pelo seu bem estar, interessando-se pelo seu futuro, exultando com os seus triumphos escolares e querendo-a cada vez mais. Houvera do seu enlace dois filhos, mortos ainda creanças, de forma que toda a sua ternura paternal derivava agora para a Laura, a despeito da tremenda opposição da D. Anastacia.

Depois que se aggravou a molestia da Marianna, privando-a do trabalho, era elle,

com os parcas sobras dos seus magros vencimentos, quem fazia quasi que todas as despezas da casa. Não pequenos sacrificios lhe custava semelhante encargo, sacrificios pecuniarios e sacrificio da sua paz domestica. Mas, era o caso: a Marianna sem pão e sem agasalho era como os dentes da serra comidos pela lima, contundia-lhe com os nervos, exacerbava-lhe o organismo.

No dia seguinte ao da visita da Laura á mãe, logo muito cedo, partio o Fialho para o Hospital, em busca do Dr. Palhares e pouco depois entrava com elle em casa da Marianna.

O facultativo, ao dar com a infeliz estendida na cama, coberta de chagas, quase sem movimentos, a não ser nos braços, teve um brusco repelão de colera:

— Ah! você pensava que havia de caçoar com a molestia e com o medico? Mal que se sentio melhor, toca logo a abandonar os remedios e a cahir de novo na pandega, hein? Pois ahi está o resultado... Agora, minha rica, é d'aqui para a cova...

E como lançasse os olhos para uma mesa desconjunctada, sobre a qual se achavam enfileiradas as garrafas com os rotulos

do Viegas e do Polydoro, a sua colera subio ao auge.

—Eu já estava admirado que não andassem por cá tambem as patas d'aquellas duas bestas! Mas é de arrancar a paciencia a um santo! A gente a trabalhar, a esforçar-se por livrar esta canalha das garras da molestia, e elles a nos trahirem, a recorrerem por portas travessas á estupidez d'aquelles dois alarves! Você não se pegou tambem com S. Benedicto? Pois admira... E' sempre assim! Corja de patifes e de mal agradecidos! E quando se pilham livres, graças ao nosso trabalho:—não fomos nós quem os salvamos... Quem os poz bons foi o Viegas, foi o Polydoro, ambos mancomunados com S. Benedicto! E' de fazer perder a paciencia a um santo!...

As lagrimas da Marianna desciam-lhe quatro a quatro dos olhos e em todo o semblante da infeliz o mais desvairado terror se espalhava.

O Dr. Palhares examinou-lhe as chagas, fez-lhe algumas perguntas e terminou declarando que o mal era incuravel. D'aquella não se levantaria mais nunca. O mais que que podia fazer era prolongar-lhe um pouco

mais a vida, mediante um regimen severo, mas que por forma nenhuma poderia ser posto em pratica ali. O verdadeiro era recolhe-la ao Hospital.

—Ao Hospital!? bradou Marianna, fazendo esforços sobrehumanos por se erguer do leito. Ao Hospital?!

—Sim, ao Hospital, retrucou o dr. Palhares. E que tem isso? Será porventura você a primeira que para lá vae?

—Oh! sr. Dr., tartamudeou supplicante a desgraçada. Ir para o Hospital?! Antes morrer logo!

—Eu não estou dizendo? Só a chicote ou a ferro em brasa! Estão a morrer de fome e de miseria, a largar os pedaços, sem ter quem os trate, quem lhe dê os remedios... Offerece-se-lhes tudo isso, mas qual! é trabalho perdido! Preferem esticar com os dentes arreganhados a acceitar a esmola que se lhes faz! Sucia de mal agradecidos! Pois arrebente p'ra ahi á vontade, que eu é que não tenho obrigação de a atuar!

E, enterrando ainda mais o chapéo na cabeça, abalou o dr. Palhares, furioso, acompanhado até á porta pelo Fialho que por

todos os meios procurava acalma-lo, fazer-lhe ver a ignorancia da Marianna, victima do prejuizo arraigado no povo contra a caridade official e collectiva dos Asylos e dos Hospitaes. Mas aquillo havia de passar, ella afinal se convenceria de que só teria a lucrar com a adopção do seu alvitre.

—Que se convença ou não, isso para mim é indifferente... Aqui é que não ponho mais os pés ! atirou numa derradeira baforada de colera o dr. Palhares, já na rua, a mover brutal o seu enorme corpanzil adiposo e a brandir furioso a bengala.

## XXII

Fiel á promessa feita á afillhada, o Fialho, após a visita do Dr. Palhares, dirigio-se para o Asylo afim de communicar o resultado á rapariga.

Ia resolvido a dizer-lhe a verdade, na esperança de que ella lhe secundaria os esforços no sentido de ser a Marianna internada no Hospital.

Mas, ás primeiras palavras do velho, a Laura insurgio-se logo:

—Minha mãe no Hospital? Ora, meu padrinho, era só o que faltava! Nem me deveria o senhor propor tal coisa!

O Fialho cahio das nuvens; arregalou os olhos, fitando-os esbugalhadamente no rosto da afilhada, na surpresa inesperada e brusca, que semelhante recusa lhe plantava no espirito. Que ? ! Era aquella a sua Laura, a rapariga modelo, ponderada e sensata, que causava, pelo seu sadio equilibrio moral, a admiração de todos os que a conheciam ? Seria possivel que a herança psychica da classe de que emergia, de tal forma nella actuasse, a ponto de lhe obcecar a razão, de annullar, de um momento para o outro, todo o trabalho paciente da educação e do ensino ?

Rapidas e fulgurantes, todas essas perplexidades inquisidoras lhe cortaram o espirito, antes que elle se resolvesse a pedir á afilhada a razão daquella declaração.

—Mas, que tem o Hospital, minha filha? Que mal virá á tua mãe de ser lá recebida e tratada ? Por que motivo te oppões á adopção desse alvitre do Dr. Palhares, o unico acceitavel na emergencia em que nos encontramos ?

—Porque ? Porque o Hospital foi feito para os desamparados e minha mãe, felizmente, ainda não chegou a esse gráo extre-

mo de penuria.

—Como assim, minha filha? Palavra que te não comprehendo!

—E' porque não quer, meu padrinho. Minha mãe tem ainda uma filha valida!

O espanto do Fialho cresceu desmesuradamente; lobrigou, num clarão rapido, as intenções que se occultavam por traz daquellas palavras decisivas e claras. Mas duvidava ainda da sua argucia e a pergunta escapou-se-lhe dos labios:

—Que queres dizer com isso?

—Quero dizer que minha mãe não carece da caridade do Hospital porque tem uma filha para cuidar della e para a alimentar com o seu trabalho! declarou a rapariga, num tom seguro e resolute, erguendo o busto audacioso e cravando no rosto boquiaberto do padrinho os seus dois olhos fulgurantes, onde luzia naquelle instante a orgulhosa e nobre consciencia do dever que a solicitava.

—Mas enlouqueceste, pequena! Tu não sabes o que dizes! foi a exclamação que irrompeu dos labios do Fialho, passado o primeiro momento de estarrecido pasmo.

—Não enlouqueci, meu padrinho e bem

sei o que estou dizendo, contrapoz a Laura, cada vez mais resoluta e mais calma. Minha mãe não vae para o Hospital porque eu vou para junto della, dar-lhe tudo aquillo que o Hospital lhe offerece, e com muito mais amor e com muito mais proveito, de certo: o tratamento e o sustento.

—Mas donde vaes tirar recursos para tudo isso, minha filha? Tu não vês que essas coisas se não fazem sem dinheiro e muito dinheiro?

—Do meu trabalho, simples e exclusivamente cõo meu trabalho. Para que passei nesta casa tantos annos? Que utilidade teriam as coisas que aqui me ensinaram se me não permitissem desempenhar agora o mais sagrado e o mais grato dos meus deveres? Fique tranquillo, meu padrinho, que não irei mendigar. O que sei me basta para ganhar honradamente o pão, para mim e para minha mãe enferma...

A Irmã que, como de costume, acompanhara a Laura ao locutorio, desde o começo da conversa, manifestava signaes inequívocos, a principio de pasmo, em seguida de duvida zombeteira e por fim de mal soffrida impaciencia. Sentia-se exasperada

ante aquellas affirmações independentes da asylada, em franco e ineverente desaccordo com a rigida disciplina da casa.

Afinal, não se poude conter por mais tempo e interveio abertamente no dialogo:

—A menina fala como se essas coisas dependessem apenas da sua vontade; não se lembra talvez de que ácima della se ergue outra mais poderosa e mais forte e com muito mais direitos a ser acatada e obedecida !

—A quem quer alludir com essas palavras, Irmã Thereza ? perguntou a Laura, volvendo lentamente a cabeça na direcção da religiosa, mas sem o mais leve vislumbre de provocação.

—A quem ? rugio a outra, pondo-se de pé, a quem ? Admira até que me faça semelhante pergunta ! A' nossa Madre Superiora, á Directora do Asylo !

—Oh ! a Directora é uma santa, retorquiu a Laura, no mesmo diapásão manso, porem resolutivo, como se não attentasse no todo aggressivo da Irmã. Será a primeira a aconselhar-me que dê, quanto antes, o passo que premedito, porque ella bem sabe o quanto as filhas devem ás mães, sobretudo

quando as mães são, como a minha, umas desgraçadas e umas infelizes. A Madre Superiora ! Mas ella será a primeira a dizer-me que o meu dever, o dever que a religião, que a moral, que a sociedade, que todas as supremas forças directoras da consciencia humana emfim, me traçam nestora, é correr para junto de minha mãe enferma e levar-lhe pressurosa, agora que a desdita e a miseria sobre ella se abatem impiedosas, o concurso valido do meu trabalho e o grande, o immenso, o inexcedivel consôlo do meu amor !

—Talvez não sejam as coisas como lhe parecem... E' possivel que aos olhos da Madre Superiora haja algum outro dever mais alto do que esses que apregôa, brandou a Irmã, já fóra de si, com os olhos injectados e a brandir, com os movimentos furiosos da cabeça, as grandes abas do seu capuz, semelhando duas azas agoirentas de corvo branco que se approxima voraz e crocitante da carniça fresca.

—E que dever é esse, Irmã Thereza ? inquirio de novo a Laura, ainda calma, mas deixando já perceber a tempestade de revolta que aos poucos se lhe amontoava no intimo.

—O dever da sua salvação que lhe manda fugir do contacto do peccado e sua mãe, bem o sabemos todos...

Num pulo, poz-se a Laura de pé, enorme, ameaçadora, formidanda. Transfigurara-se-lhe por completo o semblante. A mansidão e a cordura primitivas foram brusca-mente substituidas pela colera que fulmina, pela revolta que esmaga, e pela coragem offendida que se affirma, reduzindo a migalhas os obstaculos que se lhe erguem em frente.

A conclusão da frase morreu covarde na garganta da religiosa que recuou apavorada até junto á porta.

—Nem mais uma palavra ! Prohibo-lhe terminantemente que insulte minha mãe, foi o grito rouco que explodio dos labios frementes da rapariga.

O Fialho correu para ella, procurando acalma-la, chama-la á razão:

—Que é isto, minha filha ? Acalma-te, socega... Que é isto ?...

A Irmã sumira-se pela porta que communicava com o interior e a Laura, cedendo á reacção natural, após aquella violenta explosão de colera, atirou-se aos braços do

padrinho, soluçando convulsamente.

O velho estreitava-a tremulo de encontro ao peito, cobrindo-lhe de beijos os cabellos, misturando ás della as suas lagrimas, attingido tambem pela dôr confusa, pela magua indescriptivel que retalhavam o triste e valente coração de virgem que elle sentia pulsar sobre o seu, sem encontrar uma palavra decisiva que viesse pôr termo á afflictiva situação, a não ser aquella pergunta banal e sem significação:

—Que é isto, minha filha, que é isto ?

— Ah ! meu padrinho ! conseguio por fim balbuciar a Laura, por entre os soluços que a agitavam. Que infeliz e que desgraçada que eu sou ! Que vae ser de mim agora, desamparada e só, na medonha lucta que se vae travar nesta casa ? !

— Não repitas tal coisa, filha... Então de que te sirvo eu ? Não me tens aqui ao teu lado, para amparar-te e proteger-te ?

A rapariga desenvencilhou-se dos braços do Fialho e fitou-lhe em pleno rosto os olhos illuminados, naquelle instante por um rapido clarão de esperança.

— Será verdade isso ? Poderei contar com o seu appoio, confiar na sua protecção ?

O velho teve um momento de hesitação. Travava-se-lhe no intimo um conflicto violento: de um lado a sua moral burgueza, o seu senso pratico da vida, a fazer-lhe ver os inconvenientes do passo premeditado pela afillhada; do outro o impulso de revelar que no fundo de todos nós se aninha contra a normalidade da vida e que nos leva sempre a applaudir em segredo, embora, na maioria dos casos, os não secundemos abertamente, todos os actos que com essa mesma normalidade rompem.

A sua immensa ternura pela rapariga, o seu extraordinario desejo de a ver sorrir de novo e aquella disposição innata para consolar os que soffrem, que lhe formava o fundo de character, deram ganho de causa ao segundo daquelles sentimentos e, resolutamente, num ar convencido e firme, como que desafiando todos os obstaculos, provocando todas as opposições, declarou em voz pausada e segura:

—Conta commigo, minha filha! Ter-me-ás sempre ao teu lado, sejam quaes forem as emergencias em que te vires.

Um sorriso triumphante e largo, sorriso de aurora que surge afinal, espancando

victoriosa as derradeiras trevas da noite, espalhou-se por todo o rosto da Laura.

—Serio ? E' serio isso ? Não me retira então o seu apoio ?

<sup>e i</sup>—Não retiro, filha, pois então eu havia de lá retirar ? Não retiro coisa alguma !

—E consente... consente em que eu vá para junto da mamã ?

—Consinto, já te disse... Era só o que faltava: que eu não consentisse ! Consinto e exigo até que vás tratar da velha ! Sou o teu tutor, o unico responsavel pelo teu destino e... acabou-se ! Consinto e quero ver quem me vem ás mãos, por isso ! Ora ahi está !

Dissiparam-se-lhe os ultimos receios, desapareceram-lhe por completo todas as hesitações.

A magua da Laura, se elle se lhe oppuzesse aos intentos, era a lima a comer os dentes da serra... E elle não poderia supportar-lhe o attrito... Estava-lhe aquillo na massa do sangue, não dependia da sua vontade, era superior ás suas forças...

## XXIII

N'esta evocação continua e aguda do passado a que vivo condemnado, revendo a cada instante, numa lucidez por vezes dolorosa pela sua extraordinaria percuciencia, uma multidão de episodios mortos que em torno a mim se desenrolaram em tempos idos, surgem-me agora, vivos e palpitantes. do fundo da memoria, todos os enredos, todos os escandalos, todos os falatorios e mexericos que o simples facto de querer uma filha deixar um estabelecimento de caridade official para ir cuidar de uma mãe, enferma e pobre, desencadeiou, ha alguns annos, no Maranhão.

E com tamanha intensidade me acomettem essas reminiscencias, que eu creio que enlouqueceria se lhes não proporcionasse o derivativo do papel, confidente, discreto e amigo, sempre prompto a receber na sua alvura propicia e casta a macula violadora de todas as confissões d'alma.

Se eu destinasse ao publico esta especie de memorias parciaes e retalhadas, sem um nexo seguido e claro que as concatene e systematise, que para aqui vou fixando ao accaso, quase que ao correr da penna, no silencio amodorrado e triste do meu gabinete de trabalho, nas horas em que a insomnia me empolga martyrisadora e cruel, de certo lhes não poderia dar um cunho tão real de exactidão e de verdade. A preocupação do effeito, o interesse puramente litterario da forma, a ambição de realisar um esforço de arte que me fizesse entrar de roldão no Parnaso dos eleitos da penna, cercado logo da fama que aureola os escriptores de raça, sobremodo prejudicariam a sinceridade da narração.

A cada linha que escrevesse, a cada episodio que contasse, a cada figura que procurasse debuxar, ante os olhos do espi-

rito se me levantaria logo a imagem do leitor, na ancia de conhecer de antemão a impressão que lhe iria causar o meu trabalho. E não trepidaria, se necessario fòsse, em sacrificar a verdade ao desejo secreto de ser bem recebido por todos os que se dessem ao trabalho de percorrer as paginas do meu livro.

Agora mesmo, no momento em que escrevo—são onze da noite e em casa do coronel Brittinho, ali á esquina, meia duzia de idiotas, de ambos os sexos, rodopiam enlaçados, pelo meio da sala, á cadencia de uma polka reles e safada, executada por uma orchestra mais reles e mais safada ainda—neste mesmo instante me contempla, de entre as suas molduras modestas, uma alluvião de retratos de escriptores nacionaes e estrangeiros, que me forram as paredes do gabinete.

Ha ali de tudo: poetas, romancistas, historiadores, philosophos, *et reliqua*... Cada um delles impingio já e a maior parte continúa ainda a impingir á humanidade legente uma bôa caterva de livros, uns por desfastio, outros por profissão, outros por necessidade, mas todos animados pela mes-

ma ambição de gloria e de renome, pelo prurido invencível de serem applaudidos pelos contemporaneos e apontados depois aos posteros como typos requintados e superiores, destoando, pelo vigor incontestavel do seu engenho, do commum dos mortaes.

Pois bem, quantos delles não immolaram, como o protagonista dos *Maias*, do *Eça*, a exactidão de um *systema* á sonoridade de um adjectivo, para arrancar a consagração do publico ? Quantos dentre elles não mentiram para agradar, não exageraram uma insignificancia ou não rebaixaram ás proporções de uma bagatela um acontecimento de valor, e tudo isto para *impressionar*, favoravelmente, *o indigena*, e poder depois cerrar beatificamente os olhos por entre as nuvens de incenso dos *thuriferarios* da critica ?

A coragem do Dr. Stockmann, o inconcebível heroe do *Inimigo do Povo*, de Ibsen, é moeda sem curso no mundo real. Só se encontram d'essas aberrações nas fantasias desordenadas dos poetas. Um medico de carne e osso, circumdado por uma aureola de sabedoria, gosando á larga dos

proventos abstractos e materiaes do seu renome, seria lá capaz de jogar tudo isso pela janella fóra, do dia para a noite, simples e exclusivamente por amor da verdade e interesse pelos seus semelhantes ? Só mesmo na cachola idiota d'aquelle maduro norueguez é que poderia ser gerada uma figura tão absurda !

Não viram, ainda ha pouco, o exemplo do Brunetièrre e do Huysmans ?

Quando os dois farejaram que o catholicismo literario fazia a moda em França, constituia um tempero provocante das locubrações criticas e belletristicas, garantindo o successo e o consumo das producções livrescas com elle condimentadas, toca o primeiro a ir discursar em Lille sobre *as rasões actuaes da fé* e o segundo a desenterrar da poeira do *Flos Sanctorum* a vida de Santa Lydwina de Schiedam.

E assim é tudo o mais...

...E o diabo da orchestra do Brittinho que não se cala ? ! Não cançarão aquelles malvados de soprar nos instrumentos ? E os miseraveis da dança não sentem ainda as pernas a vergar ? Então isto tem geito: perturbar desta forma o repouso alheio ?

Quem quizer dançar que dance de dia, com todos os diabos! A noite foi feita para o descanso e para o somno. E' bem certo que eu não posso fruir nenhum dos dois; mas dahi não se segue que fiquem os Brittinhos com direito a abusar desta forma dos meus ouvidos! Se eu não durmo é porque não posso, mas não tenho que dar por isso satisfações a ninguem! E' como se estivesse dormindo: estou dentro da minha casa, sem incommodar ninguem! Ora bolas! Se o bandido continuar d'esta forma, vou amanhã queixar-me d'elle á policia...

Mas, como ia dizendo, eu, felizmente, acho-me acoberto dessas tentações de falseamento da verdade, na evocação dos episodios que agora confio ao papel.

Escrevo, não por velleidade literaria, nem tão pouco por nutrir a ambição de me incorporar tambem á alluvião de summos sacerdotes que nos altares das letras brasileiras pontificam, cada qual mais convencido da sua superioridade propria e da insignificante nullidade dos outros, mas simplesmente governado por um impulso doentio, que não sei bem definir e que me força a fazer o que não quero.

Tudo o que para aqui escrevo é a reprodução fiel de scenas reais, de acontecimentos veridicos, testemunhados uns por mim, chegados outros ao meu conhecimento por informações de terceiros.

A carta do Carlos de Menezes fez resurgir para mim do pó do esquecimento relativo em que dormiam, toda a serie de factos tragicomicos que o seu casamento determinou no meio rotineiro e burguez da terra.

Desde o momento em que a recebi, não se passa um instante, não decorre um minuto, em que não reveja, numa incrível minuciosidade de detalhes, toda essa longa historia, ora dolorosa e tragica, ora grotesca e ridicula, que fez a delicia dos mexeriqueiros indigenas, não ha ainda muitos annos.

O peso das reminiscencias é tão forte, de tal forma me assoberba e esmaga, que sinto a necessidade imperiosa de o partilhar com alguém ou com alguma coisa.

Se procurasse, para semelhante desafo, algum dos meus conhecidos, seria certamente mal recebido, porque não ha no Maranhão quem desconheça essa historia.

Não encontraria uma alma caridosa que se sujeitasse, sem uma razão plausivel e sensata, á tremenda maçada de a ouvir de novo.

Nestas condições só me resta um recurso: o papel, que é o confidente mais paciente e mais commodo que conheço para todos os *cacetes* do mundo.

Elle que me ature, pois, resignado e que se não lembre um dia de ir partilhar com estranhos a insuportavel estopada que agora lhe impinjo.

Seria um abuso de confiança de que eu não supponho capaz esse util e pacifico producto da industria humana, e que dos seus inventores pode ter herdado tudo, menos essa horripilante qualidade...

## XXIV

Podesse o Filho prever as consequências da sua approvação aos projectos da a-filhada, dado lhe fôsse ler no futuro e medir as contrariedades e os desgostos que d'ahi lhe decorreriam, e teria talvez o bom velho encontrado, a semelhante espectáculo, forças bastantes para reagir contra o seu caritativo e generoso pendor, buscando por outro qualquer meio conciliar as coisas ou reservar-lhes para mais tarde o desfecho.

O primeiro obstaculo que se lhe ergueu em frente foi a vontade inabalavel da Directora do Asylo.

Escudando-se na religião, abroquelando-se inflexível por traz daquillo a que ella chamava *o seu dever espiritual*, a respeitavel matrona declarou peremptoriamente ao Fialho que nunca consentiria em semelhante loucura. Elle, se quizesse, que assumisse sosinho aquella tremenda responsabilidade: era o tutor da Laura e, portanto, o unico que poderia dispôr da sua sorte.

Mas que visse bem, que reflectisse bastante, antes de embarcar numa aventura tão lamentavel e de consequencias tão funestas.

A pobresinha não sabia o que fazia: a irreflexão da idade, uma comprehensão falsa do seu dever filial e, até certo ponto, uma pontinha de orgulho e de insubmissão, que ella e as demais professoras do Asylo bem se esforçaram por corrigir, mas, debalde, é que lhe ditavam aquelles projectos. Competia aos mais velhos, aos mais experientes, áquelles sobre cujos hombros pesava o encargo do seu destino, abrir-lhes os olhos, fazer-lhe ver a trilha errada pela qual enveredava.

Em primeiro logar surgiam os inconvenientes que ella chamaria de *materiaes*.

Onde iria a rapariga colher os recursos pecuniarios sufficientes para fazer face ás immensas despesas que o tratamento da mãe acarretaria ? Seria um absurdo suppor que os seus trabalhos de bordados lhe dessem para tanto. Mas, mesmo que assim fôsse, teria ella o tempo sufficiente para executar todas as encommendas que lhe fizessem ? Não se veria, pelo contrario, com todas as horas tomadas pelos cuidados requeridos pela enferma ? E quem poderia garantir que as suas freguezas actuaes, que eram exactamente as damas ricas da cidade, que patrocinavam o Asylo, lhe não retirariam o seu auxilio, ao vê-la, com tamanha ingratição, abandonar a instituição a quem devia tudo o que era e tudo o que sabia ? Porque a verdade era que, se a Laura tinha deveres que a prendiam á Marianna, ninguem poderia negar que laços identicos a acorrentavam áquella casa, para onde entrara um dia, desamparada e ignorante, e donde iria sahir apparelhada por uma educação invejavel e solida.

Vinham em seguida os inconvenientes *espirituaes*. A Marianna era uma peccadora impenitente; romperá temporariamente com

os seus vícios e os seus desregramentos, mas não havia ainda buscado pela penitencia sincera e constante lavar as culpas do passado. Que queria isto indicar senão o desejo secreto de recahir no peccado velho logo que uma occasião propicia se lhe deparasse? E a que riscos iria ficar exposta a Laura ao seu lado, a que tentações, a que máos conselhos? Não chegaria ao ponto de avançar que esses conselhos partissem da Marianna, porque afinal, de contas, não lhe era permittido fazer máos juizos do proximo, sem uma base inilludivel, mas das companheiras que lhe frequentavam a casa, das antigas relações que forçosamente lhe haveriam ainda de viver na intimidade. Oh! a virtude humana era tão fragil e o *tentador* dispunha de tantos meios para perder as almas... Ella que o dissesse, ella que na sua carreira de religiosa, tantos exemplos tristes havia visto, com tantas miserias defrontado! O mundo vivia semeado de armadilhas e de ciladas; só o auxilio divino poderia impedir os homens de se deixarem nelas prender...

Debalde buscou o Fialho contradictar semelhantes argumentos, mostrando-lhe

que ella exaggerava as coisas, pintava-as mais negras do que na realidade eram, comprazia-se em descobrir obstaculos e difficuldades onde nem de leve existiam. A Directora foi inflexivel; abanava desanimada a cabeça, com um sorriso superior e levemente amiserado, como se no intimo lamentasse aquella cegueira do velho.

E voltava de novo á carga, reformando os seus argumentos, dando mais energia e mais calor á sua opinião, citando casos quasi identicos ao vertente, cujo desenlace eloquentemente confirmava as suas opiniões. Custava-lhe tanto ver uma alma perder-se assim ! Pondo mesmo de parte o seu dever de velar pela salvação das suas asyladas, a simples caridade christã a levava irremissivelmente a empregar todos os meios ao seu alcance para impedir aquella loucura.

O que, porém, a bôa senhora não dizia, o que nem sequer deixava transparecer atravez das suas longas tiradas evangelisadoras, era o mobil secreto d'aquella tenaz opposição em que se empenhava.

A sahida da Laura do Asylo vinha dar um corte brutal nos renditos do mesmo. Os

trabalhos domesticos executados pessoalmente pela rapariga ou pelas alumnas sob a sua direcção, constituíam uma renda fabulosa, pela qual percebia a Directora uma percentagem não pequena, de forma que a perspectiva de se ver bruscamente privada desse auxilio ás suas esmolas discretas, dava-lhe forças para teimar com o Fialho, sem desesperar de o chamar ao seu partido, de converte-lo á sua opinião.

Mas o velho havia hypothecado a sua palavra á afilhada; alem d'isso, no seu intimo, começava a dar plena razão á rapariga, achava o seu procedimento de uma nobreza inqualificavel, digno de ser applaudido e secundado. Brigava um pouco, era certo, com o seu criterio burguez, com o seu modo habitual de encarar a vida, semelhante sentimento; mas, que diabo ! justamente o lado anormal da ventura é que mais o seduzia.

Se elle houvesse lido aquillo num dos romances do Gabinete Portuguez de Leitura, que constituíam o passatempo das suas noites ociosas, teria batido palmas de enthusiasmo e derramado lagrimas de commoção. Uma filha que se sacrifica pela mãe,

que abandona todos os confortos e todas as commodidades para se ir entregar a uma tarefa de sacrificios e de martyrios e tudo isto por piedade filial, por amor pela creatura que lhe dera o ser, que exemplo mais bello, mais edificante, mais capaz de arrancar applausos e de provocar admiração ?

Pois bem, não era num romance que semelhante caso se lhe deparava, era na vida real; não era entre personagens de ficção que semelhante drama se desenrolava, era entre gente do seu conhecimento, gente com quem elle diariamente lidava, e, mais ainda, gente a quem deveras estimava e queria. E era d'elle que dependia tudo, d'elle exclusivamente ! E seria capaz, applaudindo o *lance* num livro da imaginação, de lhe negar o appoio na realidade ? Seria um contrasenso e seria um absurdo.

Porisso, a despeito de toda a catechese paciente e habil da Directora, o velho permaneceu firme no seu proposito. Sem se affastar uma linha da delicadeza e das conveniencias, significou á digna religiosa que, fazendo toda a justiça aos seus sentimentos e ás suas louvaveis intenções, convencido mesmo de que ella talvez no fundo não dei-

xasse de ter certa razão, não lhe era com-tudo possível attendel-a. Não se sentia com forças de retirar a palavra dada, de voltar atraz do compromisso tomado.

A virtuosa senhora, ao ver perdida aquella primeira batalha, mordeu imperceptivelmente o beijo, e assumio um ar compungido e grave.

—Já que teimava na sua obstinação, que poderia ella fazer ? Resignar-se ante o irremediavel. Só o que pedia a Deus é que elle se não viesse arrepender mais tarde do passo impensado que dava. E, se tal hypotese se verificasse, não poderia appellar para a ignorancia ou para a irreflexão. Ella bem lhe fizera ver tudo, metteralhe a verdade pelos olhos dentro... Não a quizera ver ? Obstinara-se na sua cegueira ? A culpa não era della; dizia-lhe a consciencia que tinha cumprido fielmente o seu dever... Agora, que elle a desculpasse, só entregaria a Laura mediante uma autorisação escripta do Juiz de Orphãos. Que não levasse a mal aquella exigencia... Era para satisfazer uns derradeiros escrupulos de consciencia. Ella bem sabia que o Juiz não se opporia, mesmo porque se não podia oppôr...

Mas a sua consciencia não ficaria tranquilla se não tentasse aquelle passo...

E, ao pronunciar estas ultimas frases, pelos olhos da Directora perpassou um fugitivo clarão de triumpho, para logo velado pela expressão piedosa e dissimulada que lhe era habitual.

O Fialho, sem lobrigar o ponto secreto de mira da religiosa, concordou logo.

—Não havia duvida! De muito bôa vontade lhe poria em paz ~~em~~<sup>a</sup> consciencia... Se a questão era só essa, no dia seguinte lá teria a autorisação do Juiz.

E, depois de uma despedida cortez.e affectuosa, em que mais uma vez a digna senhora lhe pedio humildemente que lhe não levasse a mal aquella exigencia, ganhou o homem a rua, suppondo terminada a sua missão e vencidos todos os obstaculos que á mesma se oppunham.



## XXV

A Irmã Nazareth, Directora do Asylo da Piedade, exigindo do Fialho, para lhe entregar a Laura, uma autorisação escripta do Juiz de Orphãos, deu mostras de possuir, alem das peregrinas virtudes evangelicas que lhe exornavam o character, um espirito sagaz e fino, capaz de apanhar de antemão, para os annullar de vez, ou, pelo menos, retardar-lhes os effeitos, todos os obices que se podessem oppôr a uma causa que patrocinasse.

O bondoso velho, ao receber a intimação, nem de leve suspeitou do mobil secreto que a ditava; convenceu-se até de que era, com effeito, para *descargo de consciencia*, que a religiosa lhe pedia aquillo. Espirito leal e

franco, afeito sempre a dizer a verdade, sem rebuços e sem subterfugios, era o Fialho congenitamente incapaz de comprehender as manhas e as insidias secretas e habeis, em que se comprazem certas almas virtuosas para fazer vingar os seus projectos.

Começou, porem, a lóbrigar o erro em que laborava desde a entrevista que teve, na tarde desse mesmodia, com o Dr. Loureiro, Juiz de Orphãos da Capital.

Já de meia idade, mas ainda forte e bem disposto, o Dr. Loureiro gosava na Capital do Maranhão de uma bella fama de integridade e de independencia, a que se vinha juntar tambem a de purista impeccavel na redacção das suas sentenças. Citavam-se com enthusiasmo diversas passagens de uma decisão proferida pelo honrado Juiz num processo de attentado ao pudor que ficou celebre na terra, onde a justeza e a elevação dos conceitos juridicos corriam parelhas com a elegancia e precisão classica da forma em que eram vasados. Affirmava-se em todas as rodas que o homem roubava diariamente aos seus afazeres uma ou duas horas para ler os classicos. E elle mesmo confirmava esses boatos, ostentan-

do em evidencia, nas prateleiras das estantes envidraçadas que lhe ornavam a sala das audiencias, de mistura com as collecções encadernadas d'*O Direito*, as obras completas de Filinto Elysio, de Alexandre Herculano, de Castilho, e de quasi todos os quinhentistas.

Por diversas vezes o surprehenderam os amigos e as partes attentamente curvado sobre uma pagina amarellecida e vetusta das *Decadas* de João de Barros, retirando-se logo discretos, ou indo aguardar pacientes no corredor que o grande homem terminasse a sua proveitosa e dignificadora leitura.

Um escrivão lembrou-se um dia de declarar que, quando o Dr. Loureiro se achava naquella posição, sentado á banca, com os cotovellos fincados sobre a superficie da mesma, descansando a fronte sobre as palmas das mãos e tendo debaixo dos olhos um classico aberto, num ar de quem se concentra para melhor apanhar o pensamento do autor que lê, estava mas era simplesmente a gosar em paz uma bôa somneca. Mas ninguem lhe deu credito: cahiram-lhe, pelo contrario, todos em cima, a chama-lo

de mentiroso e de calumniador, attribuindo a alguma sarabanda do Juiz, por desleixo no cumprimento de deveres, aquella despeitada aleivosia do escrivão.

Tinha, porem, uma especialidade o Dr. Loureiro: era de uma indecisão, de uns escrúpulos e de umas hesitações deveras maçadoras em todos os passos que tinha a dar no desempenho das suas funcções de Juiz. Parecia que o homem vivia farejando embuste de longe, sempre na desconfiança de que lhe queriam illudir a hõa fé ou illaquear a consciencia. De forma que era uma lucha para lhe arrancar ás vezes a decisão mais simples d'este mundo e que outro qualquer juiz teria logo proferido sem pestanejar. Levava um tempo enorme para se decidir, a colher informações disfarçadas de um e de outro, a orientar-se, a esmiuçar bem os prós e contras, afim de não ser apanhado descalço quando lhe quizessem discutir a sentença, ou pôr em duvida a justiça dos motivos que o levaram a pronuncia-la.

Por esse motivo, quando o Fialho, que elle apenas conhecia de vista, lhe expoz minuciosamente e com a maior clareza possivel, todo o caso que o trazia á sua presen-

ça, terminando por lhe pedir a autorização requerida pela Irmã Nazareth, o homem concertou os olhos, endireitou-se na cadeira, sorveu uma longa pitada de rapé da sua tabaqueira de tartaruga, com o seu monogramma em letras de ouro na tampa, e pigarreou porfim, em voz pausada e lenta, como quem mede bem as palavras:

—Mas... como é isso?... Não o percebo bem... A Directora do Asylo quer uma autorização minha para lhe entregar a menina ?

—Exactamente, sr. Dr., é isso mesmo... Quer que V. S. a autorise por escripto a confiar-me a pequena...

—Mas, a menina não é sua tutelada ?

—E', sim, sr.

—E então, qual a necessidade de uma autorização escripta do Juiz para poder o sr. trazer para a sua companhia uma menor de quem é tutor ?

—E'... eu tambem penso assim... Mas a Irmã Nazareth tem umas idéas... Diz que é para descargo de consciencia...

—Umm... Acho exquisito, fez o Dr. Loureiro, sorvendo nova pitada. Em summa, veremos; o sr. apparece-me por cá, lá para

o fim da semana.

—Mas, sr. Dr., objectou, já meio desconcertado o Fialho, a pequena está inquieta por ir para junto da mãe, e... selhe fôsse possível dar-me agora a tal autorisação...

—Tenha paciencia, diga á pequena que tenha um pouco de paciencia... Essas coisas não se fazem assim no ar... Depois d'isto, eu ando agora atarefadissimo com um processo de certa monta... Olhe p'ra isto (e mostrava ao Fialho uma pilha de autos que tinha sobre a banca); tenho que ler toda esta papelada com attenção para proferir a minha sentença...

—Mas é que assim..., tentou ainda interpor o Fialho...

—Deixe estar tudo por minha conta... Não se afflija, appareça-me lá para o fim da semana e resolveremos as coisas a contento de todos...

O pobre velho, enfiado e murcho, retirou-se cabisbaixo, prevendo já uma serie invencivel de complicações aos seus generosos projectos.

O Loureiro não dizia a verdade quando se desculpava com os autos para addiar a satisfação ao pedido do Fialho. Vio logo na-

quella exigencia da Directora um motivo occulto que lhe fez encarar como suspeito e escabroso o passo premeditado pelo tutor da Laura; e não se quiz comprometter precipitadamente, sem ter primeiro examinado o caso, assenhoreando-se de antemão do terreno em que ia pisar.

Se a Directora se oppunha á sahida da Laura, era de certo porque tinha para isso motivos graves e poderosas razões. Quaes eram esses motivos ? Que razões vinham a ser essas ?

Eis ahi o que elle precisava a todo o transe conhecer.

Mas, como ? Dirigir-se á Directora não lhe ficava bem; daria assim a entender que duvidava das razões por ella apresentadas ao Fialho, para exigir a tal autorisação. E absolutamente lhe não assistia o direito de fazer de uma religiosa, «de um d'esses anjos de Christo na terra», semelhante juizo: suppô-la capaz de mentir, de encobrir sob apparencias hypocritas o seu verdadeiro modo de sentir.

Não, positivamente, elle não iria interrogar, nem directa, nem indirectamente, a Irmã Nazareth; o melhor era procurar, *por*

*portas travessas*, orientar-se do que havia de verdade naquelle conflicto de vontades.

E a livraria do Ramada surgio-lhe ao espirito como o melhor campo de informações. Lá encontraria o Xandico, cujas indiscripções vinham mesmo a calhar para elucidar o caso que o preocupava. Ninguém estranharia a sua presença naquellas prosas matinaes do Ramada, porque não era a primeira vez que elle por lá apparecia, a examinar os livros novos e mesmo a gosar dois dedos de cavaco...

Não tinha duvida: no dia seguinte estaria no Ramada, ás oito da manhã em ponto, e era impossivel que o Xandico já não soubesse de alguma coisa a respeito d'aquella exigencia da Directora do Asylo da Piedade. Provoca-lo-ia mesmo, se necessario fôsse,—indirectamente, já se vê, para não comprometter a sua seriedade de Juiz —e, se o alegre velhote nada dissesse, era porque na verdade nada havia e, nesse caso, poderia talvez conceder ao Fialho a autorisação solicitada.

E, com effeito, na manhã immediata, depois do café, dirigio-se o Dr. Loureiro para a livraria do Ramada.

## XXVI

A livraria Ramada era o ponto predilecto de *rendez-vous* dos ociosos da terra.

Todas as manhãs, invariavelmente, das oito ás onze, formava-se ali um grupo de cavaqueadores, a discutir os casos da vespera, a ventilar os pequenos escandalos e as intrigas da cidade e a commentar os ultimos acontecimentos de sensação.

Esgotados os themes de um interesse puramente local, subiam ás questões de interesse geral, lembravam alvitres para animar a lavoura abatida e fomentar o incremento das industrias, terminando, quasi

sempre, por desancar a Republica, a cuja recente proclamação attribuiam, á uma, todos os males que os flagellavam, desde os achaques caseiros até ao descalabro financeiro que abysmava o paiz.

Quando de todo escasseavam os assumptos, era o <sup>o</sup>proprio ausente quem pagava as favas: malhavam á vontade sobre a vida alheia.

O primeiro a chegar era o Dr. Manhães, magistrado aposentado e grande sabedor de anedoctas historicas. Correcto no seu terno de casimira clara, os collarinhos e os punhos reluzentes de gomma, um grande alfinete de coral, representando uma ferradura, cravado em meio do *plastron*, as botas engraxadas de fresco. uma grossa bengala de castão de ouro na mão e um chapéu de feltro molle na cabeça que trazia sempre erecta, o Dr. Manhães dava a quem o visse uma agradavel impressão de aceio moral e physico. Poderia orçar pelos sessenta, mas ninguem de certo lhe daria mais de quarenta e poucos, tão bem conservado estava. Os bigodes e a barba, que usava inteira, tinha-os já completamente embranquecidos; mas os cabellos conservavam a

côr primitiva e semelhante contraste ainda mais realçava a expressão profundamente sympathica do seu rosto bem conformado.

Dizia-se que fôra em tempos, nos sertões da provincia, um austero e imparcial distribuidor da justiça; soffrera até graves pressões dos governos locaes por se não querer sujeitar a certas exigencias politicas, que contendiam com os seus deveres de magistrado.

Aposentara-se, pouco antes da proclamação da republica, e vivia agora parcamente dos ordenados e do aluguel de umas casitas que possuia, por herança materna.

Era celibatario e murmurava-se, á boca pequena, que um fundo desgosto de amor, soffrido na mocidade, dera-lhe a respeito do casamento ideas muito pouco favoraveis. Não lhes quiz nunca verificar a exactidão e conservou-se solteiro.

Quasi logo em seguida ao Dr. Manhães, chegava o Gouveia, portuguez de origem, mas de ha muito naturalisado brasileiro, levando o seu amor pela nova patria ao ponto de nunca mais ter voltado a visitar a primitiva, desde que de lá havia emigrado.

Havia quem affirmasse que semelhante repulsa pela terra do nascimento tinha uma outra causa mais secreta e mais grave. Falava-se mesmo de uns processos movidos por desvios de dinheiros alheios e abusos de confiança; mas, semelhante historia nunca foi tirada a limpo e o homem continuava a gosar do direito de ferrar na cadeia com o primeiro que, em letra redonda ou diante de testemunhas, tal injuria lhe assacassee.

Enriquecido no commercio de secos e molhados e retirado ha annos do negocio, disfructava presentemente o Gouveia a posse dos seus haveres e fazia parte da directoria de todos os bancos e companhias da terra. Era uma potencia no mundo commercial; empreza que se montasse ou companhia que se incorporasse sem trazer o seu beneplacito, morria infallivelmente no nascedoiro.

Os jacobinos do logar exasperavam-se, praguejavam, revoltavam-se, enfureciam-se, mas tudo de balde, porque o homem continuava a mandar chover nas respeitaveis regiões do *Deve* e *Haver*. E não raro os que com mais furia o demoliam pelas

costas eram exactamente os que mais rasgadamente se desbaratavam, quando elle passava, pesado, grave, cheio de si, ostentando impavido a sua obesidade dinheirosa.

Vinham depois: o Leonel, antigo capitão de milicias dos tempos do Paraguay e cujos olhos sempre se marejavam de lagrimas ao falar no velho imperador; o conego Sarmiento, mestre de cerimonias na cathedral e confidente do Bispo da Diocese, muito sabido em coisas liturgicas e inimigo implacavel de toda *esta pouca vergonha moderna*; o Filgueiras, conferente da Alfandega aposentado e pae de uma recua de meninas casadeiras e espevitadas; o Simplicio Lustosa, autor de uma *Grammatica da Lingua Portuguesa para uso das Escolas Primarias*, e muito lido nos classicos; o Barbalho, grande tocador de violão e poeta apreciado, cujas quadrinhas lubricas e choronas haviam feito a delicia de quanta menina sentimental e chlorotica viveu no Maranhão ha quarenta annos atraz; e, finalmente, mais uma meia duzia de cavaqueadores que, apesar de não terem a pontualidade d'aquelles, faziam, comtudo, periodicamente, a sua apparição nas prosas ma-

tutinas do Ramada.

Mas a alma d'aquellas reuniões, o typo principal em torno do qual se vinham agrupar, como satellites enamorados, todos os outros, era o Xandico, o Xandico da Conceição, antigo voluntario do Paraguay, secretario de quasi todas as irmandades devotas da cidade, corrector de escravos no tempo da monarchia e agora Thesoureiro do Banco de Credito Rural e fornecedor do Asylo da Piedade e de mais duas ou tres instituições pias.

Aquelle homem era uma cronica viva de todos os factos escandalosos e anormaes occorridos no Maranhão, desde os tempos da Independencia. Sabia tudo na ponta da lingua, enumerava-os um por um, com uma rica profusão de detalhes, imitando o geito dos protagonistas e acompanhando a narração de uma mimica especial e suggestiva, destinada a augmentar e completar o poder evocador das palavras. Os mais recentes tinha-os elle assistido todos, porque vivera sempre immiscuido em todas as intrigas que cheirassem, mesmo de leve, a escandalo; dos outros, dos mais antigos, tivera conhecimento pelas narrações que lhe

faziam os velhos do seu tempo, mas garantia-lhes a veracidade com o mesmo calor com que o faria se delles houvesse sido testemunha ocular.

De estatura mediana, cheio de corpo, o rosto vermelho, no qual branquejavam os bigodes fartos e encanecidos, o cabello cortado a escovinha e a barba sempre por fazer, o Xandico prestava honra aos seus cinquenta invernos bem puxados.

Nunca tivera uma doença seria, uma dessas enfermidades graves que abatem e minam os mais solidos organismos, deixando-lhes no fundo um germen morbido incuravel. Affrontava impavido todas as intemperies, não se resguardava das correntes de ar, não fugia á humidade, e o seu estomago, como costumava dizer, «não conhecia quando era dia, nem quando era noite.»

—Hoje já não ha disto, gostava de declarar. Esta geração de agora não vale dois caracoés. São todos uns fracalhões, cheios de mazellas e de achaques, derreados ao primeiro encontro. Eu, não, não ha mal que me entre... Tambem soube conservar-me. Não me comecei a estragar muito cedo. Ti-

nha já os meus deseseis annos e ainda não sabia que gosto tinham: uma fumaça de cigarro, um gole de aguardente e um beijo de mulher.

E por ahi seguia, a traçar o panegirico da educação antiga, pela comparação flagrante com a da actualidade.

—E' porisso, terminava, que os antigos faziam homem e os modernos apenas logram produzir sombra de gente...

E a proposito lá vinha um caso, narrado com as mimicas e as minudencias do costume, pondo em indiscutivel relevo a maxima que acabava de proferir.

Corria como certo que a maior parte das cronicas do Xandico não passavam de invenção pura, sem o mais ligeiro vislumbre de authenticidade. O homem de tal forma se habituara a contar, a proposito de tudo, casos reaes que presenciara ou que ouvira narrar, que, afinal, esgotado o repertorio, começou a inventar. E como as patranhas lhe surtiam o desejado effeito, deuse a cultiva-las seguidamente, a ponto de lhe ser já talvez difficil separar elle proprio o joio do trigo, isto é: discernir a verdade da mentira, nas coisas que contava.

Quando o Xandico, por um accaso que só de raro em raro se produzia, faltava uma manhã ao cavaco do Ramada, os companheiros se inquietavam logo, perguntando por elle aos que entravam e buscando cada um descobrir o motivo real d'aquella ausencia.

—Estaria o homem porventura doente ? Surgira-lhe por accaso alguma complicação nos negocios ? Morrera-lhe alguém da familia ?

Qual ! Nada disso ! Na manhã seguinte lá estava o Xandico, sendo desde a porta recebido com exclamações amigas e explicando logo a causa da ausencia da vespera.

—Vocês ainda não sabem de nada ? Tambem parece que vivem a cochilar; pode o mundo desabar ao redor de vocês que pouco ou nada se lhes dá... Irra ! Pois então ouçam lá... Imaginem vocês que, hontem, ao sahir de casa para cá...

Os companheiros, farejando escandalo, approximavam-se avidos e o homem, gosando aquella attenção respeitosa de que o cercavam, entabolava a narração fiel de um novo escandalo ou de uma intriga nova.



## XXVII

Quando, naquella manhã, entrou o Dr. Loureiro na livraria do Ramada, estava a *troupe* palestrante *au grand complet*, discutindo com calor os ultimos telegrammas do Rio, publicados na vespera pelo *Jornal da Lavoura* e pelos outros órgãos da imprensa diaria da capital.

Faltava apenas o Xandico, mas o velhote não deveria tardar, irrompendo pela porta dentro, quando menos se esperasse, a trazer para o monte da disputa o seu farto contingente de novidades.

—Ora ali está um, foi logo dizendo o

Ramada, ao dar com os olhos no Juiz, que se deve tambem como nós ter sentido desilludido, á vista do novo rumo tomado pelas coisas publicas. Não era esta de certo a Republica com que elle sonhava nos seus tempos esperançados de rapaz...

O Dr. Loureiro teve um sorriso superior áquella piada do Ramada; conhecia-lhe o vêzo trocista, a inexgotavel veia brincalhona e lhe não levava a mal aquellas irreverencias.

Occupou a cadeira que lhe offereceram e dispoz-se a intervir discretamente na palestra, sem comprometter em demasia a gravidade indispensavel á sua posição, lançando de vez em quando olhadelas disfarçadas para as portas, a ver se nalguma dellas assomava afinal o Xandico.

Como a spectativa se prolongasse, não poude por mais tempo conter a impaciencia.

—E o nosso Xandico ? Por onde anda elle ? Não tem apparecido ?

—Não tarda por ahi, responderam: ainda hontem esteve cá, a contar-nos algumas das suas...

—O Xandico é o primeiro homem des-

ta terra, declarou o Ramada. Que seria de nós se não existisse o Xandico? Tinhamos por força que inventa-lo...

—Falae no máo... fez o Barbalho, que havia chegado á porta, inspeccionando a rua com o olhar.

—Já ahi vem o homem, não é assim? inquirio o Ramada. Eu bem dizia: o Xandico não se faz rogado. Apparece quando menos se espera... Attende a tudo e a todos, a tempo e a hora... E' uma perna forte do governo e dos que precisam ter ao lado um homem de energia e de convicções politicas decididas.

Os outros gargalharam áquella tacada ferina do livreiro, porque era por demais conhecida de todos a firmeza politica do Xandico, que consistia em votar invariavelmente, nas eleições, com quem estava de cima.

O homem entrou debaixo das acclamações e dos cumprimentos estrepitosos dos palestrantes. Ao dar com a vista no Loureiro, teve nos olhos um imperceptivel lampejo de contentamento, e, depois de serenada a agitação, começou, como era de esperar, a completar as noticias dadas pelos

jornaes da tarde anterior, aclarando os pontos obscuros, preenchendo as lacunas, sem que ninguem se dêsse ao trabalho de indagar donde havia elle colhido as informações que ministrava.

Decorridos alguns momentos, perguntou, no ar mais indifferente do mundo:

—Vocês não me sabem dizer se o Fialho já passou para a Secretaria ?...

—Não, não tinham feito reparo.

—Tambem ainda é muito cedo, fez o Ramada. São apenas nove e meia e o Fialho pensa com muita razão que a Republica não se inventou para matar a gente de trabalho... A Republica quer que se trabalhe, mas com descanso, com folga, com vagar... Suppõe o Xandico que ainda andamos na monarchia, nos tempos do relho... A escravatura já de ha muito foi extincta no Brazil... Hoje somos todos livres perante a lei em geral e perante cada um dos nossos semelhantes em particular...

O Loureiro, mal ouviu nos labios do Xandico o nome de Fialho, poz logo os ouvidos á escuta...

—Diabo ! resmungou o Xandico. E eu que precisava tanto falar ao homem cedo,

para obter cá umas certas informações que tenho de remetter hoje mesmo para o Pará...

—E o vapor do Sul já entrou? interrogou um velho, alto e magro, que entrara havia pouco e se achava junto ao balcão, a escolher uns livros em branco...

—Ha que annos !...

—Mas eu não ouvi o tiro...

—Tiro? fez zombeteiro o Ramada. Estava você bem arranjado se fôsse esperar pelo tiro do vapor para se aviar, se é que tem alguma coisa a mandar para o Norte... Pois então você cuida que ainda vivemos no tempo da monarchia?

—Então os vapores do sul quando entram não atiram mais? inquirio espantado o velho.

—Atiram, mas é a ancora para o fundo do mar..., responderam:

—São innovações da Republica, meu velho, fez o Ramada, batendo-lhe no hombro. Entendeu a malvada que havia de dar cabo de tudo o que nos lembra o passado... E os tiros dos vapores foram supprimidos, de cambulhada com os emblemas dos reposteiros das repartições publicas...

E o velho, abanando a cabeça, teve um

gesto triste, como se visse n'aquella supressão dos tiros dos vapores brasileiros ao fundearem no ancoradoiro, mais um signal de desgraças que se viessem juntar a tantas outras que já ameaçavam o socejo e a ventura da sua velhice.

O Xandico, que fazia esforços por conter a contrariedade que lhe causava a interrupção provocada pelo velho, insistio, passados alguns momentos:

—E o Fialho que não passa...

—Deixa lá o Fialho em paz, homem de Deus. O pobre velho ainda está a estas horas em casa, a mastigar as torradas do almoço, em companhia da mulher.

—Qual mulher? interrogou, num riso mysterioso, o Xandico.

—Ora esta é fresca... Então que mulher havia de ser? A mulher d'elle, aquella que recebeu por legitima esposa, aos pés do Altar... O Fialho é um homem serio e de bons principios...

—Fiem-se nisso... insistio malicioso o Xandico...

Encararam-no todos intrigados.

O Dr. Loureiro, esse então parecia devora-lo com os olhos.

—Oh ! Xandico... Agora falando serio: que diabo queres dizer com isso ? perguntou-lhe o Ramada.

—Quero dizer, respondeu o interpellido, accentuando bem as palavras, que *perfeito neste mundo só Deus...*

—Ora, até ahi morreu o Neves... Mas a desculpa não pega... Tú sabes d'alguma coisa que não queres contar... Desembuxa, homem, dize lá o que sabes... Olha que estamos aqui em familia...

O alviçareiro, depois de muita instancia dos companheiros, resolveu-se afinal a soltar a grande nova, que fôra exactamente o que o trouxera ali naquella manhã, depois de uma conferencia secreta com a Directora do Asylo da Piedade.

—E' que me garantiram que o Fialho tem uma alcoviteira, nas visinhanças da sua residencia... Uma tal de Marianna, ou outro nome com esse parecido... Todas as economias do homem vão para as mãos da megera, para lhe arranjar petisquinhos novos...

—Oh ! fizeram todos, aparentemente escandalisados, mas exultando no intimo ante aquella tyranna demolição do proximo

e ardendo em curiosidade por lhe conhecer os detalhes picarescos.

--Não sei, meus amigos, não ~~sei~~<sup>sei</sup>, continuava o Xandico hypocrita... Eu não sou capaz de jurar pela veracidade da coisa, porque Deus me livre de murmurar contra o proximo... Mas é o que dizem... é o que affirmam por ahi... Eu nunca vi nada... P'ra que hei de levantar um falso testemunho... Não, senhores, eu nunca vi nada... Nunca presenciei coisa alguma... Tambem raras vezes ando p'ra aquellas bandas, salvo quando tenho de ir ao Hospital, arrematar o fornecimento... Mas ha quem affirme ter visto bem boas coisinhas.

E, depois de uma pausa, estalando a lingua e sacudindo a cabeça:

—Sim, senhor ! bem boas coisinhas...

Os do grupo pareciam despencados das nuvens. Pois seria possivel ? O Fialho, tão pacato, tão moralisado, tão serio, tão cumpridor dos seus deveres, um homem que parecia viver para o emprego e para a familia, distribuindo em esmolas as sobras dos seus ordenados... Qual ! Ali havia coisa ! Alguma confusão de nomes, algum equivoco provocado por uma semelhança phy-

sica... Não era possível ! Se aquillo fôsse verdade, então não havia mais ninguem serio no mundo...

E a discussão continuava, cada um por seu lado oppondo serios embargos á veracidade do boato, recusando-se todos terminantemente a dar-lhe credito.

Mas o Xandico insistia, perfidamente, insidiosamente, avançando affirmações e procurando logo eximir-se á paternidade das mesmas, jogando insinuações malevolas, attribuindo intuitos secretos e inconfessaveis aos actos mais simples do pobre funcionario, escudando-se sempre, beatificamente, em informações de terceiros, dando a idéa de um morcego a abanar refrigeradoramente com as azas as incisões sugadoras que com os dentes abrio.

Era a obra da calumnia que começava, em toda a sua colleante e disfarçada hediondez. A reputação do Fialho deveria mais tarde registrar aquelle dia como o mais funesto e o mais triste da sua longa existencia abstracta.

—Mas... esperem... fez o Ramada; o Fialho não é padrinho d'aquella menina recolhida ha alguns annos ao Asylo da Pieda-

de e que lá exerce actualmente o cargo de professora da cadeira de bordados e prendas domesticas ?

—Exactamente, confirmou o Xandico; padrinho e tutor...

—Mas, então, fizeram os outros...

—Homens, vocês querem saber de uma coisa ? interrompeu o Xandico. Basta de falar do proximo... Se o homem tem com effeito nas costas os pecados que lhe attribuem, Deus lh'os tomará em conta um dia... Eu vou cuidar da vida, que a morte é certa.

E num cumprimento rasgado despedio-se dos circumstantes e ganhou a rua.

A sua missão estava cumprida. Lançara a primeira pedra do alicerce de calumnias e de infamias sobre o qual contava ver surgir mais tarde a victoria da vontade da Directora. Não lhe convinha prolongar por mais tempo o fogo, sob pena de descobrir as suas baterias.

## XXVIII

Os effeitos da revoltante calumnia do Xandico se não fizeram esperar muito.

Cada um dos presentes, expontaneamente, e, mesmo sem intenções perversas, levado apenas por esse amor á bisbilhotice, innato em todo o burguez, se incumbio de propalar a nova, ligeiramente adulterada para peor. Tambem seria um absurdo exigir que as suas memorias, já cançadas e enfraquecidas, retivessem, na sua perfeição integral, as confidencias do Xandico, a ponto de as reproduzir sem o accrescimo de uma só virgula que fôsse. Teriam por

força de adicionar, por conta propria, alguns detalhes typicos, para tornar mais significativo o caso e facilitar assim a comprehensão por parte dos que os ouvissem.

E de tal modo se houveram nessa elucidativa incumbencia, que, ao cabo de dois dias, já havia quem affirmasse, e de muito bôa fé, que a autoria de todos os attentados ao pudor commettidos na terra nos annos mais chegados, cabia incontestavelmente ao Fialho. O homem era um satyro insaciavel, um monstro de luxuria e de libidinagem, cujo simples olhar bastava para violar as virgens sobre que se fixasse. Aquella sua inveterada mania de fazer esmolas não tinha outro fito senão o de satisfazer, á custa de auxilios pecuniarios á orphandade desvalida, os seus instinctos bestiaes. Nem grelhado vivo pagaria o patife as desgraças que havia semeado no mundo.

Todas essas aleivosas infamias não tardaram em transpor os batentes do lar do pobre velho, envenenando-lhe cruelmente o socego domestico, roubando-lhe a confiança da esposa, suscitando-lhe, a cada instante, scenas terriveis, onde o recinto sagrado da sua vida intima era brutalmente

violado pelos ouvidos attentos da visinhança.

Vivia o homem num inferno perenne, a soffrer interrogações dos mais cerimoniaes e olhadelas insultantes dos extranhos. Por onde quer que passasse, sentia-se seguido pelas vistas curiosas de todos, esmagado pelo desprezo superior de uns, chicoteado pelo ridiculo zombeteiro de outros, odiado pela inveja perversa dos restantes. Os seus proprios collegas de repartição, se bem que no intimo não dessem credito ás infamias propaladas, porque o conheciam de sobra e de sobra o sabiam incapaz de as pôr em pratica, não se sentiam, comtudo, dispostos a reagir abertamente contra a onda calumniadora. Presavam demasiadamente o seu socego e o seu bem estar pessoal, para os irem arriscar na defeza aberta do compaheiro.

A reacção partio de um grupo de rapazes, na sua quasi totalidade composto de empregados do commercio e de estudantes do Lyceu, que todas as noites se reuniam a cavaquear na porta do botequim do Torres. Repugnava-lhes á honestidade enthusiasta e moça aquella odienta campanha de exter-

minio da honra de um homem de bem.

Muitos dentre elles o conheciam pessoalmente, sobretudo os que cursavam o Lyceu, onde costumava o Fialho, na falta de algum dos membros da mesa, ir examinar Geographia, disciplina que cultivava em segredo e cujo estudo constituia o passatempo predilecto das suas horas de ocio. E nunca tiveram occasião de o apanhar numa injustiça, nem tão pouco de lhe exprobar um rigor demasiado; portava-se sempre, pelo contrario, com toda a dignidade, chegando mesmo, até aos limites do permittido, a facilitar o exame aos mais fracos. De forma que os rapazes, se o não adoravam, porque, afinal de contas, era por demais ephemero o contacto que com elle tinham, votavam-lhe, comtudo, uma pronunciadissima sympathia.

Mas o ardor bellicoso dos defensores, para fazer resaltar melhor a innocencia do conspurcado, entendeu que deveria usar das mesmas armas empregadas pelos adversarios. A Irmã Nazareth, as professoras do Asylo, as senhoras devotas que protegiam o estabelecimento, o Xandico e todos os que mais abertamente o haviam a-

companhado, foram arrastados pela rua da amargura. Principiaram a circular horrores a respeito de toda essa gente, sem que ninguém pudesse descobrir ao certo a fonte de onde dimanavam.

A opinião publica, sem discrepancia, apaixonou-se pelo caso, formando dois partidos distinctos e extremados: o partido das Irmãs do Asylo e o partido do Fialho.

Houve discussões cerradas, trocas acerbadas de descomposturas, scenas violentas de pugilato.

A imprensa, se bem que velando o caso sob o manto discreto das conveniencias pessoas, veio tambem tomar parte no conflicto.

O *Independente* inserio artigos furibundos contra a intolerancia catholica e os manejos perfidos do jesuitismo, citando Rénan, Strauss e Leo Taxil. Os pobres franciscanos da Egreja da Trindade, que nada tinham a ver com o caso, vieram tambem para a balha e foram denunciados como os mais sanguinarios algozes do mundo.

O Victorino, redactor chefe d'*O Independente*, a quem o simples spectaculo de uma sotaina fazia espumar de raiva, num

artigo que ficou celebre: *Os bandidos de tonsura*, pedio em altos brados aos poderes supremos da Republica que mandassem enforcar na praça publica todos os padres e todas as Irmãs de Caridade do Brasil, em nome do progresso e da civilisação. O padre Amaro, de Eça, e o padre Faujas, de Zola, vieram dar testemunho de quantas infamias seriam capazes os «amputados moraes» que envergam uma batina.

Em compensação, *A Catechese*, orgão dos catholicos, arregimentados em partido politico, não poupava aos livres pensadores e a todos os insurgidos contra o dogma romano. Cascava-lhes de rijo, sem piedade e sem dó, apresentando-os á execução publica como os unicos culpados de todos os males modernos. Emquanto não fôsse varrida do Brasil, a couce d'armas, toda essa corja de pedantes insubordinados, de detractores da honra alheia, de roubadores do socego das familias, as coisas publicas não entrariam nos devidos eixos, andaria tudo de pernas para o ar, sem que ninguem se podesse entender e cuidar a serio das suas obrigações.

Contra o Victorino, então, a objurga-

toria era descabellada e furibunda. Não havia crimes de que não fôsse o excommungado capaz. E ainda se animava o *biltre* a vir citar o Zola e o Eça, como se não soubessem todos que os dois amaldiçoados já em vida se achavam condemnados á caldeira de Pedro Botelho.

E neste diapasão seguiam os dois órgãos da imprensa indigena, cada qual mais caricato, mais repugnante e mais imbecil.

Mas o incidente grotesco e irrisorio por excellencia de toda essa tragi-comedia provinciana, foi o conflicto do Madureira com o Xandico.

O Madureira, já de meia-idade, guarda-livros de uma importante casa commercial, era figura obrigada dos cavacos nocturnos do Torres, assim como o Xandico o era das prosas matinaes do Ramada.

Tinham ambos os mesmos habitos alvicareiros, a mesma mania de conhecer sempre, e melhor do que qualquer outro, todas as novidades de sensação. A unica differença que entre os dois existia residia nas convicções politicas e religiosas de cada um, em completa e aggressiva antinomia.

O Xandico, por systema e por indole,

acompanhava invariavelmente o governo; quando um partido cahia, encontrava sempre o homem uma serie de razões opportunas para mascarar a sua deserção do grupo vencido e cohonestar a sua incorporação aos vencedores. Semelhantes razões, na quasi totalidade dos casos, cifravam-se em ingratidões, dolorosas e ferinas, por parte dos chefes do partido apeiado.

—Que quer você ? costumava dizer aos que o interpelavam a tal respeito. Aquelles canalhas portaram-se para commigo de um modo nojento e revoltante !... Eu, que sempre os acompanhei incondicionalmente, prestando-lhes leal e desinteressadamente todos os serviços que de mim exigiam... Mas este mundo é assim mesmo: todo feito de ingratos e de mal agradecidos...

Em que consistiam essas ingratidões, nunca ninguem o soube ao certo. O Xandico, inquirido nesse ponto, retrucava sempre, evasivamente:

—Coisinhas que eu cá sei... Mas deixem estar aquelles patifes que elles me pagarão tudo a seu tempo... Olé se pagam !... Com este velho ninguem brinca !

E com a mão espalmada applicava ao

peito uma serie de pancadas, vibrantes e secas.

Em materia de fé, dizia-se o velhote catholico estremado. Praticava á risca os mandamentos e votava aos protestantes e aos atheus um odio encarniçado e sanhudo.

O Madureira, por seu lado, tambem por indole e por *systema*, vivia sempre na opposição, a desancar impiedosamente todos os governos que se succediam.

—Não preciso d'aquelles safados, declarava habitualmente. Não vivo delles, nem como dos seus respectivos bolsos... Estão vocês bem livres de me verem subir as escadas de qualquer um a pedir emprego. Out:o poderá ser... Mas o filho de meu pae ? Ixe ! Nem que tenha de ir carregar pedras ou puxar a corda de um burro de carroça... Por consequencia, casco-lhes á vontade... E' tudo uma corja de gatunos e de desbriados.

Quanto a religião, ver-se-ia o Madureira em serios embarços se o forçassem a explicar a que professava. Só a respeito de um ponto não nutria duvidas: era no odio illimitado que consagrava aos padres em geral e ás Irmãs de caridade em particular.

—São umas hypocritas e umas debochadas... Vocês estão vendo aquella cór macilenta, aquelles olhos mortos ? Pensam que tudo aquillo é resultado de jejuns e de macerações ? Qual, filhinhos ! Tudo aquillo não passa de vestigios de muita pouca-vergonha...

Nada mais natural, portanto, á vista de semelhantes principios, do que o ardor com que o Madureira abraçou a defeza do Fialho e a accusação das Irmãs do Asylo da Piedade. Se puzessem na concha de uma balança as calumnias do Xandico e na outra as do Madureira, de certo que o fiel da mesma ficaria em perfeita verticalidade.

O Xandico, de manhã, no Ramada e o Madureira, á noite, no Torres, semearam a mancheias as aleivosias e os mexericos, complicando cada vez mais a situação e pondo em serios embaraços os espiritos imparciaes que desejassem a respeito formar uma opinião segura.

Uma bella manhã, entrou por accaso o guarda livros na livraria do Ramada, a inquirir dos preços de uns objectos de que carecia para o escriptorio.

Lá se achava, como de costume, o Xan-

dico, a contar horrores do Fialho e a tecer ás Irmãs do Asylo os mais rasgados elogios.

O sangue do Madureira *ferveu*, como elle depois contou, e não poudo ter mão em si. Interveio abertamente na discussão a contrariar o Xandico e a retaliar os insultos que o mesmo atirava a todos os *livres pensadores*.

A discussão, a principio em terreno abstracto, azedou-so por fim e desceu a personalidades. Houve troca de insultos pungentes, cãda um attribuindo a opinião do outro a moveis pouco dignos.

—Você defende as Irmãs porque quer conservar a pechincha dos fornecimentos do Asylo, invectivou o Madureira.

—E você toma o partido do Fialho porque o seu patrão precisa de informações favoraveis da Secretaria, naquella questão de impostos que tem com o Thesouro...

—Canalha ! Você não repete...

—Repito e quero ver o que você me faz...

—Parto-lhe a cara !...

—Quero ver se você é homem para tal...

Os dois fizeram menção de marchar um para o outro, mas não se moveram do lugar que occupavam.

Os circumstantes, entreolhavam-se boquiabertos e indecisos, sem saber que partido tomassem.

E os insultos cruzavam-se, violentos, incisivos, crueis, de parte a parte, sem que nenhum dos contendores se achasse com coragem de ser o primeiro a recorrer ás vias de facto.

Finalmente o Madureira, num movimento brusco, mette a mão no bolso trazeiro das calças para tirar a charuteira, afim de pedir á fumaça de um *Exposição* a coragem necessaria para ir ás ventas do Xandico. Este ultimo, porem, equivocou-se a respeito dos intentos do outro e recuou espavorido para a porta.

— Ah ! seu assassino, você quer me dar um tiro ? !

Num relance, aproveitou-se o Madureira do engano do outro:

—Mato-te, miseravel !

E marchou para o velho, num ar furibundo e sanguinario, sempre com' a mão no bolso trazeiro das calças.

O Xandico, que apesar da sua apregoada bravura no Paraguay, tinha ao pêlo um amor entranhado e excessivo, não esperou pelo cumprimento da ameaça e, sem chapéo, com os olhos esbugalhados de terror, abalou a correr pela rua ácima, bradando com a voz entrecortada e quasi sem folego:

—Acudam ! Acudam ! Assassino ! Aquelle malvado quer me dar um tiro !...

Quiz o Madureira seguir-lhe no encalço, mas os presentes agarraram-no, forçando-o a entregar a arma homicida. O guarda-livros, porem, que sentia lisongea-do o seu amor proprio com aquelle equivo-co grotesco do Xandico, recusava, desejando que os outros o continuassem a suppor capaz de sacar de um revolver para dar um tiro num homem.

—Não, tenha paciencia... você tem de entregar o revolver... E' para evitar desgostos maiores... Do contrario, com esse seu genio açodado, é capaz de encontrar d'aqui a pouco o Xandico e fazer alguma asneira... declaravam todos ao mesmo tempo.

E quasi á força lhe sacaram do bolso, em vez do famigerado revolver, uma inofensiva charuteira de coiro da Russia !

Uma gargalhada estrepitosa e unisona explodiu.

O Ramada, a brandir no ar a charuteira e morto de riso ainda, chegou á porta, brandando:

—Vem cá Xandico ! Olha que não é revolver, é uma charuteira...

Mas o outro já ia longe áquellas horas, metterá-se não se sabia por onde... O unico vestigio da sua vertiginosa passagem pela vela rua cifrava-se nos semblantes zombeyiros que assomavam ás janellas e nos raros transeuntes que, entre risonhos e curiosos, se approximavam da livraria...

Quando o Ramada voltou para o balcão, não vio mais o Madureira. O guardalivros, enfiado, *azulara* tambem pela porta do canto, abandonando nas mãos do livreiro a sua charuteira de coiro da Russia...

—Sim senhores ! declarou solememente o incorrigivel trocista, abrindo a charuteira. E' para que vejam como se faz, com quatro charutos *Exposição*, fugir espavorido um veterano do Paraguay. E venham depois para cá apregoar a bravura dos homens da Monarchia !

O Dr. Loureiro voltou da livraria do Ramada, após a audição das aleivosias do Xandico, summamente satisfeito com a perspicacia do seu espirito, que lhe denunciara logo, por traz da recusa da Irmã Nazareth em entregar a pequena, sem um a authorisação escripta sua, um motivo superior e grave.

—E' isto mesmo, não ha duvida, murmurava o juiz com os seus botões, á proporção que se ia approximando, respeitavel e conselheiral, dos seus amados penates. A virtuosa senhora (para o Loureiro todas as

senhoras eram implicitamente virtuosas), tendo sciencia dos lamentaveis desregramentos do Fialho, receia confiar-lhe a pequena... E não deixa de ter carradas de razões para assim proceder, porque a honestidade feminina é como um copo de *baccharat* finissimo, que ao mais ligeiro choque faz-se logo em estilhaços...

E sorria satisfeito áquella imagem do copo symbolizando a virtude, disposto a aproveitá-la na primeira sentença que tivesse de lavrar.

Mas, lá diz o rifão que não ha felicidade perfeita neste mundo: a envenenar-lhe o praser do amor proprio lisongeadado, surgia sorrateira a terrivel indecisão, que invariavelmente o empolgava todas as vezes em que se tinha de pronunciar num caso difficil.

Dizia o Xandico a verdade? Seria com effeito o Fialho o monstro de libidinagem que apregoavam?

Ou, pelo contrario, tudo aquillo não passava de calumnias e de mexericos infames?

Na primeira hypothese, o seu dever seria recusar a autorisação pedida e buscar

mesmo por todos os meios dissuadir o velho dos seus intentos.

Na segunda, era o procedimento contrario que lhe cabia pôr em pratica.

Como, porem, tirar a limpo toda essa embrulhada e aclarar com segurança a tri-lha a seguir ?

A' semelhança de todos os timidos e de todos os irresolutos, apavorados ante a responsabilidade moral de um acto que se possa prestar a mais de uma interpretação, o Dr. Loureiro resolveu appellar para o tempo, o soberano resolutor de todas as situações complicadas e obscuras. Assim como encontrara naquella manhã o Xandico, que lhe dera o *lamiré* do caso, poderia, qualquer dia d'aquelles, deparar com outro *maestro* que lhe indicaria a continuação da aria. Não tinha que vêr: o melhor era esperar, dar tempo ao tempo.

Mas desta vez falharam-lhe por compello as previsões; cada dia que se passava trazia para a situação um novo embrulho. Cruzavam-se as mais antinomicas suspeitas, entrechocavam-se os mais descontrados boatos. O caso, de simples que parecia ao principio, complicara-se, com

uma vertiginosidade assombrosa, e o pobre juiz vivia em colicas, coberto de suores frios, sem saber o que fizesse.

As opiniões extremaram-se em duas correntes oppostas e era delle que, em ultima analyse, viria depender a soluçãõ do problema. Mas, azedadas como andavam as coisas, seria difficil que o grupo vencido se submettesse sem protesto á sua decisãõ. Se consentisse na sahida da rapariga, o partido das Irmãs cobri-lo-ia de injurias; se adoptasse o alvitre opposto, contava, como certas, com a descompostura da gente do Fialho.

Como emergir de semelhante entaladela?

Chegou finalmente o dia marcado para a nova entrevista com o Fialho, e o digno magistrado não havia ainda atinado com o rumo a seguir. Dispoz-se por isso a tratar o supplicante com todas as attentões, afim de obter, sem conflictos, uma nova delonga.

Quando o Fialho se fez annunciar, foi em pessoa abrir-lhe a porta do gabinete, com um livro na mão.

Depois de trocadas as primeiras saudações, indicou-lhe o juiz uma cadeira e dirigio-se, pausado e grave, a tomar logar

na sua pesada secretária de baracutiara.

—Sabe o meu amigo o que estava agora a ler, pela centesima vez, quando fui agradavelmente surprehendido pelo annuncio da sua visita? O *Fr. Luiz de Sousa*, dc immortal Garret. Conhece?

E mostrou-lhe o livro.

—Não, o Fialho não conhecia, senão de nome. Do Garrett a unica coisa que havia lido fora a «saudade, gosto amargo de infelizes...», que vinha na *Selecta dos Autores Classicos*.

—Pois é pena, meu amigo, é pena realmente... Procure ler todo o Garret! E' maravilhoso! E' admiravel! O *Arco de Sant'Anna*, as *Viagens da minha terra*, *O Alfageme de Santarem*, são joias, meu caro senhor, são joias preciosas, diamantes de primeira agua, como se não encontram mais... Não! não lhe posso perdoar semelhante falta! O sr. não ter ainda lido o Garrett? Mas, leia-o, meu presado amigo, leia-o quanto antes... Olhe: eu não lhe offereço os meus exemplares, porque o Garrett é o meu oraculo, não o largo nunca das mãos...

E, depois de uma pausa, como se reflectisse melhor:

—Emfim... como tenho um infinito desejo de que o meu amigo conheça as joias, as verdadeiras joias que os livros do Garrett encerram, posso lhe emprestar alguns, tomando, porem, o meu amigo o compromisso de m'os devolver em breve praso.

E fez menção de se erguer, dispondo-se a ir colher no *escrinio* das suas estantes as *joias* que offertava ao outro...

Mas o Fialho bem que se importava, naquella hora, com o Garrett e com as joias do mesmo... O que elle queria era a auto-risação, para sahir de vez da tortura em que laborava.

—Que o sr. Dr. se não incommodasse, por quem era. Elle agora não tinha tempo para ler o Garrett... Não faltaria occasião... Ficaria para outra vez... As *joias* bem que podiam aguardar momento mais opportuno...

—Pois é pena, meu nobre amigo, é pena... Porque são joias de primeira grandeza, posso lh'o affirmar !... São verdadeiras joias de primeira grandeza !... Olhe: neste mesmo *Fr. Luiz de Souza* que aqui tenho... (E abriu o livro, emquanto o Fialho empalidecia de susto, prevendo a me-

donha *cacetada* em que se ia metter) Ah! cá está... E' a scena entre Manuel de Souza e Jorge... Isto é uma scena magistral... E' admiravel! E' maravilhoso!... Sobretudo quando Jorge affirma que «os juizos de Deus são imperscrutaveis!» Veja bem quanta philosophia nestas poucas palavras! Quanta penetração! Quanto saber! Oh! o Garret tem joias como nenhum outro...

E como se se arrependesse em tempo do que avançava:

—Isto é: como nenhum outro, digo mal, porque o Herculano, o Rebello da Silva, o Filinto, não lhe ficam atraz... Mas... emfim... o Garrett... não sei como me exprima... o Garrett tem mais... não... mais tambem não tem... Mas... em todo o caso... o Garrett tem coisas admiraveis, tem coisas magistraes...

E teve um gesto largo, como se pretendesse com elle indicar o infinito da admiração que deveria provocar em todo o mundo as producções do escriptor portuguez.

O Fialho torcia-se na cadeira, inquieto, soffrego, a mudar de posição a cada instante, avido por se libertar d'aquella tremenda estopada e ganhar a rua, tendo porem an-

tes embolsado a autorização para levar consigo a afilhada.

Aproveitou a ligeira pausa do juiz e, concertando a garganta, arriscou tímido:

—Pois, sr. Dr., eu vinha cá...

Mas o outro interrompeu logo, como se não houvesse dado atenção às suas palavras:

—Sabe o meu amigo quem tinha também uma grande e incondicional admiração pelo Garret ? Veja lá se adivinha...

—Não, o Fialho não adivinhava. Sempre fôra muito bronco para adivinhações. Nos seus tempos de rapaz, não conseguira nunca sahir-se bem no jogo do: *amigo ou amiga* ?

—O Athanasio, fez o Loureiro em voz de papo. O nosso Athanasio ! Quantas vezes me não disse elle, com os olhos humidos: «Dr. ! o Garrett é magistral ! O Garrett tem joias de primeira agua !»

E, abanando a cabeça, subitamente entristecido:

—Pobre Athanasio ! Aquillo era uma perola !... E uma intelligencia de *élite* ! Era um latinista consummado ! Traduzia Virgilio e Cicero dormindo. Quanto ao portu-

guez,então, nem falemos... Olhe que aquella *Grammatica* do Athanasio é um monumento. Só o que elle estudou, só os autores que compulsou, para escrever tudo aquillo. São novecentas e trinta e cinco paginas de composição batida, e grande formato... Attenda bem para isto: novecentas e trinta e cinco paginas ! Não é brincadeira ! Diga-me: onde encontrará o meu amigo uma grammatica portugueza com tamanhas proporções ? Onde ?

O Fialho confessava de antemão a improficuidade de qualquer esforço nesse sentido. Nem valia a pena tentar a busca, era tempo perdido... Em parte alguma do mundo seria encontrado um portento igual.

—E', fazia o outro, abanando orgulhosamente a cabeça, em parte alguma do mundo ! *Gammatica* de tamanho calibre só no Maranhão, só na Athenas Brasileira !

E interrompeu-se, para condimentar aquelle triumpho grammatical do Maranhão com uma longa e bem sorvida pitada de rapé.

O Fialho, desta vez, creou coragem: se não aproveitasse a pitada não sahiria d'ali tão cedo...

E desembuchou de uma vez:

—Pois, sr. Dr., eu vinha em busca da licença, para retirar a pequena do Asylo...

O Loureiro assumio repentinamente um ar ponderado e grave. Sacou lentamente o lenço da algibeira, limpou os dedos e o nariz, e declarou, sentencioso:

—Ah ! bem sei .. E' aquelle negocio de que me falou na outra vez em que esteve cá...

—Sim, sr., e que o sr. Dr. deixou para resolver hoje...

—Exactamente... é isso mesmo... Mas, diga-me cá uma coisa: ainda persiste nos seus projectos de retirar a rapariga do Asylo ?

—Mas, sr. Dr., que hei de fazer ? A menina quer por força ir para junto da mãe, não ha razões que a convençam do contrario...

—São muito nobres e muito bellos esses sentimentos filiaes...

O Fialho, já no receio de outra estopada igual á das joias do Garret, foi logo cortando as tiradas declamatorias do magistrado.

—Então, posso contar com a autorisa-

ção exigida pela Directora do Asylo ?

—Homem, retrucou o outro embaraçado, eu lhe digo: essas coisas... resolvidas assim de sopellão... Olhe que o caso é grave... Dizem-se por ahi tantas coisas...

—Mas, sr. Dr., são infamias revoltantes é a mais negra das monstruosidades ! vociferou o Fialho, deixando afinal extravasar, naquelle grito de desesperado protesto, toda a indignada e dolorosa revolta da sua alma de calumniado.

—Bem sei, bem sei, obtemperou o outro, conciliador... Mas precisamos andar com calma, marchar com muita prudencia... Vamos esperar mais alguns dias...

—Como se <sup>o</sup>pobre mulher cada vez peicra mais e se a justa anciedade da filha já não pode por mais tempo supportar semelhantes de longas ?...

—Tenha paciencia, meu amigo, acalme-se ! Essas coisas não se resolvem assim... Olhe que o caso é grave e muito grave... Não é mais como juiz que lhe falo, é como amigo... Esperemos mais um pouco... Prometto-lhe resolver tudo no fim da semana vindoura... Dou-lhe a minha palavra de honra que se não ha de arrepender de de-

ferir o meu pedido... Vamos, concorde comigo... A gente nunca perde por esperar...

E, erguendo-se da cadeira, foi bater paternalmente no hombro do Fialho.

—Crie coragem, crie resignação não se deixe abater por tão tão pouco...

—Coragem ? Resignação ? E acha pouca a que já tenho revelado ? Olhe, sr. Dr., que se eu não tivesse coragem e não tivesse resignação não sei o que já teria sido de mim...

E um soluço, logo sopitado, veio embargar a voz do pobre velho, enquanto duas grossas lagrimas lhe assomavam ao canto dos olhos.

E poz-se de pé, como que para dominar a emoção que o ganhava...

—Vamos, acalme-se... Concorde comigo... Voltará cá lá para o fim da proxima semana, não é assim ?

—Que remedio tenho eu, se o sr. Dr. assim o julga melhor e assim o quer...

E resignado, cabisbaixo, soffredor, despedio-se o Fialho do juiz e ganhou a rua, dispondo-se a entregar-se submisso por mais oito dias ao doloroso martyrio que o flagellava...

XXX

Aquella segunda semana de moratoria, foi toda de colicas para o Dr. Loureiro.

Rompera já a virulenta polemica d'*O Independente* com *A Catechese*, e o honesto Juiz, ao ler as furibundas descomposturas, com que diariamente se mimoseavam os dois respeitabilissimos orgãos da imprensa indigena, ficava sem pinga de sangue, a prever os dissabores e as entaladelas que o ameaçavam, qualquer que fôsse a resolução que tomasse no caso dependente da sua jurisdição.

Quando o Victorino, numa retumbancia ôca de tropos sediços, «desnudava, aos olhos

incautos das multidões, a alma torpe dos sotainas e os seus perfidos manejos reaccionarios», flagellando, a chicotadas de rethorica barata, «os seculares trahidores que os secundavam na campanha ignobil e surda que moviam contra a Republica», o magistrado tremia da cabeça aos pés:

—Olhem lá o que me está reservado se negar a autorisação ao Fialho ! Passo logo para o rol dos taes trahidores e tenho de metter-me, sem mais aquellas, em toda esta medonha descompostura... Não, parece-me que o mais prudente é conceder a licença pedida...

Mas, lá vinha *A Catechese* a fulminar, pela penna disfarçada do Conego Sarmiento, com as penas do inferno e com a excommunição dos padres, «todos os ridiculos sacripantas e todos os truanescos bigorrilhas do atheismo moderno», e o homem mudava de opinião:

—Não tem duvida: serei sem delongas incluído no numero, já vasto, dos sacripantas e dos bigorrilhas, se fizer a vontade ao padrinho da pequena... Esta só pelo diabo! Maldita a hora em que me lembrei de ser Juiz...

E nem sequer se sentia mais com disposição de ler os folhetins dos dois jornaes: *As doidas em Pariz*, de Montépin, e *O Martyr do Golgotha*, de Escrich, que tanto o deliciavam, porque o Dr. Loureiro, em presença de estranhos, lia os classicos, mas no silencio do seu gabinete, quando se sentia livre dos olhares extasiados dos admiradores, era na convivencia do Montépin, do Escrich, do Ponson e de todas as outras glorias universaes do *roman feuilleton*, que encontrava os mais deliciosos momentos de prazer espiritual. O Garrett, o Herculano e os outros davam-lhe somno, logo ás primeiras linhas.

Quiz, porem, a sua bôa sorte, que sahisse incolume do conflicto, sem o mais leve arranhão na sua grave respeitabilidade de imparcial applicador da lei e distribuidor da justiça.

O Bispo Diocesano, assustado ante as proporções tomadas pelo incidente e prevendo já peiores complicações futuras para a sua politica de conciliação com o novo regimen, mandou pedir á Directora do Asylo que, sem mais delongas, entregasse a Laura ao tutor.

O Sarmiento fez o possivel para obstar a decisão episcopal, que vinha dar ganho de causa «aos inimigos encarniçados da Egreja» e favorecer sobremodo a propagação «de toda esta pouca vergonha moderna». Mas o Prelado era inflexivel: quando queria, queria mesmo, e o conego reaccionario não teve remedio senão curvar a cabeça e ir em pessoa desempenhar a commissão do seu *superior espiritual*.

A Irmã Nazareth, por seu lado, entrava já numa phase de arrependimento; se lhe fôsse dado prever em tempo toda aquella embrulhada, de certo teria suffocado a co-biça que a devorava, tragado em silencio a affronta á sua autoridade ferida e deixado ir em paz a rapariga. Infelizmente, porem, «o futuro só a Deus pertencia» e ali estava agora a pagar a sua falta de tino e a sua desastrada imprevidencia.

Por esse motivo, quando o Conego Sarmiento lhe veio transmittir a vontade episcopal, levantou intimamente as mãos para o céo, e mandou logo, na tarde desse mesmo dia, chamar o Fialho.

Quando o velho se apresentou na sala do Asylo, a piedosa senhora, depois de al-

guns rodeios, declarou-lhe, num ar compungido e seraphico, que começava a alimentar, *em consciencia*, certas duvidas a respeito do valor dos argumentos que a haviam impulsionado a oppôr-se á sahida da Laura. Era bem possivel—oh ! a creatura humana vivia sempre tão sujeita ao erro !—era bem possivel que a sã razão não estivesse do seu lado... Quem poderia affirmar que não fôsse o proprio Deus em pessôa que havia ditado á rapariga aquella resolução de correr para junto da mãe enferma ? A caridade christã não conhecia obstaculos nem difficuldades... Ella que o dissesse... ella que havia trocado os seus atavios risonhos de moça pela tristeza sombria daquelle burel que a amortalhava... Abandonara resoluta o convivio reconfortante dos seus, a quentura bemfazeja do lar, as delicias attrahentes do mundo, para se ir sepultar em vida num convento isolado e triste, a fazer a aprendizagem do martyrio, a cursar a escola rude do soffrimento humano... Pensava o Filho que lhe não havia custado e muito aquelle passo ?

E teve um sorriso mudo de resignação, um gesto vago de desprendimento.

—Oh ! ella bem sabia as calumnias que o mundo atirava sobre ella e sobre as suas pobres companheiras de abnegação christã... Mas o mundo é sempre tão injusto... Agora mesmo, a proposito daquelle caso tão simples, quantos aleives não haviam sido postos em circulação a seu respeito... Mas ella sabia perdoar... Aceitava todas aquellas provações, que lhe seriam levadas em conta um dia por aquelle que tudo vê e tudo sabe...

E numa expressão de victima que se entrega submissa ao algoz, fitava seraphicamente os olhos no tecto da sala do Asylo.

Naquelles poucos dias de luctas e de desgostos, ganhara o Fialho mais em experiencia do mundo e dos homens do que em toda a sua longa vida passada; de forma que suspeitou logo, por traz daquellas tiradas lamuriantes da Directora, um mobil qualquer, muito diverso daquelle que a religiosa estadeava. Mas pouco lhe importava, para o caso, conhecer as razões de semelhante reviravolta. O que sobretudo desejava era que a Irmã Nazareth chegasse logo ao alvo, em torno do qual escaramuçava.

—Mas então, atalhou um pouco brusca-

mente, desiste da autorisação do Dr. Loureiro para me entregar a pequena ?

—Sim... isto é... eu pensava... parece-me... guaguejava a Irmã, a cujo espirito assustadiço e escrupuloso repugnavam as situações definidas...

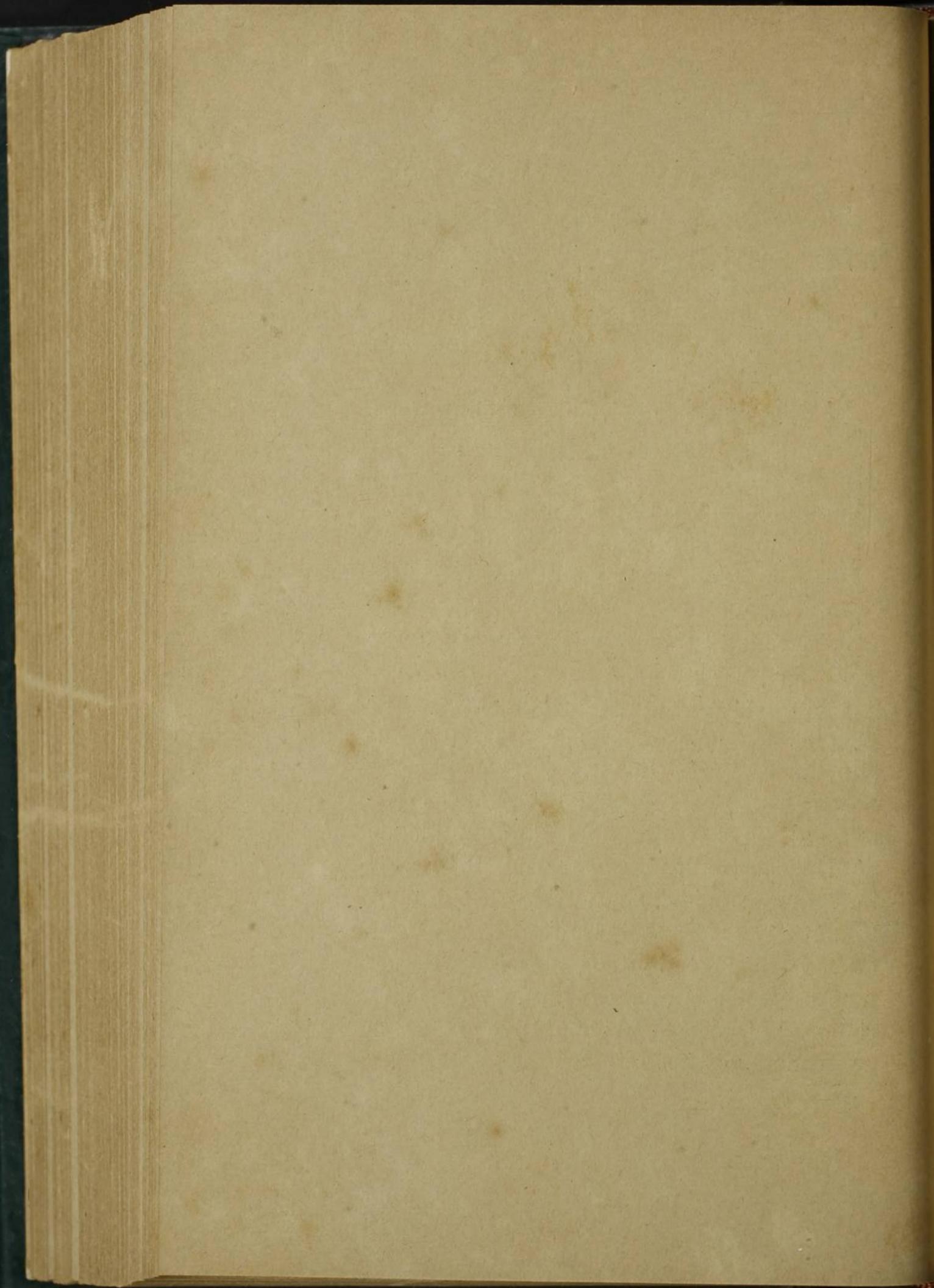
—Nesse caso, declarou o Fialho, pondo-se de pé, tenha a bondade de avisar a Laura e preparar as coisas que, amanhã, pela manhã, a virei buscar.

E sem mais rodeios, cumprimentando a Directora com uma ligeira inclinação de cabeça, ganhou as escadas.

No dia seguinte, tomou um carro e dirigio-se ao Asylo.

Foi logo recebido pela afilhada que se lhe atirou soffrega ao pescoço, misturando febrilmente as lagrimas com os sorrisos.

No rosto da rapariga divisavam-se patentes ossignaes inilludiveis de quanto havia soffrido naquelles dias amargurados. Mas foi sem a mais leve sombra de resentimento que ella se despedio da Superiora e das outras Irmãs e tomou o carro, em companhia do padrinho, para ir levar á infeliz Marianna o grande e insubstituivel conforto dos seus cuidados e do seu amor.



## XXXI

Andava o Carlos a cursar, no Recife, o quarto anno de Direito, quando se desenvolveram no Maranhão os factos que ahí ficam perfunctoriamente assignalados.

Os jornaes que invariavelmente, por todos os vapores, lhe remetia o Commendador, as cartas minuciosas da D. Ignez, francamente favoraveis á Directora do Asylo e as minhas—escusa dize-lo—positivamente infensas áquella virtuosa Esposa do Senhor, o puzeram ao facto da situação, com todos os seus detalhes e episodios.

A' imaginação impressionavel do Car-

los, ao seu espirito aventureoso e entusiasmado, a figura da Laura apresentou-se logo numa aureola irresistivel de attração e de sympathia. Emprestou-lhe qualidades sobrenaturaes, virtudes singulares, predica- dos raros só por ella possuidos.

As missivas que me endereçava vinham repletas, da primeira á ultima linha, de elogios calorosos á rapariga, de fogosos applausos á impecavel correcção do seu procedimento, ao fulgor excelso dos seus do- tes moraes. Lembrava as Virgens Fortes das lendas primitivas, a desmentirem, pelo vigor masculino dos seus actos, a apregoada fraqueza que lhes forma a partilha do sexo. Parecia incrivel, aos seus olhos, que uma raça apodrecida e gasta, como a nossa, fôsse ainda capaz de produzir um typo de mulher d'aquella envergadura moral. E nesse altisonante diapasão lyrico seguia, a encher folhas e folhas de um burguez e inofensivo papel Diplomata.

—Bom, murmurava commigo, se cá estivesse o Carlos e se conhecesse pessoalmente a rapariga, tínhamos paixão no caso. E se o Commndador não abrisse os olhos, la se iriam pela agua abaixo os *enlaces van-*

*tajosos* que anda a sonhar para o filho. O que lhe vale, porém, é que esse enthusiasmo ha de passar, como já passaram tantissimos outros do meu imaginoso amigo.

Mas enganei-me redondamente nesta ultima previsão. O enthusiasmo, em vez de diminuir, cada vez mais recrudesca. O lyrisimo epistolar continuava a ser cultivado com afan e as cartas apaixonadas succediam-se, com uma regularidade de chronometro. O caso sentimental complicava-se, assumindo proporções que eu nem por sonhos seria capaz de lhe attribuir por occasião da sua primeira exteriorisação epistolar.

Tremi devéras pela tranquillidade domestica do meu estremecido camarada de infancia. Conhecia de sobra o Commendador, a D. Ignez e toda a parentela de Carlos, para poder com segurança prever a medonha opposição que toda essa gente faria a um enlace possivel do rapaz com a Laura.

E confiei-lhe abertamente os meus receios, expuz-lhe tudo com a maior clareza, mostrando-lhe a conveniencia de reagir em tempo contra aquella inclinação amorosa que eu perfeitamente lobrigava atravez dos

seus enthusiasmos e das suas lóas á conducta da rapariga.

A resposta não se fez esperar. Entrou-me pela porta um dia, num volumoso envelope registado, capeando nada mais nada menos do que cinco cadernos de papel Diplomata !

O Carlos protestava contra a interpretação por mim dada aos seus arrebatados enthusiasmos. Não, elle não estava apaixonado pela rapariga. O culto que lhe votava era todo impessoal: para elle, a Laura apenas symbolisava um grupo de sentimentos e de principios, capazes de levar até ao delirio a veneração e os applausos de todas as almas moças que ainda acreditassem no Bem, que se não tivessem ainda embotado ao contacto da torpeza e do egoismo humanos. Sentia umorgulho immenso, ao ver que na sua terra nascera e nella mesma se formara aquella nobre e estupenda organização de mulher, que tão alto erguia a indiscutivel ascendencia moral do seu sexo.

Tinha, alem desses, um outro motivo todo especial para se apaixonar pelo caso.

Como eu não devia ignorar, alimentava elle, desde o malogro d'A *Nova Patria*,

o projecto de escrever um romance, onde a vida do Maranhão se estereotypasse, flagrante e nua. Os episodios secundarios, as scenas do segundo plano, que deveriam formar, por assim dizer, o fundo da acção, já elle as tinha todas, devidamente dispostas e grupadas por ordem de alcance significativo. O que lhe faltava era apenas o entrecho central, que as deveria entrelaçar num todo concatenado e harmonico, numa sequencia natural e logica. E que melhor ensejo se lhe poderia antolhar, de preencher semelhante lacuna, do que *o caso da Laura Medeiros*? Poderia até dar ao livro esse mesmo titulo, para com mais clareza e vigor significar os seus intuitos de observador imparcial e frio, que trabalha impessoalmente sobre o *documento humano*, isento de preocupações idealistas e de caprichos inventivos de fantasias inverosimeis. Dispunha-se apenas a commentar um facto trivial, um incidente caracteristico na sua banalidade rotineira, desses que diariamente se produzem no revolutar kaleidoscopico da vida.

E nem se lembrava o ingenuo de que esse novo modo de encarar a situação, bri-

gava berrantemente com o seu criterio anterior, que lhe fazia ver na heroína do romance sonhado um typo anormal e raro e, por consequencia, encarar, tambem, como anormaes e raros, todos os seus actos.

Vinha em seguida de novo estadeada a sua velha paixão *jacobina*, o seu odio disfarçado ao portuguez, que tão serios embaraços lhe iam outrora creando, no começo da sua carreira academica. Faria do Xandico, do intrigante calumniador e perverso, um portuguez genuino, emigrado da *terra* aos dez annos, na ambição sordida de fazer fortuna, demandando de preferencia o Brasil como o theatro mais apropriado e mais commodo ás suas façanhas de ganhadeiro ganancioso. Estudaria nessa febre de riquezas, que annualmente atira ás plagas brasileiras milhares de portuguezes expatriados, a degeneração morbida do antigo genio aventureiro que outrora levava os seus antepassados ás grandes explorações e descobertas maritimas, que abrem os tempos modernos.

Apresentaria depois o Xandico, a principio com uma bodega immunda, lá para as bandas do Portinho, roubando escandalo-

samente no peso e na qualidade dos generos que vendesse e arruinando, á custa de intrigas nojentas e da protecção surda dos patricios do grosso commercio, um pobre rapaz, trabalhador e honesto, que se lhe viera estabelecer nas visinhanças, mas que tinha contra si o grande inconveniente de haver nascido no Maranhão. Mostra-lo-ia prosperando a olhos vistos, abrindo caderneta na Caixa Economica, fazendo aquisição do pardieiro infecto onde estabelecera a quitanda e de mais umas *portinhas e janellas* que lhe ficavam contiguas, comprando acções do Banco de Credito Rural, começando a ser cortejado e recebido na roda dos grandes financeiros, ao passo que o rival, o maranheese nato, arruinava-se vertiginosamente, terminando por entregar aos credores o estabelecimento, e fazer saltar com um tiro os miolos.

Decorridos alguns annos, viria o homem estabelecer-se á Praia Grande, com um grande escriptorio de commissões e consignações, continuando a praticar *por grosso* as suas antigas escamoteações *a retalho*. Entraria na politica, fazendo zumbaias aos Presidentes da Provincia e comprando, á cus-

ta de donativos para o fundo de emancipação da escravatura, um titulo honorifico qualquer, um baronato ou uma commenda.

Quando explodisse a lucta da Laura com as Irmãs do Asylo, elle, como bom e fiel portuguez, amigo incondicional de todas as autoridades bolorentas, synthetisadas no throno e no altar, abraçaria logo o partido das ultimas, servindo-se do seu dinheiro e da sua posição para arruinar a primeira e todos os mais que a acompanhassem, que seriam exactamente os republicanos e os nativistas do logar.

Finalmente, quando a velhice lhe batesse á porta, liquidaria todos os seus haveres e voltaria a Portugal, a fazer figura na sua aldeia e a rir-se com vontade de todos os incautos e imbecis que lhe haviam servido de degrãos, para galgar as culminancias dinheiras a que chegara.

Os outros comparsas do *caso* igualmente lhe serviriam para discutir um problema de interesse palpitante, ou pôr em evidencia um principio de moral social. Mas o que elle não dizia, e nem sequer dava a entender, era que cada um desses problemas e cada um desses principios nenhum outro in-

teresse lhe apresentaria a não ser o de vehicular, caso chegasse a escrever o romance, os seus resentimentos e as suas opiniões pessoases de filho de portuguez e antigo discipulo de jesuitas, isto é: de jacobino encarniçado e atheu de profissão. Para o caso actual, visavam, alem disso, um outro fim: o de me illudir a respeito dos seus verdadeiros sentimentos com relação á Laura, da verdadeira natureza da impressão que lhe havia causado ao espirito o proceder da rapariga.

Mas eu conhecia de sobra o Carlos, e a sua excessiva impressionabilidade, e o seu congenito feitio sentimental e idealista. E tive logo a certeza de que, apenas elle conhecesse a Laura, e verificasse que a sua belleza physica correspondia plenamente ou talvez mesmo ultrapassasse o typo ideal que com certeza já havia attribuido á rapariga—porque o sabia incapaz de conceber uma alma perfeita uum corpo defeituoso—, o tal culto impessoal a um determinado grupo de sentimentos e de principios se transformaria logo na mais violenta e na mais impetuosa das paixões amorosas, tirando dos proprios obstaculos que se lhe

erguessem em frente os mais seguros elementos de vida e de triumpho.

E com essa resignação que sempre nos acomette ante as situações irremediaveis, sobretudo quando não é o nosso proprio bem estar que nellas se acha compromettido, guardei a carta do Carlos e dispuz-me a esperar calmamente os acontecimentos, prompto, comtudo, a nelles intervir abertamente, caso dessa minha interferencia dependesse a segurança da felicidade do meu inesquecivel amigo.

## XXXII

—Que não fôsem atraz daquellas tiradas brilhantes, mas paradoxaes... O Carlos de certo não sentia a decima parte do que affirmava. Queria apenas, de antemão, dar o valor exacto do futuro advogado, mostrar de que recursos dialecticos poderia dispôr para salvar alguma causa difficil que lhe fôsse confiada...

E o Dr. Manhães, muito correcto e muito limpo, cruzou as pernas, soprando para o ar uma nuvem de fumaça, arrancada ao seu aromatisado charuto.

Era no terraço do Commendador, em

seguida ao jantar íntimo com que fôra celebrada a chegada do Carlos, para passar as férias do quarto anno, após a brilhante distincção obtida em todas as materias que lhe compunham o curso.

Achavam-se presentes, alem dos donos da casa, do futuro bacharel e dos respectivos parentes, o antigo magistrado, o conego Sarmiento—actual director espiritual da familia— o Viegas, que havia pouco salvara a D. Ignez de uma bronchite asthmatica, e mais uns tres ou quatro negociantes, amigos do Menezes.

A conversa, habilmente conduzida pelo Carlos, desviara para o escandalo recente, que ainda empolgava, embora com menos violencia, a opinião publica da terra. Cada um acrescentava o seu bocadinho ao caso, sentindo-se orgulhoso em offerecer á curiosidade dos parceiros um detalhe novo, por elles ainda desconhecido.

O Viegas, então, foi profuso e minudente, na descripção da molestia da Marianna. Contou os seus esforços e a sua bôa vontade para salvar a enferma, esforços e bôa vontade que, infelizmente, ficaram improficuos, devido á falta de constancia da paci-

ente e á desastrada interferencia do Dr. Palhares. Se não fôsse isso, dogmatisava o velhinho, muito convencido e muito senhor de si, estaria hoje a mulher sã e salva e muitos desgostos e muitas contrariedades teriam sido por esse modo evitados.

—Mas, qual ! declarou encolerizada a D. Ignez, ao passo que o Conego Sarmiento inclinava ligeiramente a cabeça, num ar de assentimento; pois se a desvergonhada já andava premeditando aquelle pretexto para de novo trazer a filha para casa... Agora, com que intenções é que ella não sabia... Deus a defendesse de fazer juizos temerarios !...

—Oh! minha mãe! Não diga isso! Aquella mulher é uma heroína, digna da admiração e dos applausos de todos! contrapoz calorosamente o Carlos.

Houve um susurro de escandalo na roda... A Marianna uma heroína? Mas então elle não sabia do que houvera, não estava ao facto do que se passara, deixara-se levar por informações falsas e adrede espalhadas por individuos mal intencionados, que queriam a todo o transe tirar a razão dos que a tinham.

—Tu não sabes de nada, meu filho, porque andavas por fora... Isto foram informações de amigos *só de nome*, fez a D. Brigida, uma tia materna do Carlos, solteirona e beata, atirando-me, disfarçadamente, olhadelas furiosas.

Mas o rapaz teimava, cada vez com mais calor e com mais entusiasmo:

—Illudiam-se redondamente os que o suppunham mal informado. Pelo contrario, elle buscara com toda a imparcialidade orientar-se, colher dados minuciosos e exactos, afim de poder com segurança firmar o seu juizo a respeito. Aquelle caso interessava-o muito particularmente, como symptoma de um estado morbido social queurgia corrigir. Mas isso não vinha a proposito agora. Tratava-se apenas de uma pobre mulher do povo, enferma e miseravel, a quem imputavam como um crime o sentimento mais natural deste mundo: desejar ter ao seu lado, para a tratar e para cuidar della, a sua filha unica...

—Mas, Carlos, attende bem para a qualidade dessa mulher: uma mulher perdida, uma desbriada, que sempre vivera no peccado... explicava muito interessada a D. Ignez.

—E', concordava o Conego Sarmiento, dispondo-se a sorver uma pitada; uma pecadora impenitente, uma creatura de má vida, que só poderia dar á pequena exemplos muito pouco edificantes...

—Ah ! eis ahi finalmente o ponto a que eu queria chegar !

E o Carlos poz-se de pé, magestosamente bello, aclarado em cheio pela luz projectada da varanda pelo largo portão escancarado, formando-lhe, ao redor do corpo musculoso de athleta moço, um halo resplandecente e glorioso. As palavras irrompiam-lhe dos labios, claras, vibrantes, sonoras, acordando, num echo repercursor e largo, a grande paz serena do jardim adormecido ao luar. Com os olhos humidos, os labios frementes, o gesto aggressivo, apostrophava os circumstantes, bruscamente emmudecidos de pasmo ante aquella inesperada attitude do academico.

—E se eu lhes dissesse que essa pobre mulher, sobre a qual atiram agora, em nome da religião e da moral social, os mais infamantes labéos e as mais negras accusações, que essa infeliz creatura a quem negam neste instante até mesmo o direito de

ser mãe e de amar o ser gerado nas suas entranhas, é talvez mais digna do nosso respeito e da nossa compaixão do que toda a sociedade mystificadora e perversa que a expulsa escandalisada do seu seio? Se eu lhes affirmasse, meu pae, minha mãe, sr. Conego Sarmiento, se eu lhes affirmasse que nenhum dos senhores tem o direito de lhe exprobar a abjecção a que desceu, porque a cada um cabe, por sua vez, uma particula de responsabilidade nessa queda?

Um fremito de escandalisado panico percorreu o auditorio. Entreolharam-se todos, boquiabertos, fulminados, como que na ancia de encontrar nos olhos dos outros a explicação daquella insolita e brusca aggressão. A maior parte não percebia ainda bem o verdadeiro sentido das palavras do academico, mas tinha a intuição inilludivel de que uma absurda enormidade ali fôra proclamada, e de que outras peiores ainda lhe viriam dentro em pouco ferir os tympanos. A D. Ignez levou as mãos ambas á cabeça, fitando aterrorisada o filho; o Comendador torceu-se na cadeira, a alargar o collarinho, como se receiasse a asphyxia; a pitada do Sarmiento ficou em meio caminho

das ventas, comprimida entre o polegar e o indicador; a D. Brigida benzeu-se assustada e o resto dos palestrantes dava igualmente signaes evidentes de quem se vê forçado a pisar sobre brasas.

Foi então que o Manhães, o mais calmo de todos, justamente por ser tambem o mais intelligente, teve aquella frase de desculpa e de conciliação.

Mas, o Carlos, em acto continuo cortou-lhe o almejado effeito das palavras:

—Engana-se, Dr.; nunca falei tão serio na minha vida. O que acabo de dizer é a manifestação franca e núa do meu modo de pensar. Aquella mulher é uma victima da moral de convenção e da religião degenerada dos nossos dias. Qual é afinal de contas o grande crime que lhe imputam ? Ter-se deixado embahir, na incauta innocencia da mocidade, por uma frase de amor, promissora e cantante, que lhe soprou aos ouvidos um qualquer lovelace de esquina... Quando voltou a si do engano, era tarde de mais para retroceder... Perdera...—como o devo dizer agora, sem ferir a pudicicia dos ouvidos que me escutam ?—perdera... *a integridade physiologica*, se assim me posso

exprimir, que vem a ser, afinal de contas, o unico attestado valido de virgindade que o mundo acceita sem discutir. Porque é tambem esse o unico estupro que o Codigo pune... O outro, isto é: o desfloramento moral, a campanha torpe da seducção, a infiltração subtil numa alma de virgem do veneno da prostituição, tudo isso não passa de peccadilhos veniaes, de faltas desculpaveis a que a sociedade e a lei cerram os olhos, desde que se não traduzam no acto material. É mesmo quando este se produz, só a sancção penal é que apanha o homem; a outra, a da sociedade, é exclusivamente sobre a mulher que se faz sentir. Ora diga-me cá uma coisa: o sr. consentiria que um filho seu desposasse uma mulher violada por outro, fóra da sancção matrimonial? Nem é preciso falar, tenho a certeza absoluta de que será negativa a sua resposta. Mas se uma filha sua se quizesse casar com um rapaz de bôa familia, rico, sadio, em bôa posição, mas que já houvesse... *desencabeçado* duas ou tres rapariguinhas do povo... loucuras de rapaz... irreflexão da idade... comprehende-se, não é assim?—veria o sr. nesse facto um motivo serio e poderoso pa-

ra negar á sua filha o consentimento pedido ?

O Manhães fizera-se vermelho, percebendo o terreno firme pisado pelo interlocutor; mas não se queria pronunciar, achava mais commodo guardar na discussão uma posição neutra, sem se comprometter...

—Homem, isso são coisas que a gente não pode responder assim de pancada... E' preciso examinar, ponderar...

—Qualexaminar, nem qualponderar, interrompeu o Carlos, esquentando-se de novo. O sr. consentiria no casamento, porque aos seus olhos, como aos olhos de toda a sociedade actual, o homem que a frio, de caso pensado, seduz uma virgem, desde que essa infeliz occupe posição social inferior á sua e que a justiça publica o não apanhe, provocando assim o escandalo, continúa a encontrar abertas deante de si todas as portas e... todos os corações... Agora, com a mulher, o caso é outro: a que uma vez cahio, embora se verifique que foi o mais falaz e o mais traçoeiro dos engôdos, por parte do seductor, a causa dessa queda, só acha defronte de si uma porta aberta: a da

prostituição. Todas as outras lhe são logo virtualmente trancadas.

—Ainda ha outra, objectou o conego Sarmiento: a do arrependimento.

O Carlos teve uma gargalhada estri-dente ao encarar o clerigo, que encordoou deveras.

—Com que então, sr. conego, ainda resta para a desgraçada a porta do arrepen-dimento ? Ora muito bem ! Mas a que cha-ma o sr. afinal de contas arrependimento ?

—Ora este não está má ! gaguejou o co-nego, cada vez mais enfiado... Mas... todo o mundo sabe o que vem a ser o arrepen-dimento... E é até para admirar que o sr., educado por uma mãe tão catholica...

—Alto lá ! interrompeu aggressivo o Carlos; a minha educação religiosa nada tem a ver com o assumpto de que se trata. Quero apenas que o sr. conego Sarmiento me defina, com precisão e com clareza, que vem a ser o arrependimento...

O Sarmiento torcia-se todo, numa gana surda de estrangular o bonifrate que tão ir-reverentemente o atanazava...

—O arrependimento... declarou por fim, com voz mal segura que a raiva contida fa-

zia tremer; o arrepenhimento... é a consciencia do peccado commettido, seguida do firme proposito de o não tornar mais a repetir...

—Mas é esse exactamente o caso da mulher de que agora nos occupamos...

—Não ! vociferou o Sarmiento, como se houvesse afinal encontrado o argumento de que carecia para esmagar o adversario; essa mulher deixou apenas de continuar no vicio—se é que o deixou, porque nada disto sabemos positivamente—mas ignoram-se os motivos que a semelhante procedimento a levaram, assim como não sabemos tambem se houve da sua parte um arrependimento sincero e o proposito inabalavel de não reincidir...

--Quer dizer na sua, completou o Carlos, accentuando bem as palavras, num ar ferino e insultuoso de ironia, que ella o não foi procurar, nem a nenhum dos seus collegas, para que a remissem das culpas passadas e a aconselhassem na trilha a seguir... Pois é pena, na verdade, porque creio que o sr. conego Sarmiento ha de ser um optimo conselheiro para as Magdalenas arrependidas...

—Carlos ! fez o commendador reprehensivo e sisudo, emquanto a D. Ignez rompia a chorar e o Sarmento punha-se de pé, fulo de raiva, interrogando provocadamente:

—Que quer dizer com essas palavras ? Explique-se...

Foi um reboiço indiscriptivel na roda; ergueram-se todos açodadamente, procurando acalmar os animos dos dois contendores. A D. Ignez veio abraçar-se soluçante com o filho, ao passo que o Manhães buscava por todos os meios chamar á razão o conego Sarmento, que esbravejava furioso, a declarar que fôra cobardemente insultado naquella casa e que lá não poria mais nunca os pés.

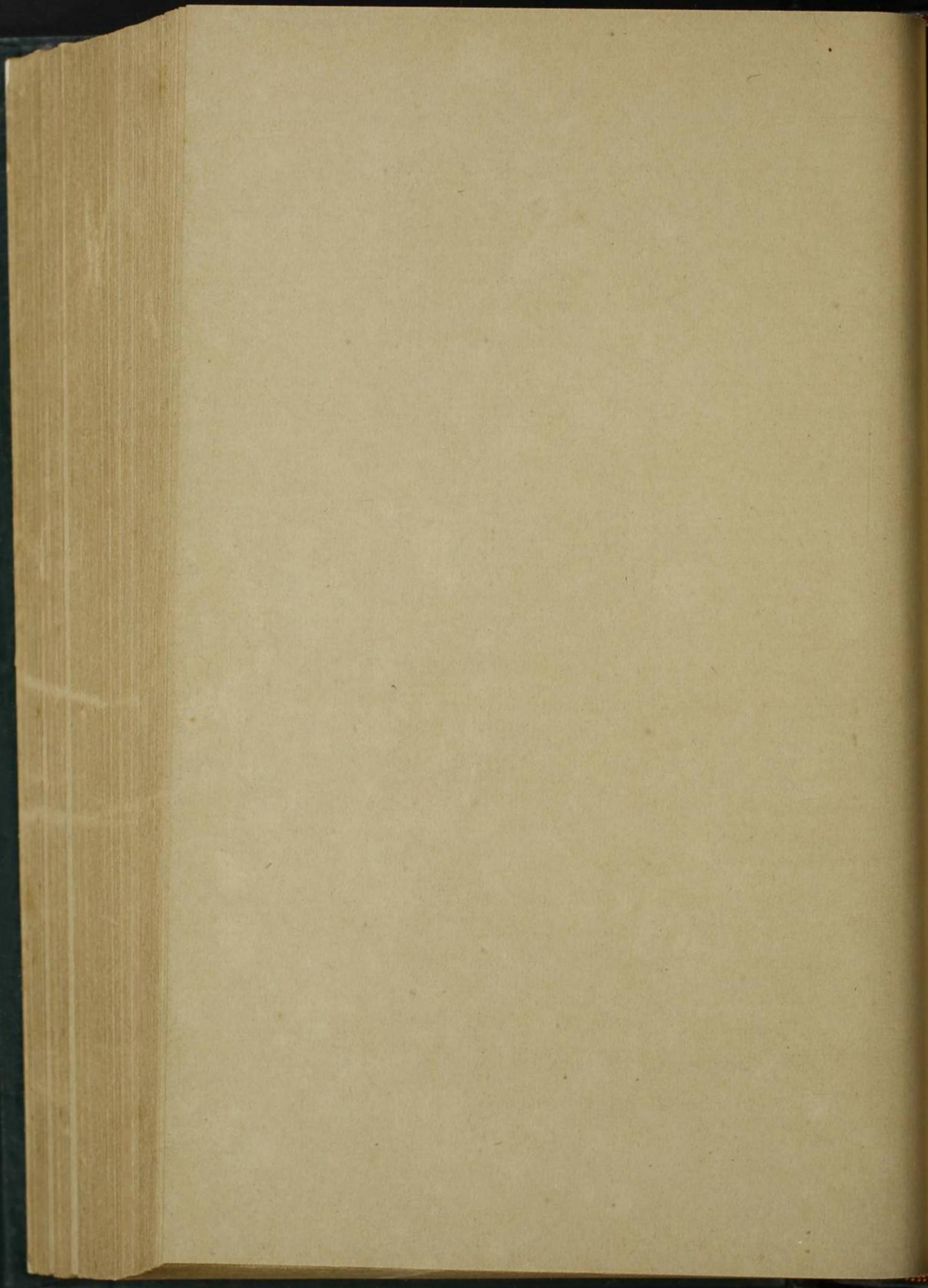
A D. Brigida, tropeçando pelas cadeiras, correu a encerrar-se no oratorio, a pedir aos santos que a poupassem, ao menos a ella, no tremendo castigo que iriam infligir áquelle desacato a «um santo ministro do Senhor».

O Viegas, cada vez mais pisco, cheirava sofregamente um frasquinho de desinfec-tante de que nunca se apartava e que bem bons serviços já lhe havia prestado em ou-

ras entaladelas eguaes.

Afinal, o Carlos, cedendo ás instancias chorosas da mãe e do pae approximou-se do conego e pedio-lhe gôchemente que lhe desculpasse aquellas palavras, escapadas no fogo da discussão, declarando-lhe que a sua intenção não fôra por forma alguma offende-lo.

O outro deu-se apparentemente por satisfeito, mas nas olhadellas que deitou ao academico, em todo o resto da noite, luzia disfarçadamente esse inveterado odio theologico, a cujo clarão comburente se accenderam outrora as fogueiras da Inquisição...



### XXXIII

—Dize-me uma coisa: onde poderei conhecer a Laura ? foi a primeira pergunta que me dirigio o Carlos, quando na manhã seguinte, logo ás oito horas, me invadio o quarto, arrancando-me ao mais delicioso dos sonhos.

—Oh ! animal, pois então não te basta teres-me hontem feito presenciar áquelle revoltante escandalo, ainda me vens roubar á delicia de um sonho que com certeza se não repetirá tão cedo ?

E espreguicei-me na cama, buscando reagir contra o estremunhado entorpeci-

mento que me punha nos nervos uma adoravel lassidão.

—Avalia que eu me achava transformado em Imperador da China, no mui poderoso e mui sagrado Kang-chi I, contemporaneo de Luiz XIV, ditando, do alto do meu throno de porcelana azul, a uma multidão de copistas de rabicho, o meu inegalavel dictionario, destinado a...

—Vae para o diabo que te carregue, tu, e mais a tua China e mais o teu dictionario !... interrompeu o Carlos.

—Oh ! filho, então nem sequer me permittes o direito de vasar num peito amigo a confidencia das minhas grandezas sonhadas ?

E, repellindo o lençol, ergui-me do leito.

—Se estás disposto a fazer pilheria, vou logo declarando, para o teu governo, que não me acho, eu, disposto a atura-las... Responde a minha pergunta, e deixar-te-ei em paz, a reatar o sonho interrompido...

—A boas horas ! Depois que me pilhas de pé... Com que então, ardes em desejos de conhecer a pequena hein ? Para documentar o romance, já se vê, para te appro-

ximares o mais possível da verdade no debuxo do physico da respectiva heroína... Interesse puramente literario, não é verdade?

—Jayme, tu és meu amigo, não é assim? E não tens portanto vontade de brigar commigo? Nesse caso, deixa de parte as brincadeiras e falemos seriamente...

—Mas eu creio que ainda me não ri?... Em summa, já que o queres, vamos falar serio. Creio que o unico logar em que podes ver a Laura á vontade é na capella do Hospital...

—Na capella do Hospital?!

—Sim... Ha lá todos os domingos, ás sete da manhã, uma missa a que a rapariga invariavelmente assiste... Ora, amanhã é exactamente um domingo... Passa por cá ás seis e meia e vamos os dois ao Hospital...

—Está feito e muito obrigado...

—Sim, mas não te vás ainda, vamos conversar um pouco, tenho muito que te dizer...

E pr'a ali ficamos os dois a palestrar a manhã inteira.

A impressão produzida no espirito do Carlos por todos os incidentes de que fôra centro a Laura Menezes, aggravara-se as-

sustadoramente. A sua imaginação de romantico incorrigivel galopara á redea solta n'aquelles poucos mezes, e a prova do fundo interesse que lhe inspirava já a rapariga residia n'aquella insolita aggressão da vespera, ao conego Sarmiento. Todos os recursos da minha dialetica foram impotentes para o demover do seu proposito.

—Não te sei dizer ao certo se a amo já; mas o que te posso garantir é que a sua imagem não me abandona o espirito por um só instante que seja.. Tenho-a sempre presente á imaginação, cada vez mais formosa e mais digna, promettendo thesouros de ventura ao homem que lhe acordar o coração... Emfim, amanhã será decidida a minha sorte...

E não se illudio o Carlos: foi, com effeito, naquella brumosa manhã de Dezembro que a sua sorte se decidio, porque foi nella exctamente que o seu engodo sentimental e platonico bruscamente se transmudou na mais impetuosa e na mais violenta das paixõs.

Quando deixámos o Hospital, em seguida á missa, a que a Laura, como de costume, assistira, no seu simples vestido de

cassa branca, sem um atavio e sem um enfeite, mas que lhe modelava admiravelmente as formas de uma perfeição de estatua grega, fazendo realçar ainda mais a sua impecavel e nobre formosura, vinha o Carlos doido de entusiasmo, trazendo indelevelmente gravado n'alma o olhar rapido que ella lhe lançára á sahida, como se tambem por sua vez se sentisse agradavelmente impressionada pela sua linha elegante e fina de rapaz da moda.

E tive de o aturar o dia inteiro, porque fomos almoçar ao Central e em seguida percorrer a cidade, ora a bonde, ora a pé, até ás horas do jantar. E se não fossem uns convivas de cerimonia, cuja fome deveria o Commendador matar nessa tarde, com um lauto e variado jantar, a que o filho foi forçado a assistir, creio que entrariam pela noite as suas confidencias e as suas expansões.

Um amor como aquelle, dizia o Carlos, deveria fatalmente terminar no matrimonio; nem outra solução se lhe antolhava capaz de lhe offerecer uma satisfação ennobrecedora e digna. Elle bem sabia as dolorosas consequencias que semelhante acto lhe a-

carretaria; não ignorava de certo a furibunda opposição que lhe fariam todos os seus, amarrados ao preconceito, imbuidos de uma moral de convenção, caricata e falha, todos cheios de fumaças ridiculas de fidalguia, sonhando para elle uma alliança de dinheiro e de posição. Mas eu deveria concordar que seria uma repugnante cobardia sacrificar a semelhantes principios a sua felicidade e o seu futuro. Amava a Laura desde em antes de a conhecer, e agora, que a vira já, sentia que nunca mais teria forças para arrancar do coração aquelle amor. Ella... elle não o sabia ainda, não o poderia affirmar ao certo..., mas um palpito, secreto e grato, punha-se a segredar-lhe aos ouvidos, que ella tambem lhe viria retribuir em breve aquella affeição; nestas condições, para que fazer a desgraça dos dois, quando ao alcance das mãos lhes estava a ventura e a paz?... O Commendador esbravejaria, a D. Ignez, a D. Brigida e o resto da parentela e das amizadas pelo mesmo consequente... Haveria luctos de familia, envergonhadas tristezas domesticas, mas tudo afinal passaria quando o vissem feliz, ao lado de uma esposa casta e digna, cerca-

do de uma prole vigorosa e bella...

Deixei-me tambem, insensivelmente, ganhar pelo calor entusiasta que das palavras do Carlos se desprendia. Que diabo! O rapaz, afinal de contas tinha, toda a razão e a Laua era com effeito merecedora de todos os sacrificios para lhe assegurar a felicidade. Soffrera já tanto, coitadinha! E, agora mesmo, como lhe deveria ser rude a vida, partilhada entre os cuidados da enferma, cuja molestia se aggravava a olhos vistos, e o trabalho do qual retirava o sustento para as duas! Eu sabia, pelo Malheiros, um antigo companheiro de Lyceu, e agora amanuense da secção do Fialho e em quem este ultimo dspositava a mais cega das confianças, das serias difficuldades em que se via a rapariga para levar ao cabo a nobre missão que tão galhardamente tomara sobre os seus hombros de virgem desprotegida e fraca. Vivia informado dos actos diarios de heroismo que punha em pratica, na sua lucta homerica com a miseria. E toda a recolhida admiracão e todo o culto secreto que me inspiraram sempre semelhantes revelações, se extravasaram n'aquella hora, irresistiveis e calorosos.

E' bem possivel que para semelhante exteriorisação contribuissem, em não pequena dose, o optimo vinho e os aromatizados licores do almoço.

Mas, fòsse como fòsse, o certo é que eu puz-me a traçar ao Carlos o mais bello dos panegyricos da Laura, reproduzindo-lhe, por miúdo, toda a sua historia passada, tal como me havia chegado aos ouvidos. E —para que nega-lo ? ninguem me ouve agora e o papel é discreto—augmentei mesmo alguns detalhes, que mais em evidencia puzessem a superioridade da rapariga e a asquerioridade moral dos que a perseguiram. O Xandico, então, metteu-se, da minha parte, na mais tremenda das descomposturas. Contei horrores do velhote, pintei-lhe o moral com as côres mais negras d'este mundo, apresentei-o com o um monstro de abjecções e de torpezas, e por pouco que o não responsabilisei por todos os crimes praticados no Maranhão n'aquelles cincoenta annos mais chegados, desde o assassinato e o alto roubo até ás leves injurias pessoaes e ao furto de gallinhas. E de tal forma me houve nessa impiedosa demolição do proximo ausente, que o Carlos che-

gou a propor-me que fossemos juntos e sem mais demora quebrar-lhe a cara n'aquelle mesmo instante.

Felizmente, porem, ignoravamos ambos o paradeiro do Xandico áquellas horas e ficou porisso o velho de cara intacta e nós a coberto das intervenções inopportunas da policia.

Já para a tarde, á proporção que ia o sol declinando no ceu, no meu espirito se iam tambem dissipando os vapores do vinho, de forma que pude afinal, a sangue frio, encarar a situação.

Sem, nem por sombras, buscar dissuadir o Carlos dos seus projectos matrimoniaes—mesmo porque seria trabalho perdido tentar semelhante esforço — puz-me comtudo a aconselha-lo, a mostrar-lhe a imprescindivel necessidade de conservar tudo, por emquanto, no mais absoluto sigillo. Elle, de certo, só se poderia casar depois de formado, não era assim ? Pois então que se conservasse quieto até áquella data, evitando que os seus intentos transpirassem. Deveria até empregar todos os esforços ao seu alcance para desviar desse terreno as suspeitas dos progenitores e de toda

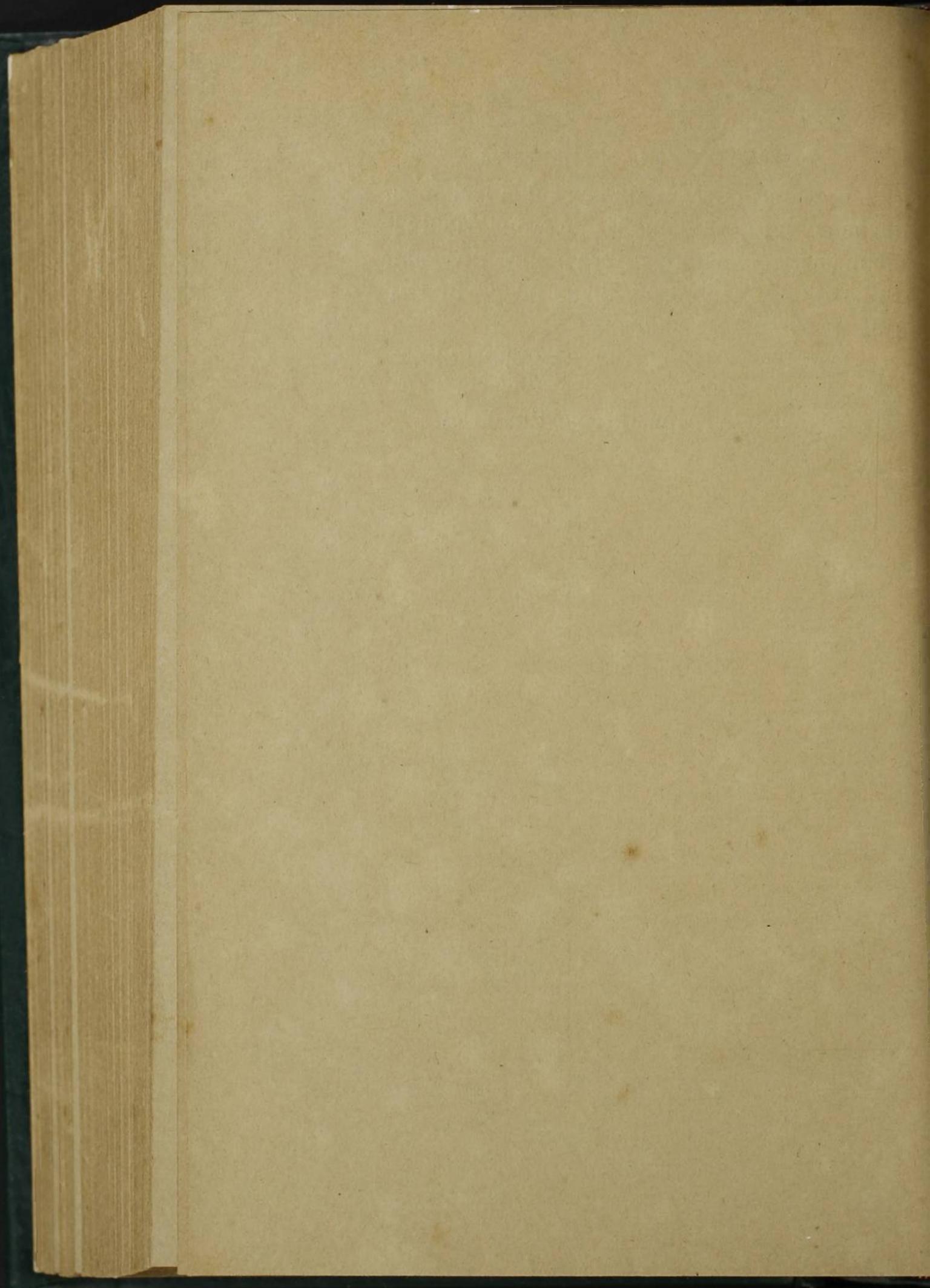
a parentela. Já não dizia por elle, mas pela rapariga, por amor da sua tranquillidade e do seu socego. Que avaliasse só de quanto não seriam capazes contra ella os seus antigos inimigos se a suspeitassem, de leve que fôsse, em vespervas de contrahir um enlace tão vantajoso e que a vinha definitivamente pôr a coberto, de uma vez por todas, das suas malevolas perseguições. Poderiam até inventar coisas, forjar intrigas, propagar mexericos, que o arruinassem de vez no conceito da Laura, tornando-lhe impossivel, ou, pelo menos, assáz difficil qualquer aproximação futura.

As minhas razões calaram fortemente no espirito do Carlos, de modo que elle, nessas curtas ferias, limitou-se apenas a procurar, de longe em longe, ver a rapariga, por occasião das missas do Hospital, buscando por todos os meios, em olhadelas furtivas e apaixonadas, que só ella percebesse, communicar-lhe a segurança do seu inalteravel amor.

Antes, porém, de embarcar para o Recife, a concluir o seu curso, deixou em meu poder uma longa carta destinada á Laura, onde lhe contava, em termos precisos e

dignos, sem os recursos reles dos lyrismos  
lorpas em que se comprazem a maioria dos  
namorados, o affecto nobre e puro que ella  
lhe soubera inspirar e o firme proposito em  
que se achava de a desposar.

Deixava ao meu criterio a opportunida-  
de em que semelhante carta deveria che-  
gar ás mãos da respectiva destinataria.



#### XXXIV

A molestia da Marianna fazia progressos assustadores. A paralytia estendeu-se-lhe por todo o corpo, tolhendo-lhe em absoluto os movimentos. Sobreveio-lhe uma inflammação de olhos, que lhe acarretou, dentro de muito pouco tempo, a perda total da vista. As faculdades intellectuaes, sobretudo a memoria, começaram tambem a resentir-se de palpaveis desequilibrios; era já com manifesta difficuldade que ella conseguia ligar certos factos do passado. As chagas escancaravam-se, purulentas e fetidas, e a cephalalgia, impiedosamente, co-

mo um circulo de ferro, lhe esmagava, noite e dia, os miolos.

O Dr. Palhares declarou-se impotente para obstar, mesmo provisoriamente, os progressos do mal. A syphilis galopava irrefreavel, minando, com uma rapidez assombrosa, aquelle organismo inerte. Quando a infeliz lhe supplicava que a livrasse daquelle tortura que a lacerava, o velho profissional tinha um encolher de hombros significativo, e vinha para fóra, declarar ao Filho, que quasi sempre lhe assistia as visitas, que a morte se encarregaria em breve de deferir aquelle pedido.

Todas estas coisas me eram contadas pelo Malheiros, cuja amisade passei com mais frequencia a cultivar, depois do embarque do Carlos, afim de viver sempre informado de tudo o que dissesse respeito á Laura. Pareceu-me que o meu dever era não retardar por mais tempo a entrega da carta que conservava em meu poder; ignorava a natureza dos sentimentos nutridos pela rapariga com relação ao meu amigo ausente, mas seria capaz de jurar que ella, de certo, se suspeitava já adorada por elle e que lhe seria immensamente grato ao coração e ao

orgulho, a certeza de ser amada por um rapaz tão fino e tão distincto. Alem disso, poderiam do pé para a mão surgir complicações inesperadas, que me difficultassem o desempenho da missão que tão cegamente me confiara o Carlos.

Por todos estes e mais alguns motivos, uma bella manhã, dirigi-me para a casa do Fialho, disposto a pô-lo ao facto da situação e pedir-lhe que fôsse o intermediario entre o Carlos e a afilhada.

O velho, que já me conhecia bastante, recebeu-me afavelmente e ouvio, calado e attento, a minuciosa exposição que lhe fiz dos sentimentos do Carlos, desde o seu entusiasmo inicial ao ser informado do procedimento da Laura, até á resolução definitiva que tomara, de ligar ao della o seu destino.

Quando terminei a narração, tinha o Fialho os olhos humidos de lagrimas, em todo o rosto se lhe pintava a commovida satisfação que lhe ia nalma, ao sentir-se tão lealmente comprehendido e appoiado.

—Eu já desconfiava de alguma coisa... declarou, decorrido um momento, e com um leve sorriso de penetração. E foi a pro-

pria Laura quem me lançou no espirito a primeira suspeita...

—Como assim? inquiri surprehendido.

—Oh ! e sem querer... Estas raparigas pensam que nós outros velhos não temos olhos, que é com a maior das facilidades do mundo que nos deixamos embahir pelas suas disfarçadas subtilezas... Eu só queria que o meu amigo visse o ar de indiferença e de pouco caso com que ella, um dia, depois de uma infinidade de rodeios manhosos, me atirou a pergunta: «Oh ! padrinho, o sr. conhece aquelles dois moços que ultimamente teem comparecido quasi sempre ás missas do Hospital, e que se collocam junto áquella porta fronteira ao lugar em que me <sup>o</sup>ajelho?» Eu, que já os havia visto lá, ao sr. e ao filho do Commendador, respondi-lhe affirmativamente e dei-lhe as informações precisas... Ella ouviu tudo, como se não prestasse lá muita attenção ás minhas palavras, e logo depois mudou de assumpto... Passados alguns dias, voltou de novo á carga e desta vez limitando a sua curiosidade ao Dr. Carlos... «Bom, murmurei com os meus botões, aqui anda mouro na costa... E o negocio é com o Commen-

dadorsinho e não com o outro»... E puz-me de atalaia, porque, devo confessar-lh'o, a minha primeira idéa foi muito diversa da que me nasce agora das suas declarações... Suppoz que o rapaz queria... abusar da pequena... Comprehende: ella tão pobresinha, tão desamparada, e elle tão rico, com tanta posição... Qualquer outro no meu caso pensaria da mesma forma, pois não acha?

Fiz com a cabeça um gesto affirmativo.

—E andei até por muito tempo apprehensivo com o negocio, sobretudo depois do embarque do seu amigo... A Laura extranhou a ausencia dos senhores por tres ou quatro domingos consecutivos, e não se poudo conter que me não viesse um dia, sempre de rodeio em rodeio, inquirir a respeito. «Não admira, pequena, que os não tenhas lá visto; um delles embarcou para fóra»...—«Qual dos dois?» perguntou-me ella com uma sofreguidão que não poudo dominar em tempo.—«O filho do Commendador, o Carlos, que foi para o Recife concluir os estudos», respondi-lhe.—«Ah!» fez ella, ao mesmo tempo que pelos olhos lhe passava uma nuvem quasi imperceptivel de descontentamento e de despeito. «Olá, resmun-

guei commigo, as coisas caminham mais depressa do que eu cuidava»... E fiquei triste, incommodado, prevendo já grandes desgraças futuras, porque o sr. bem sabe, hein ? pensando eu como pensava a respeito das intenções do seu amigo...

—Mas agora, sr. Major (esqueci-me de declarar em tempo: o Fialho era Major da Guarda Nacional); mas agora, sr. Major, declarei-lhe risonho, voltará de novo o socego ao seu espirito, pois bem vê que não podem ser mais puros nem mais tranquilisadores do que o são os intentos do Carlos...

—Ah! não ha duvida... não ha duvida... Por esse lado estou inteiramente descançado... Não ha duvida... Mas, diga-me cá uma coisa: e o Commendador, como encarará esse projecto do filho ?

—Oh ! o Commendador ha de espino-tear, botar a boca no mundo, exprobar a ingratição do filho, desmanchar-se em lagrimas e descomposturas..., mas nada disso demoverá o Carlos do seu proposito, asseguro-lhe... E, de resto, tudo ha de passar com o tempo... Será por ventura o primeiro casamento contra a vontade dos paes que se faz na terra, acabando depois a tro-

voadas na mais burguezia e na mais inoffensiva das calmarias ?

—E'... é, confirmava o Fialho abanando a cabeça. Mas olhe que a pequena já tem soffrido muito... E que não irão dizer della, coitadinha, quantas calumnias lhe não levantarão para a perder de vez no conceito do rapaz ? Pobre menina!...

E pelas faces do honrado velho as lagrimas desceram irrefreaveis, testemunhando o grande e apiedado amor que lhe soubera inspirar a afillhada.

—Não se affliga, sr. Major, não se afflija, por quem é... Deixe estar que desta vez as coisas não correrão tão facilmente como da outra... Ha um pulso de homem, vigoroso e moço, para tapar a boca aos calumniadores...

E, depois de uma pausa, continuei:

—Agora, precisamos andar em tudo isso, com a maxima cautela... O Carlos comprometteu-se commigo em dissimular o mais possivel, até o dia em que se sinta em posição de arcar com vantagens contra todas as difficuldades que se lhe antolharem... Por casa as suspeitas estão inteiramente desviadas... O rapaz tem até dado a enten-

der que já anda apaixonado por uma das ricas herdeiras que lhe reserva o Comendador... De forma que dahi perigo algum nos ameaça... O sr. Major entrega a carta a D. Laura, pondo-a tambem ao corrente de tudo... E o que houver me communicará... Olhe que é no proprio interesse della que o mais absoluto sigillo em todo este negocio se impõe...

—A quem vem fazer semelhante recommendação ? A mim, que por aquella infeliz menina serei capaz de tudo ? E olhe que já não tenho soffrido pouco por causa della...

E foi a unica allusão que dos labios do Fialho escapou, nessa longa conversa que commigo teve, ácerca da estupenda e revoltante campanha de infamia contra elle movida pelo Xandico e os seus sequazes, não havia ainda muito.

Despedi-me do velho, depois de obter a promessa de, dentro de breves dias, ser informado da resposta da Laura.

Infelizmente, porem, neste interim, a Marianna peiorou horrorosamente e eu não me senti com coragem de abordar de novo o Fialho. Seria uma incorrecção e uma indelicadeza imperdoavel ir exigir da rapari-

ga, naquelles amargurados dias, a resposta á carta do Carlos.

Ao fim de um mez, morria a Marianna, em meio dos mais horrorosos soffrimentos e a orphã era recolhida pelo Fialho á casa de uma irmã viuva, a D. Bertholeza, porque a mulher, a D. Anastacia, por forma alguma consentio que o velho trouxesse para a sua companhia a afillhada.

O Carlos, a quem communiquei por telegramma o fallecimento da velha e o destino da Laura, pelo primeiro vapor, endereçou-lhe, por meu intermedio, uma segunda carta, assegurando-lhe, naquella dolorosa emergencia, o seu inalteravel amor e fazendo-lhe o pedido official da sua mão.

Deixei decorrer o praso necessario para acalmar-se um pouco a dôr da rapariga, e fui de novo ao Fialho, com a carta.

Achei-o mais acabrunhado e mais triste do que nunca. Não se podia resignar áquella clamorosa injustiça da esposa, não lhe permittindo recolher, debaixo do seu tecto, a infeliz orphã que elle amava como filha.

—Quando entreguei a primeira carta á pequena, declarou-me, depois dos primei-

ros cumprimentos, tendo, porem, o cuidado de a pôr antes ao corrente da situação, pedio-me ella alguns dias para reflectir... Infelizmente, porem, a mãe peiorou logo, de forma que não mais nos pudemos occupar do assumpto... Eu mesmo tenho fugido de lhe falar disso, como fugiria até de a vêr, se possivel me fôsse, porque quasi que me falta a coragem de a encarar, coitadinha !... Mas, deixe estar, que hoje mesmo lhe vou levar a carta... Será até um conforto para o seu desgosto...

—Pode affirmar-lhe que o Carlos não a esquece por um só minuto que seja... Todas as cartas que me escreve veem recheiadas do nome della, da primeira a ultimã linha.

Dois dias depois, logo pela manhã, veio o Fialho procurar-me para me dizer que a rapariga acceitava o pedido do Carlos e que desde aquella data se considerava noiva do rapaz.

—Quero, porem, pedir-lhe uma coisa: consiga do seu amigo que realise o casamento o mais breve possivel... Eu não me sinto bem, e, se fechar os olhos, não sei qual será a sorte daquella triste...

E bruscamente, sem me dar tempo a responder-lhe, abalou pela porta fóra, curvado e tremulo, como se se sentisse já oscillando ao sopro enregelado da morte...

Vesti-me e corri ao telegrapho, a comunicar ao Carlos a agradavel noticia, que, em carta posterior, confirmei, recomendo-lhe a mais absoluta reserva a respeito. Não fôsse o rapaz, no aqodamento da alegria e do triumpho, commetter alguma indiscripção de que se tivesse de arrepen-der mais tarde... Lembro-me até de que foi nessa mesma carta que lhe transmitti a nova da morte do Athanasio, internado, havia tres annos, no Hospital da Santa Casa, desde o accesso de loucura furiosa de que foi acommettido, em seguida á publicação da sua extraordinaria *Grammatica Portugueza ao alcance de todos*.



### XXXV

Duas razões poderosas influíram no espirito do Carlos para, depois de formado, regeitar todas as brilhantes e promissoras collocações que se lhe offereciam e teimar n'aquelle inconcebivel proposito de ir distribuir justiça na Carolina.

Contava, por parte do commendador e da mulher, com a mais tremenda das opposições ao seu casamento com a Laura; tinha quasi como certo que o velho romperia com elle, realisando por inteiro a ameaça feita por occasião da apparição d'*A Nova Patria*, isto é: que lhe cortaria os viveres,

como o meio mais seguro de o render á sua contingencia, e porisso carecia de dispôr de recursos proprios, para levar por diante a sua rebellião.

Contava tambem com a plena acção da mexeriqueira curiosidade indigena, que de certo apanharia aquelle escandalo de familia como um pasto proprio a sua insaciavel bisbilhotice. Imaginava já o enxame de boatos que seriam postos em circulaçãõ, a messe farta de calumnias que se espalhariam pela a cidade, constituindo o assumpto obrigado de todas as rodas, o thema predilecto de todos os cavacos privados e publicos. E repugnava-lhe, depois de casado, continuar a respirar aquella athmosfera de escandalo, ver-se diariamente apontado nas ruas como um animal raro, como uma curiosidade digna de ser á vontade contemplada e admirada.

Ora, o melhor expediente que se antolhava para a consecuçãõ desses dois intentos, era exactamente a nomeaçãõ de juiz para aquella comarca longinqua do sertão. Internar-se-ia, com a Laura, por aquellas brenhas sadias e a capital que se revolvesse burlada na sua lama de intrigas.

E nenhuma das suas previsões falharam.

O Commendador quasi cae com uma apoplexia, quando o filho lhe veio desvendar os seus projectos. Houve entre os dois uma scena violenta, a que se vieram juntar a D. Ignez e a irmã, complicando a situação com um diluvio de lagrymas, e uma trovoada de guinchos hystericos.

A vizinhança acudio pressurosa, e, na tarde desse mesmo dia, estava a cidade cheia de haver o Carlos esbofeteado o pae, por lhe ter este negado o consentimento para desposar a filha de uma prostituta reles.

O Xandico entrou de novo em acção, a propalar coisas inconcebiveis ácerca do Carlos e da noiva. Não poudo porem, desta vez, ir mais longe nos seus habituaes manejos de calumniador e de intrigante, porque o Carlos, numa manhã em que o encontrou no Largo do Carmo, declarou-lhe, em tom firme e secco, que lhe partiria a cara na primeira oportunidade, se elle não puzesse um côbro na sua lingua damninha.

O Conego Sarmiento, fiel á sua missão de devotado director espiritual da familia, não abandonava a casa do Commendador,

sempre em conciliabulos secretos com as duas velhas, affectando modos unctuosos de conselheiro discreto e amigo. O Carlos que presentia no clerigo um adversario desleal e perverso, ardia em furia santa de lhe espatifar os ossos. Mas continha-se, por amizade e respeito aos paes.

Finalmente, quando o Commendador teve a certeza da improficuidade dos seus esforços no sentido de desviar o Carlos dos seus projectos matrimoniaes, trancou-lhe as portas, declarando-lhe que não mais poderia conservar debaixo das suas telhas um filho que tão ingratamente lhe deshonrava a velhice.

O rapaz, quasi louco de desespero, abandonou o lar paterno e veio para a minha companhia, activando pressuroso as formalidades necessarias para o casamento, que se realisou ao cabo de um mez, embarcando elle immediatamente para a comarca, em companhia da esposa.

O Menezes mandou, no dia do casamento, cerrar as portas da casa e teve a infantilidade ridicula, nos dias subsequentes, de se cobrir de lucto, como se na realidade lhe houvesse morrido o filho. A D. Ignez ati-

rou-se a uma cama, recusando os alimentos, chorando noite e dia e offerecendo a Deus *aquella tremenda desgraça, em remissão dos seus peccados*. Toda a creadagem andava na ponta dos pés, cochichando, com ares mysteriosos e lamurientos, buscando assim captar as boas graças dos patrões.

Os amigos e os conhecidos acudiam pressurosos a partilhar d'aquelle fundo desgosto domestico. Entravam com caras de enterro, a maior parte vestidos de preto, murmurando palavras banaes de animação e de consolo. Os homens iam abraçar o Commendador, pedindo interessadamente que não succumbisse á provação, que tivesse coragem, que affrontasse resignado a desgraça. As mulheres seguiam para o quarto da D. Ignez, guiadas pela solteirona que em caminho lhes ia fazendo a narração tragica dos successos, com uma espectacular profusão de gestos burlescos e de mimicas exageradas, assanhando-se toda como uma gata no cio, quando se referia ás *pagelanças* da Marianna e da filha para atrahirem o rapaz, coitadinho ! que se não soubera defender dos seus ardis. Mas ellas haviam de pagar tudo, olé se haviam !... ou,

então, não existia um Deus no céu ! A primeira já *là* estava a saber o que era bom... E a velha benzia-se, como se se sentisse também ameaçada pelas chammas comburentes da fornalha eterna... E a outra.., a outra não perderia muito por esperar... A sua vez chegaria... Pois então aquillo não era coisa que estava mesmo a pedir o castigo do ceu ? Lançar a desunião numa familia que vivia tão feliz, pôr naquelle triste estado uma pobre mãe ?...

E a D. Brigida levava o lenço aos olhos, gesto imitado logo pelas outras...

Mas, quando, terminado o desempenho do *seu dever de amigos*, retiravam-se os visitantes, logo nas escadas e antes mesmo de galgarem a porta da rua, iam cortando á vontade no Commendador, na mulher e na cunhada... Todos aquelles exageros não passavam de luxo de gente rica, de caprichos de quem não tem em que se occupar. Pois se aquillo tinha geito: só porque o rapaz realisara um casamento que era do seu agrado, levantarem toda aquella berraria ! Não tivesse a D. Ignez o batalhão de creadas de que dispunha, fôsse como muitas d'ellas que, se queriam ter a casa limpa,

não largavam a vassoura das mãos, e veriam as outras se lhe sobraria o tempo para aquelles mômos e para aquelles escarcéos...

E, ao ganharem a rua, tinham um longo suspiro de allivio, desafivelando logo a mascara bajuladora de compuncção com que haviam entrado.

Decorridos, porem, alguns mezes, o desespero dos velhos foi serenando, dando logar a sentimentos mais brandos e a reflexões mais sensatas.

Queriam sinceramente ao rapaz, amavam-no cegamente, e só a força brutal do preconceito é que lhes havia ditado aquelles rigores demasiados. Afinal de contas, o mal era sem remedio, o que estava feito se não podia desmanchar, e o melhor era aproveitar o primeiro pretexto que se offerecesse para perdoar o desobediente e fazer as pazes.

—Que aquillo até não ficava bem, dizia muito serio o Commendador á mulher, aquellas desuniões de familia prolongadas por tanto tempo... O rapaz dera a cabeça-da, fizera mal, não havia duvida... Mas, lá dizia o rifão: aguas passadas não moem moinho... O verdadeiro era pôr de vez um

termo final naquellas desavenças...

A D. Ignez, que ardia intimamente nos mesmos desejos, concordava logo com o marido. E se não tomavam os dois a resolução de porem logo em pratica os seus intentos, era por uns restos de pudor, movidos por esse sentimento invencivel que a Egreja denomina fulminadora de *respeito humano*. Tinham feito tamanho barulho por occasião do casamento, tantos protestos indignados haviam proferido, que seria uma vergonha irem agora de motu proprio e sem mais aquellas dizer aos que tinham presenciado toda a tragedia: «Vocês sabem? Nós estavamos mangando com vocês... Tudo aquillo não passou de caçoada e de arrufos ligeiros... O Carlos é nosso filho, a Laura é nossa nora e acabou-se, a gente não repudia o seu proprio sangue... Fiquem vocês agora p'ra ahi de cara á banda, que nós vamos direitinhos á reconciliação...»

Não, o mais prudente era esperar um pretexto para salvaguardar as apparencias.

## XXXVI

Em vez de um, foram dois os pretextos que se antolharam ao Commendador e á mulher para fazerem as pazes com o filho.

O primeiro foi o nascimento da filhinha do Carlos, a Marianninha, que elle immediatamente communicou aos paes numa longa carta, em que lhes perguntava se o sorriso da neta não teria forças bastantes para lhes varrer d'alma, de vez, os antigos resentimentos. Os velhos espinotearam um pouco com aquella idéa de dar o rapaz á filha o nome da antiga prostituta... Mas, emfim... quem perdôa o mais perdoa o menos.... El-

les, que já haviam esquecido a grave falta inicial, não se iriam agora enfurecer por aquelle innocente peccadilho.

O segundo foi a molestia do Comendador, que, repentinamente, ás duas horas da tarde de uma vespera de Reis, cahio, em plena rua da Estrella, com um ataque de apoplexia. Foi conduzido para casa a braços e logo medicado por quasi todos os facultativos do Maranhão. Ninguem se lembrou, na urgencia e no atarantamento da situação, de correr em busca do Viegas. Tambem, para esses casos graves, sempre era mais seguro recorrer aos profissionaes; quando mais não fôsse, descarregava-sea consciencia e fugia-se a remorsos futuros...

Já tarde da noite, quando os bandos alegres percorriam as ruas, a parodiar a visita dos magos do Oriente ao Deus Menino, foi que o Menezes voltou a si.

Ao recuperar o uso da fala, foi o nome do Carlos o primeiro que se lhe escapou dos labios. Commoeram-se immensamente os circumstantes e a D. Ignez, lavada em lagrimas, foi ajoelhar-se junto ao leito do marido, cobrindo-lhe de beijos as mãos e promettendo-lhe que Deus lhe restituiria a

saude, para poder ainda estreitar de encontro ao peito o filho e depositar, nas faces innocentes da Marianninha, o seu primeiro beijo de avô.

Pelos olhos do doente passou, fulgurando, um rasgado clarão de felicidade e de esperança...

—Ah! mulher, Deus te ouça! Manda chama-los quanto antes...

Estava vencida a grande dificuldade, transposto o pavoroso obstaculo... Quem poderia extranhar que um pae, ás portas da morte, desejasse perdoar a um filho desobediente e conhecer uma neta recém-nascida que nenhuma culpa tinha nas faltas dos progenitores?

E a carta seguiu logo, no primeiro vapor, instando como o Carlos para que se não demorasse e acudisse solícito ao appello paterno. Os mesmos amigos que haviam appoiado o Commendador na passada resistencia e censurado amargamente ao rapaz a sua rebellião, foram os primeiros a lhe escreverem agora, felicitando-o pela reconciliação e assegurando-lhe que nunca haviam cessado de o considerar e distinguir. Coisas do mundo, reviravoltas da vida

a que todos os mortaes vivem sujeitos e que a ninguem é licito censurar.

O Carlos, ao receber a carta da mãe, teve um fundo sobressalto de alegria e, sem mais delongas, poz-se logo a caminho da capital, com a mulher e a filhinha, ancioso por abraçar os paes, e ver por elles carinhosamente acolhidos os dois seres em quem exclusivamente se concentravam as suas ternuras de esposo e de pae.

Mas só em parte se lhe realisaram os desejos, porque á integridade absoluta de semelhante realisação se oppoz essa coisa pavorosa que parece ser o apanagio irreputavel do Brazil e, com especialidade, dos Estados do Norte: a distancia, em toda a sua desolação primitiva, sem o conforto attenuador da locomotiva, engulindo kilometros de solo ingrato com a mesma rapidez com que as endemias que o flagellam se infiltram nos organismos alienigenos que o affrontam.

Quando chegou ao termino da sua viagem, já não encontrou o pae, que succumbira tres dias antes, arrastando para o cemiterio, a acompanhar-lhe o enterro, muito menos gente do que a que reunira nos seus

salões, por occasião dos festejos da formatura do filho.

O primeiro pedido que lhe fez a D. Ignez, em seguida aos desabafos lacrimosos e ás confidencias, entrecortadas de exclamações e de soluços, da molestia do Commendador, foi que nunca mais se afastasse de junto d'ella, porque a pobre senhora carecia, para o desconforto da sua viuvez, da presença constante d'aquella trindade querida, em quem se deveriam agora concretisar todos os seus affectos terrenos.

Fez-lhe o Carlos a vontade, demittindo-se logo do cargo que com tanto ardor outrora ambicionara e installando-se, com a mulher e a filha, no palacete do Commendador, cercado da bajulação servil que o dinheiro infallivelmente determina em todas as latitudes do globo.

E, para doirar a sua preguiçosa inactividade, fez-se commanditario da antiga casa do pae, apparecendo de quando em vez pelo escriptorio a fumar charutos e a percorrer entediado os seus infectos e abafadicos cochicholos.

Dois annos depois, seguia a D. Ignez a fazer companhia ao marido e o Carlos, que

sempre ficara aborrecendo a terra desde os successos escandalosos do passado, liquidou os seus haveres e transferio a residencia para o Rio, sob o pretexto banal de cuidar da futura educaçao da filha.

A nossa correspondencia, assidua nos primeiros mezes, começou depois a rarear e, ultimamente, só nos conferimos mutuamente a honra de uma epistola, quando algum de nós tem necessidade de communicar ao outro coisas dignas de menção.

E' o que se deu agora, com esta carta do Carlos, recebida ha mais de um mez, e que fez derivar para o ponto culminante da sua vida a minha doentia evocaçao do passado.

Communicava-me nella que ia embarcar para a Europa, não só para se deleitar por algum tempo no convivio das civilisações superiores, como tambem para ouvir a opiniao de algumas notabilidades medicas ácerca do desenvolvimento physico da filha que se não fazia com a regularidade desejada.

Que galernos ventos o tenham conduzido ao porto do seu destino, como lhe desejou o Velloso, no *Jornal da Lavoura*, ao noticiar o seu embarque no Rio.

## XXXVII

Acabo de receber, datada de Pariz, uma angustiada carta do Carlos, em que o pobre rapaz, quasi louco de desespero, me comunica a desgraçada sorte que aguarda a sua infeliz e unica filhinha.

Os especialistas que a examinaram, foram concordes em affirmar que a triste creança é uma victima, irremediavelmente condemnada, dessa pavorosa lei da hereditariiedade syphilitica.

O terrivel virus que corroe a vida da Marianna, começa agora a manifestar-se na neta, sem que o possam deter, na sua mar-

cha ascensional de exterminio, nem os recursos colligados da sciencia dos homens, nem a ternura abnegada e extremosa dos paes !

«Avalia, meu amigo, a immensidade do teu desespero, diz-me o Carlos, se te viessem inesperadamente afirmar que uma das tuas filhinhas, justamente aquella que mais amasses, que com mais funda ternura estremecesses, deveria em breve ser roubada aos teus carinhos e ao teu amor por uma enfermidade asquerosa e invencivel; se te viessem dar a certeza inilludivel, formal, precisa, de que aquellas faces de lyrio fresco, por onde os teus beijos de pae avidamente passeavam, que aquelles labios rosados, onde diariamente os teus olhos viam surgir a aurora perennal da tua ventura, que aquelles bracinhos roliços que te enlaçavam amorosamente o pescoço, que aquellas mãos, avelludadas e pequeninas, que tantas vezes te afagaram os cabellos, que tudo aquillo emfim que constituia a razão unica da tua existencia, a unica explicação plausivel da tua vida, estava condemnado a transmudar-se em chagas repugnantes e fetidas, em ulceras purulentas que fi-

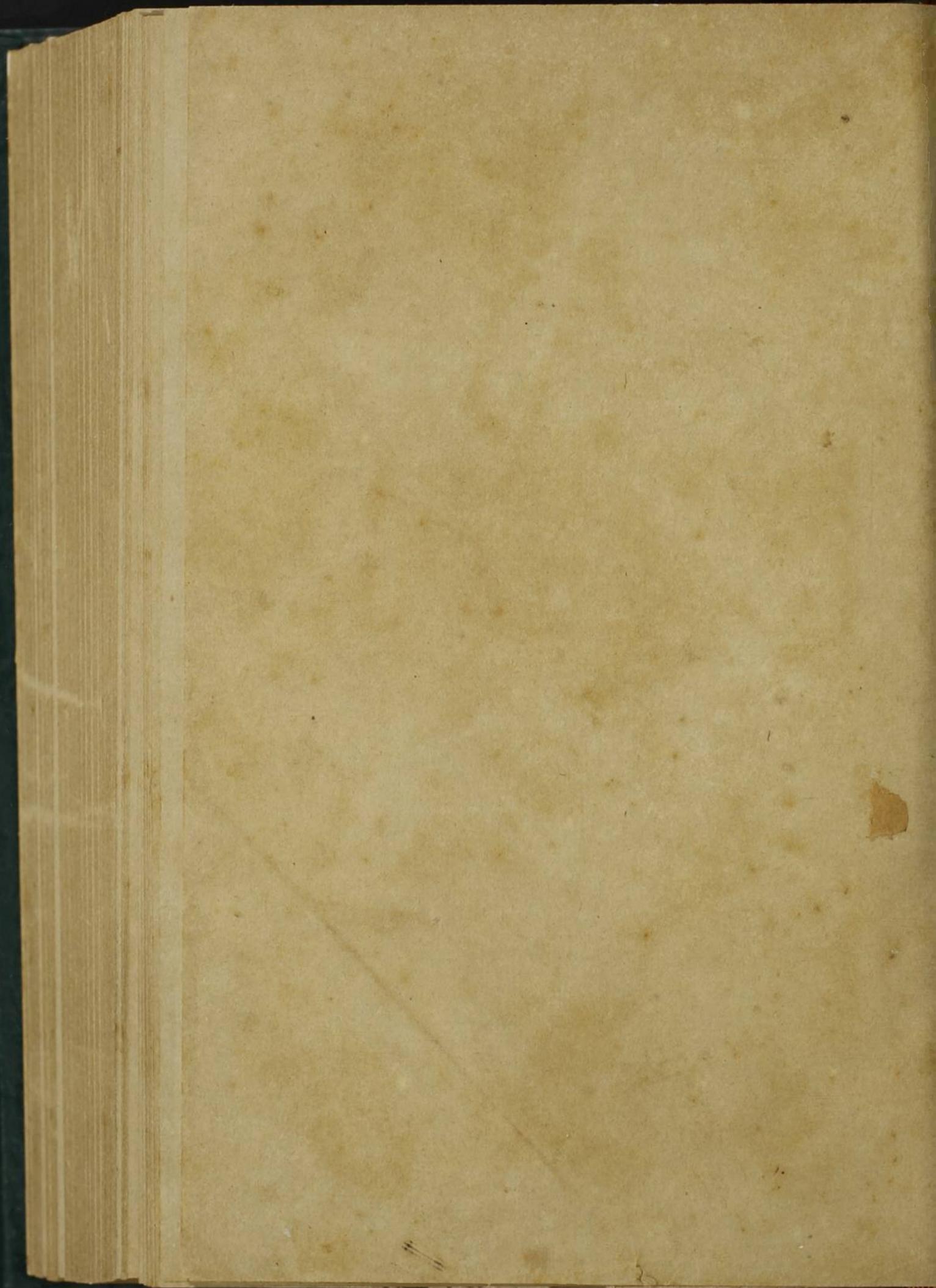
zessem recuar de horror e nojo todos os olhos que nellas se fitassem»...

E eu tremi de horror ao ler essa enlouquecedora spectativa que aos meus olhos desnudava o Carlos... E do fundo da minha alma dolorida, de envolta com uma immensa e commovida piedade pela desgraça que flagella nestora o mais querido dos meus amigos vivos, surgiu tambem a resignação e a paciencia para supportar o meu martyrio.

Que importam as minhas inquietações e as minhas coleras, os meus desesperos e as minhas insomnias, se os meus filhos vivem sadios e felizes ?

E termino aqui estas memorias desconexas e fragmentadas, maldizendo a imbecilidade congenita dos homens que ainda não fez do interesse pela integridade physiologica da especie a unica lei soberana que deve governar o casamento...

S. Luiz, Maio--Agosto, 1903.





2939



